

CONCURSO DE ARTES PLÁSTICAS

10 ANOS DE ARTE CONTEMPORÂNEA

KUNSTWETTBEWERB

10 JAHRE ZEITGENÖSSISCHE KUNST



GOETHE-INSTITUT
PORTO ALEGRE
INSTITUTO CULTURAL BRASILEIRO-ALEMÃO



**CONCURSO DE ARTES PLÁSTICAS
10 ANOS DE ARTE CONTEMPORÂNEA**

**KUNSTWETTBEWERB
10 JAHRE ZEITGENÖSSISCHE KUNST**



**GOETHE-INSTITUT
PORTO ALEGRE
INSTITUTO CULTURAL BRASILEIRO-ALEMÃO**

PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2009

Idealização

Reinhard Sauer,
Diretor, Goethe-Institut Porto Alegre
Adair Gass, Programação Cultural
Goethe-Institut Porto Alegre

Organização

Adair Gass

Tradução português/alemão -
alemão/português

Goethe-Institut Porto Alegre
Herta Elbern, Programação Cultural
Mônica Schreiner e Uli Kaup, Biblioteca
Verena Thurner, Estagiária

Projeto Gráfico

Débora Strapasson Pizzolatti
B.A Comunicação

Revisão

Elisângela Rosa dos Santos

Impressão

Ética Impressora

**Agradecimentos especiais a todos
os artistas e membros da comissão
julgadora presentes neste catálogo.**

I Edição, novembro de 2009

Idealisierung

Reinhard Sauer,
Leiter, Goethe-Institut Porto Alegre
Adair Gass, Kulturprogramm
Goethe-Institut Porto Alegre

Organisation

Adair Gass

Übersetzung - deutsch/portugiesisch -
portugiesisch/deutsch

Goethe-Institut Porto Alegre
Herta Elbern, Kulturprogramm
Mônica Schreiner und Uli Kaup, Bibliothek
Verena Thurner, Praktikantin

Graphisches Projekt

Débora Strapasson Pizzolatti
B.A Comunicação

Korrekturlesung

Elisângela Rosa dos Santos

Druck

Ética Impressora

**Spezielle Danksagungen an alle Künstler und
Mitglieder der Auswahlkommission, die zu
diesem Katalog beigetragen haben**

I Ausgabe, November 2009

I EDIÇÃO, 2000

Selecionados:

Chico Machado

Mara Castilhos

Paula Krause

Téti Waldruff

Comissão Julgadora:

Agnaldo Farias

Icléia Cattani

Karin Lambrecht

Vera Chaves Barcellos

II EDIÇÃO, 2001

Selecionados:

Ethiene Nachtigall

Mariana Silva da Silva

Rommulo Vieira Conceição

Zélia dos Santos

Comissão Julgadora:

Elida Tessler

Jailton Moreira

Karin Lambrecht

Leonor Amarante

Rolf Wickert

III EDIÇÃO, 2002

Selecionados:

Alexandre Moreira

Marina Camargo

Patrícia Francisco

Rosa María Blanca

Comissão Julgadora:

Axel Lieber

Karin Lambrecht

Maria Helena Bernardes

Mônica Zielinsky

IV EDIÇÃO, 2003

Selecionados:

Ana Flávia Baldisserotto

Laura Cattani e Munir Klamt

Lucas Levitan

Mônica Hoff

Comissão Julgadora:

Francisco Klinger Carvalho

Karin Lambrecht

Paulo Gomes

Reinhard Sauer

V EDIÇÃO, 2004

Selecionados:

Bruno Novelli e Emerson Pingarilho

Cristina Ribas

René Rudit

Comissão Julgadora:

Eva Maria Wilde

Francisco Klinger Carvalho

Karin Lambrecht

Reinhard Sauer

VI EDIÇÃO, 2005

Selecionados:

Daniel Escobar

Gabriela Picoli e Luciano Zanette

Magda Gebhardt

Manoela Pavan

Comissão Julgadora:

Bianca Knaak

Francisco Klinger Carvalho

Reinhard Sauer

Stefan Sous

VII EDIÇÃO, 2006

Selecionados:

José Henrique Souto e Yukiko Nagamatsu

Kátia Costa

Comissão Julgadora:

Agnes Meyer-Brandis

Francisco Klinger Carvalho

Paula Ramos

Reinhard Sauer

VIII EDIÇÃO, 2007

Selecionados:

Ali Khodr

Camila Mello

e Manuela Eichner

Daniel Mateus

Comissão Julgadora:

Anja Schrey

Francisco Klinger Carvalho

Paula Ramos

Reinhard Sauer

IX EDIÇÃO, 2008

Selecionados:

Ricardo Mello

Jéssica Becker

Comissão Julgadora:

Gaudêncio Fidelis

Karin Lambrecht

Mônica Zielinsky

Reinhard Sauer

X EDIÇÃO, 2009

Selecionados:

André Favilla

Elton Maganelli

Lisa Mangussi

Leonardo Fanzelau

Túlio Pinto

Comissão Julgadora:

Eduardo Veras

Karin Lambrecht

Mônica Zielinsky

Reinhard Sauer

INTRODUÇÃO

EINFÜHRUNG

**1ª PARTE
ARTISTAS**

**1. TEIL
KÜNSTLER**

**2ª PARTE
COMISSÃO JULGADORA**

**2. TEIL
AUSWAHLKOMMISSION**

Um espaço para respirar livremente

Uma galeria representa, antes de mais nada, um convite.

Um espaço vazio colocado à disposição.

As paredes ainda em branco vazias.

Uma proposta para receber e trocar ideias.

Uma janela para novas maneiras de ver e sentir.

A exploração de novas formas para se posicionar em relação a...

O Concurso de Artes Plásticas do Goethe-Institut Porto Alegre completa 10 anos. Um motivo para festejar, recordar e agradecer.

Nosso concurso foi iniciado em 1999 como uma tentativa de fazer da necessidade incômoda uma virtude aceitável. Nessa época, o Goethe-Institut era inundado com propostas de artistas de todo o mundo, que desejavam utilizar nossa galeria para expor seus trabalhos. Como não havia critérios claros nem prioridades para ceder o espaço da galeria, todo e qualquer artista achava-se no direito – e reclamava-o para si – de expor ali.

A partir de uma insatisfação com esse status quo é que se tomou a decisão de conectar a utilização da galeria mais fortemente com o incentivo a jovens artistas, com vistas a oferecer à nova geração uma chance e um espaço para além das regras do mercado de arte vigente. Como isso era válido somente para um número reduzido de candidatos, decidiu-se criar um concurso próprio do Goethe-Institut para jovens artistas, visando a uma melhor condução do processo de seleção, colocando-lhes à disposição um espaço para respirarem livremente e experimentarem visões artísticas radicais. Porém, isso tudo aconteceu em sintonia com o nosso programa conjunto Artist in Residence com o Torreão, que traz anualmente um jovem artista alemão para Porto Alegre para que ele interaja com o cenário artístico local.

Qualquer concurso estabelece seu perfil graças a qualidade dos concorrentes envolvidos, com base em regras transparentes e compreensíveis, bem como de jurados competentes e incorruptíveis. Todavia, em um concurso de artes, não se lida com décimos de segundo,

REINHARD SAUER*

centímetros ou gols. A criação artística é claramente mais difícil de ser mensurada de forma objetiva do que a esportiva, sendo por isso seguidamente motivo de crítica, sobretudo por parte daqueles que não puderam ser escolhidos. Nosso concurso vem esforçando-se em dessubjetivar essa aparente arbitrariedade através da qualidade do júri, de caráter binacional e integrado por dois artistas e dois críticos de arte, respectivamente, da Alemanha e do Brasil. O Goethe-Institut, como sede e instituição responsável, vê-se ainda como uma garantia adicional para decisões apartidárias, orientadas somente pela qualidade artística.

Esses 10 anos são um marco. O fato de que anualmente se candidatam em média 40 artistas para o concurso comprova a confiança que nele é depositada e a estimativa de seu valor para a futura carreira artística. Nesses últimos anos, pudemos acompanhar a sucessão e o amadurecimento de novas gerações de artistas. Muito nos orgulhamos em ter contribuído para isso.

Nosso agradecimento vale para todas as artistas e todos os artistas que, nos últimos 10 anos, participaram desse concurso, enriquecendo nossa galeria e nossa casa com suas ideias, sua arte e sua visão do mundo. Um agradecimento especial a todos aqueles que, como integrantes do júri, com sua alternância de membros, auxiliaram-nos nesse período a realizar uma seleção digna de confiança.

A reunião anual do júri é um dos pontos altos de nosso calendário de eventos, pois ela nos proporciona uma visão abrangente da qualidade e da densidade da criação artística contemporânea em nosso Estado e em outras partes do Brasil. Compartilhar esse momento com os membros do júri, dividir com eles as discussões e as decisões, assim como participar de suas dúvidas e alegrias por terem feito a escolha correta é, com certeza, uma das atividades mais prazerosas para um diretor do Goethe-Institut e para todos os colaboradores da casa, que contribuem para o sucesso desse concurso.

Alegremo-nos com vocês pelo passo em direção a uma nova década! Muito obrigado por sua confiança!

* Diretor do Goethe-Institut Porto Alegre.

Ein Raum zum freien Atmen

Eine Galerie ist zunächst einmal eine Einladung.

Die zur Verfügungstellung eines leeren Raumes.

Die unbeschriebenen weißen Wände.

Das Angebot Ideen zu empfangen und auszutauschen.

Fenster zu sein in neue Seh- und Fühlweisen.

Die Erschließung neuer Formen des sich in Beziehung setzen zu...

Der Künstlerwettbewerb des Goethe-Instituts POA wird 10 Jahre alt, ein Anlass zum Feiern, zum Rückblick und zum Danksagen.

Unser Wettbewerb wurde 1999 ins Leben gerufen als ein Versuch, aus einer lästigen Not eine akzeptable Tugend zu machen. Das Goethe-Institut POA wurde in dieser Zeit überhäuft mit Anfragen und Anträgen von Künstlern aus aller Welt, die unsere Galerie für eine Ausstellung ihrer Arbeiten nutzen wollten. Da es keine klaren Prioritäten und Kriterien für die Vergabe der Galerie gab, glaubte sich jeder Künstler im Recht und meinte, einen Anspruch darauf zu haben, im GI ausstellen zu können.

Aus der Unzufriedenheit mit dem Status Quo entstand der Entschluss, die Nutzung der Galerie verstärkt an die Nachwuchsförderung zu binden, um so jungen Künstlern ausserhalb des kommerziellen Kunstbetriebes eine Chance und ein Zuhause jenseits der Gesetzmässigkeiten des Kunstmarktes anzubieten. Da dies immer nur für eine begrenzte Anzahl von Künstlern gelten konnte, wurde entschieden, zur besseren Steuerung des Auswahlprozesses einen eigenen Künstlerwettbewerb des GI POA für junge einheimische Künstler ins Leben zu rufen, um ihnen einen Raum zum freien Atmen und zur Erprobung radikaler künstlerischer Visionen zur Verfügung zu stellen. Dies vor allem auch vor dem Hintergrund unseres gemeinsamen "Artist in Residence"-Programms mit dem "Torreão", das jährlich einen jungen deutschen Künstler nach Porto Alegre bringt, um ihn in Beziehung zur einheimischen jungen Kunstszene zu setzen.

Jeder Wettbewerb gewinnt sein Profil durch die Qualität der miteinander wetteifernden Teilnehmer auf der Basis transparenter und nachvollziehbarer Regeln sowie kompetenter und unbestechlicher Schiedsrichter.

REINHARD SAUER*

Bei einem Künstlerwettbewerb aber geht es nicht um Zehntelsekunden, Zentimeter oder Tore. Künstlerische Leistung ist objektiv deutlich schwerer messbar als sportliche, und die ist häufiger Anlass zur Kritik, vor allem von Seiten derer, die nicht berücksichtigt werden konnten. Diese scheinbare Willkürlichkeit bemüht sich unser Wettbewerb durch die Qualität der Jury und deren bi-nationale Besetzung (je zwei deutsche und brasilianische Künstler bzw. Kunstsachverständige) zu ent-subjektivieren. Das Goethe-Institut als Ort und Trägerinstitution sieht sich als zusätzlicher Garant für unparteiische und allein an der künstlerischen Qualität orientierte Entscheidungen

10 Jahre sind ein Meilenstein. Dass sich jährlich durchschnittlich 40 Künstler diesem Wettbewerb stellen, belegt das Vertrauen, dass ihm entgegengebracht wird ebenso wie seine Wertschätzung für die zukünftige künstlerische Karriere.

Wir haben in diesen Jahren das Heranwachsen neuer Künstlergenerationen beobachten und reifen sehen können. Dazu unseren Beitrag geleistet zu haben, macht uns stolz.

Unser Dank gilt allen Künstlerinnen und Künstlern, die in den vergangenen 10 Jahren an diesem Wettbewerb teilgenommen und unsere Galerie und unser Haus mit ihren Ideen und ihrer persönlichen Kunst- und Weltsicht bereichert haben.

Ein grosses Dankeschön gilt all denen, die uns in diesen 10 Jahren als Mitglieder in der Jury in ihrer wechselnden Zusammensetzung geholfen haben, eine glaubwürdige Auswahl zu treffen.

Die jährliche Jurysitzung ist einer der Höhepunkte unseres Veranstaltungsjahres, gibt sie uns doch einen hochintensiven Einblick in die Qualität und Dichte des gegenwärtigen künstlerischen Schaffens in unserem Bundesstaat und zunehmend weiteren Teilen Brasiliens. Diesen Moment mit den Mitgliedern der Jury gemeinsam erleben zu können, an ihren Diskussionen und Entscheidungen teilzuhaben und die Qualen und Freuden der richtigen Wahl mit ihnen zu teilen, ist sicherlich eine der genussreichsten Facetten in der Tätigkeit eines Goethe-Direktors und aller Mitarbeiter des Hauses, die zum Erfolg dieses Wettbewerbs ihren eigenen Beitrag leisten.

Wir freuen uns mit Ihnen auf den Schritt ins nächste Jahrzehnt! Vielen Dank für Ihr Vertrauen!

* Leiter des Goethe-Instituts Porto Alegre

0

2000

0

0

2

I EDIÇÃO

Artistas

CHICO MACHADO

MARA CASTILHOS

PAULA KRAUSE

TÉTI WALDRAFF

Comissão Julgadora

AGNALDO FARIAS

ICLÉIA CATTANI

KARIN LAMBRECHT

VERA CHAVES BARCELLOS



CHICO MACHADO

[João Carlos Machado]

Santo Ângelo/RS, 1964.

Doutorando em Poéticas Visuais pelo PPGAVI da UFRGS, onde também realizou Mestrado em Poéticas Visuais. Especialista em Teoria do Teatro Contemporâneo pelo DAD da UFRGS, bacharel em desenho e em pintura pelo IA da UFRGS.

É professor assistente no Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas.

Entre 2002 e 2003, foi professor nos Cursos de Graduação em Artes da FUNDARTE/UERGS.

Artista plástico, performer e artista gráfico em atividade desde o início dos anos 1980, é atuante também nas áreas de vídeo, cenografia teatral e música, com diversos prêmios obtidos, tendo realizado diversas exposições individuais e coletivas.

CIRCOHITOS

Série de objetos/pintura cinética

No ano de 2000, eu produzi uma série de obras que denominei de Circohitos. Tratava-se de objetos/pinturas cinéticas interativas tracionadas por motores elétricos, dotadas de sons e movimentos. Naquele momento, eu procurava espaço no circuito das artes visuais de Porto Alegre para mostrar meu trabalho cinético em exposição individual. Eu havia realizado apenas uma individual no MARGS – dentro do projeto João Fahrion – em 1991. Naquela época, eu ainda não trabalhava com arte cinética.

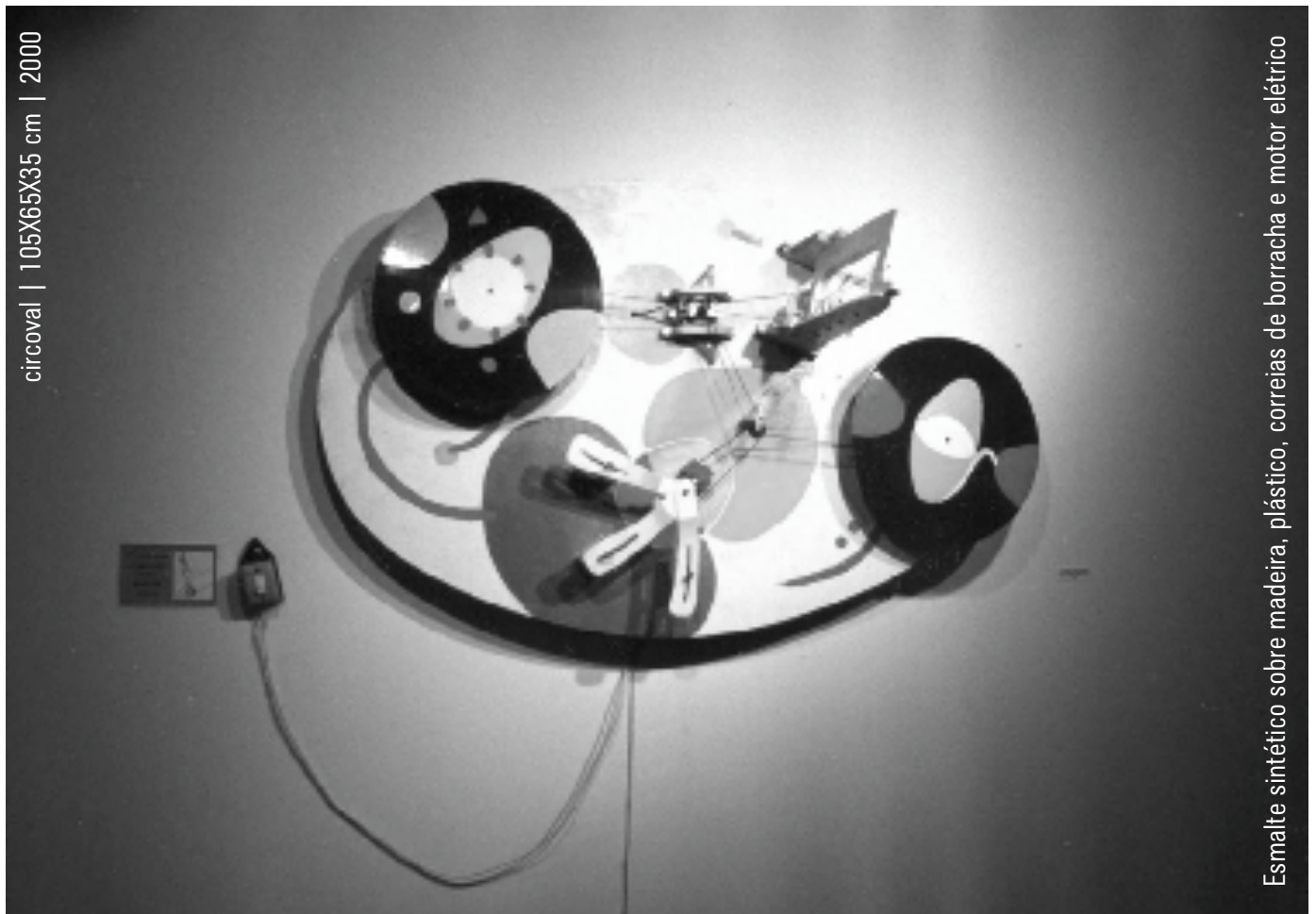
A seleção desta série de trabalhos para o 1º Concurso Goethe de Artes Plásticas foi significativa para a minha trajetória, pois, além de ser escolhido por uma comissão julgadora de renome nacional – o que confere legitimidade para qualquer artista que queira se inserir de alguma forma no circuito oficial das artes visuais –, serviu para apresentar meu trabalho cinético para a comunidade artística da cidade de Porto Alegre e para o estado do Rio Grande do Sul.

Antes disso, eu tive a oportunidade de mostrar alguns trabalhos nessa linha de pesquisa plástica na exposição coletiva “Remetente” em 1998 (em Porto Alegre) e no IV Salão Nacional Victor Meirelles (em Florianópolis), onde fui um dos vencedores do prêmio aquisitivo.

Nessas duas oportunidades, as obras apresentadas eram bastante ruidosas, e os modos de colocá-las em funcionamento eram pouco convencionais.

Diferentemente do que ocorria nos meus trabalhos anteriores, na série Circohitos experimentei realizar obras com uma sonoridade mais suave, com uma aparência mais ligada à pintura abstrata e com modos de acionar mais reconhecíveis (botões interruptores).

“Ao longo da minha trajetória, estes trabalhos representaram um momento de busca de sutilezas na relação que eles estabelecem com seus eventuais usuários/fruidores, questões que ainda hoje fazem parte do universo de cogitações que permeia o meu fazer artístico.”



circoval | 105X65X35 cm | 2000

Esmalte sintético sobre madeira, plástico, correias de borracha e motor elétrico

“Bei meinem Werdegang stellen diese Werke eine Suche nach den Subtilitäten der Beziehung, die sie zu möglichen Benutzern herstellen, dar. Diese Fragestellung ist auch heute noch Teil meiner Überlegungen, welche sich kontinuierlich durch mein künstlerisches Schaffen ziehen.”



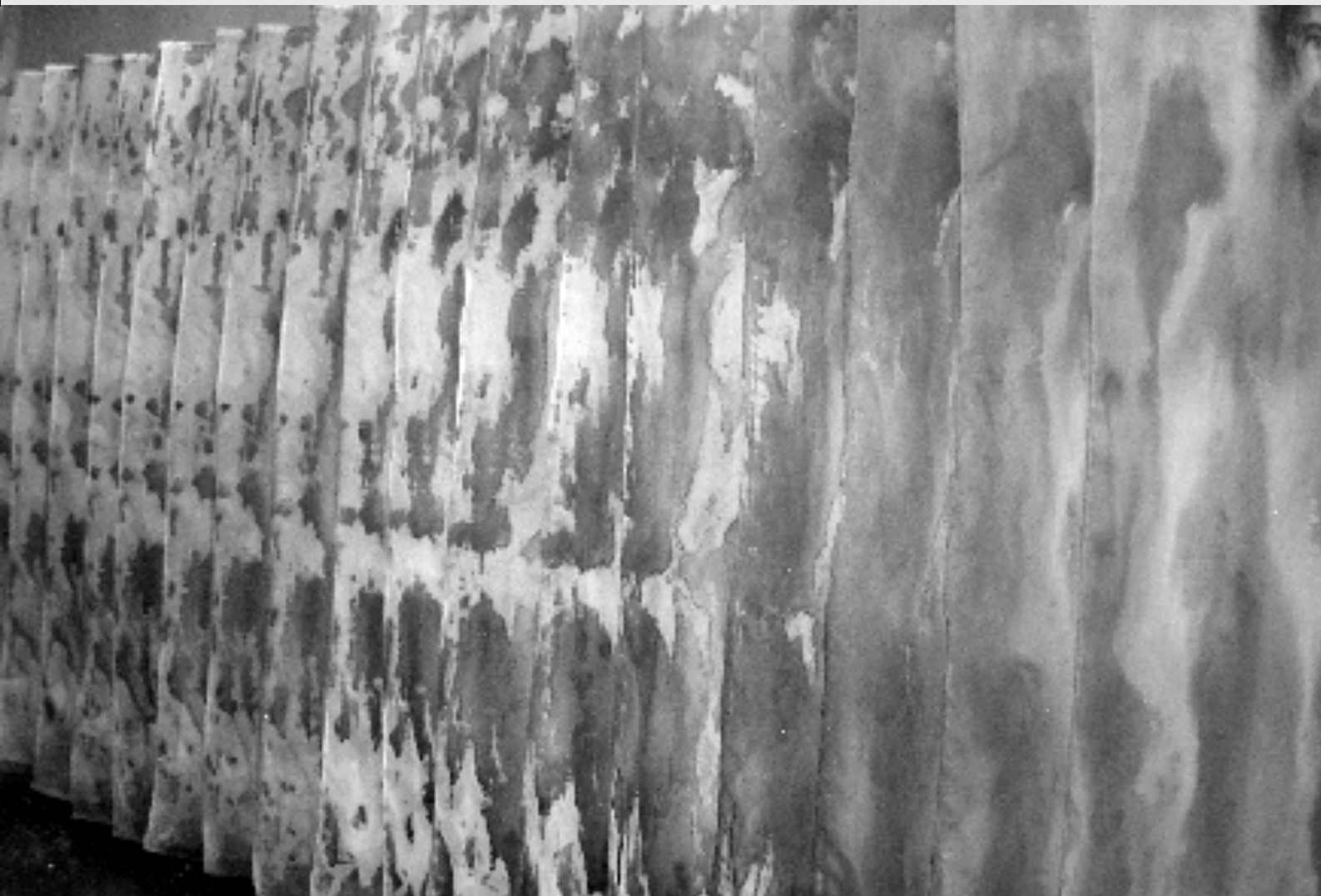
MARA CASTILHOS

Neste projeto, represento figuras humanas sempre femininas, e em posição frontal. Nele me refiro às mascaras que usamos em nosso dia a dia. O ser que simula e dissimula, que aparece e desaparece num espaço entre o rosto e a máscara, num deslocamento contínuo de imagem em imagem, é evocado neste espaço de representação. Na aparição e desaparecimento da figura, na simulação do que não é, na dissimulação daquilo que realmente é, o ser aparece “entrincheirado” atrás da máscara. Se a máscara está por cima do verdadeiro, ela é a aparência; então, o que realmente é talvez não tenha rosto, talvez seja encontrado na desaparecimento da figura, na sua ausência, no vazio, na morte. Este trabalho foi decorrente de um processo formativo e construtivo do pensamento, resultando num trabalho pictórico muito subjetivo, embora abordando um assunto de caráter universal. As figuras são todas uma só, cuja dimensão é o meu tamanho e cuja aparência não importa, por não ser aquilo que parece ser; então, talvez elas sejam um retrato: o meu. Portanto, não só exponho um trabalho, como também me exponho nele. A partir deste projeto, a figura se impôs em todas as minhas intenções de representação.

PERSONA

“No espaço entre o rosto e a máscara, a figura, em desaparecimento, encontra-se em franco embate entre a identidade e o anonimato, entre a vida e a morte.”

“Im Zwischenraum des Gesichts und der Maske befindet sich das Bild beim ungehemmten Aufprall zwischen Identität und Anonymität, zwischen Leben und Tod.”





MARA CASTILHOS

1954

Formação: Pedagogia, Artes Plásticas –
Bacharel em Pintura – UFRGS. Exposições
2000 Persona, I Concurso de Artes Plásticas
Goethe-Institut, Instituto Cultural Brasileiro-
Alemão Porto Alegre. 1999 – 7ª Bienal
Internacional de Artes Plásticas na
Universidade, Galeria Bernanos CROUS,
Paris. Faces da Nova Geração de Artistas do
I.A., Pinacoteca do Instituto de Artes UFRGS.
1995 Galeria In Quadrum, Porto Alegre.
1992 – Espaço Cultural Banco do Brasil,
Barra Shopping, Rio de Janeiro. Rio Natureza
Viva, ECO-92, Academia Brasileira de Belas
Artes, Rio de Janeiro. 1991 V Salão de Artes
Plásticas, Secretaria Municipal de
Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro.



PAULA KRAUSE

Artista, pesquisadora e mestre em Poéticas Visuais pelo PPGAV do Instituto de Artes da UFRGS. Vem desenvolvendo uma pesquisa em performance cujo resultado mais recente é uma compilação de vídeos editados a partir de performances por ela realizadas, apresentado na defesa de sua dissertação, intitulada *Auto-experiência: a prática artística como imagem, projeção e intuição de si*. Em 2003, recebeu a bolsa UNESCO-ASCHBERG para residências de artistas e desenvolveu um projeto que durou dois meses no Ateliers Fourwinds, em Aureille, França. Em 2007, elaborou o projeto *Lomba Alta*, um programa de residência que pretende oferecer o espaço e os meios para a realização de investigações artísticas que coloquem em foco a experiência do fazer criativo e reflexivo compartilhado.



PAULA KRAUSE

sem título, dimensões variáveis, instalação, materiais: tecido e óleo de soja

Esta exposição foi concebida a partir da pesquisa desenvolvida por Paula Krause em seu projeto de graduação em pintura, na qual a artista utilizava como suporte tecidos usados sobre os quais aplicava materiais perecíveis, como óleo de cozinha, piche, água, ceras líquidas, etc. Esses materiais acabavam por escorrer para o chão dos espaços expositivos, criando um espaço ampliado para as propostas pictóricas. O projeto apresentado por Paula Krause nesta edição do concurso foi um desafio de montagem, já que os materiais perecíveis poderiam afetar a infraestrutura da galeria. O processo de adaptação entre a proposta artística e os objetivos da instituição entraram em xeque e a discussão decorrente acabou por ampliar as reflexões sobre as possibilidades de ocorrência artística neste espaço, tanto para a artista quanto para a instituição.

Nas palavras de André Severo, autor do texto de divulgação da exposição, “o trabalho de Paula Krause não aparenta, em nenhum estágio de sua realização, a solidez almejada constantemente pela maioria dos trabalhos de arte. Seu trabalho parece mais um amontoado de matéria, uma situação em formação que se recusa a adotar uma configuração definitiva e que está sempre sujeito às transformações impostas pelos materiais que o compõem”.

OBRAS 2000

“ O processo de adaptação entre a proposta artística e os objetivos da instituição entraram em xeque e a discussão decorrente acabou por ampliar as reflexões sobre as possibilidades de ocorrência artística neste espaço, tanto para a artista quanto para a instituição. ”



“ Der Anpassungsprozess zwischen künstlerischem Vorhaben und den Zielen der Institution sind in Frage gestellt worden, und die daraus resultierende Diskussion erweitert die Gedanken über die Möglichkeiten des künstlerischen Schaffens in diesem Raum, sowohl für den Künstler als auch für die Institution. ”

“É preciso fazer para poder sonhar.”

Início esta reflexão ancorada no pensamento acima, o qual escrevi no ano de 2000 no meu diário de ateliê, enquanto desenvolvia o projeto Estratégias para Mudança. Sempre estamos sonhando em fazer algo. Mas é fazendo que podemos sonhar de verdade! Isso remete ao cotidiano do fazer/pensar arte considerando todos os envolvimento que eu desdubro como artista para poder dialogar com o público através do meu trabalho.

Foi desafiante e estimulante encaminhar o projeto ao Primeiro Concurso de Artes Plásticas do Instituto Goethe, instituição que promove manifestações culturais contemporâneas, oportunizando espaços aos artistas proponentes de diversas linguagens e ao público.

O júri que selecionou meu projeto, o qual respeito muito, possibilitou-me diversos diálogos que se seguiram com essa instalação em outros projetos e espaços e me confirmaram o pensamento: “É preciso fazer para poder sonhar”.

A pesquisa em processo neste projeto me permitiu tecer várias reflexões e descobrir diferentes procedimentos construtivos que revelaram novas possibilidades de significações. A utilização de tecidos e plásticos transparentes visou especialmente criar revelações não tão evidentes no primeiro contato do espectador com a obra. Era necessária uma aproximação e atenção.

Olhar para dentro, olhar para fora, provoca o exercício de dialogar com conceitos como interior/exterior, transparente/opaco, contido/expandido, duro/mole, aparente/escondido, e assim desvelar ideias, dialogar sobre estratégias para mudança!

Porto Alegre, inverno de 2009,
Téti Waldraff

O projeto apresentou uma instalação composta por sete objetos tridimensionais dispostos diretamente sobre o chão. A disposição dos mesmos configura uma situação de espera/embarque remetendo ao título Estratégias para Mudança.



“ Olhar para dentro, olhar para fora, provoca o exercício de dialogar com conceitos como interior/exterior, transparente/opaco, contido/expandido, duro/mole, aparente/escondido, e assim desvelar ideias, dialogar sobre estratégias para mudança! ”

“ Ein Blick nach innen, ein Blick nach außen, so übt man sich darin, mit verschiedenen Konzepten zu kommunizieren: intern/extern, durchsichtig/undurchsichtig, zurückhaltend/ausgebreitet, hart/weich, sichtbar/verborgen... So offenbaren sich Ideen, so spricht man über Strategien zur Veränderungen! ”



TÊTI WALDRAFF

Sinimbu/RS, 1959.

Graduou-se em Desenho e Licenciatura em Artes Plásticas no Instituto de Artes da UFRGS em 1986. Realiza, desde os anos 1980, exposições individuais e coletivas em diversos lugares no Brasil e no exterior. Trabalha com formação de professores na área de artes visuais em oficinas e palestras. Ministra oficinas de arte para crianças, adolescentes, adultos e estudantes de arte em espaços culturais. É professora de Arte da Fundação Bradesco-Gravataí RS. Trabalha em seu próprio ateliê em Porto Alegre/RS, onde reside.

2001

1

0

0

2

II EDIÇÃO

Artistas

ETHIENE NACHTIGALL

MARIANA SILVA DA SILVA

ROMMULO VIEIRA CONCEIÇÃO

ZÉLIA DOS SANTOS

Comissão Julgadora

ELIDA TESSLER

JAILTON MOREIRA

KARIN LAMBRECHT

LEONOR AMARANTE

ROLF WICKERT

FOTO: FERNANDO PIRES



ETHIENE NACHTIGALL

Pelotas/RS, 1971.

Vive e trabalha em Porto Alegre.

Mediadora, produtora, artista plástica e professora.

Atualmente, coordena o Curso de Formação de Mediadores e Professores-Mediadores e as equipes de mediação, supervisão e assistência da VII Bienal do Mercosul, em Porto Alegre.

É Mestre em Poéticas Visuais (2005) e Bacharel em Artes Plásticas (1996) pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Participou de vários cursos e orientações nas áreas de artes visuais, música e artes cênicas. Expôs em algumas mostras individuais, várias coletivas e alguns salões. Gosta de imagens de execução simples, mas que peçam tempo para quem as vê.

“Expondo, aprendi a ver de outras formas o que já havia visto antes.”

“Indem ich ausstellte, lernte ich das, was ich vorher bereits gesehen hatte, anders zu sehen.”

S/título (série Possibilidades), 2001, 1,40 x 1 m.

ETHIENE NACHTIGALL

(A grammatical remark))

expression of belief, by expressing the belief

3x1 (reprodução), 1999 - 2001, 1,3 x 1 m



VISTAS

Trajectoria: brinquei muito, sorri bastante, chorei um pouco, brinquei de novo. Cresci esquecendo muita coisa e lembrando algumas. Aprendi a escrever, mas continuei esquecendo. Passei a usar óculos e aprendi a ler mais, aí as vistas mudaram. Aprendi (e não) fotografia, aí as vistas mudaram muito. Como público, aprendi a olhar apertando o olho, a olhar de baixo, de lado, de través, por horas, por dias, por anos, por segundos, a olhar ouvindo, a olhar conversando. E aprendi que o novo está no olho de quem vê.

Expondo, aprendi a ver de outras formas o que já havia visto antes.

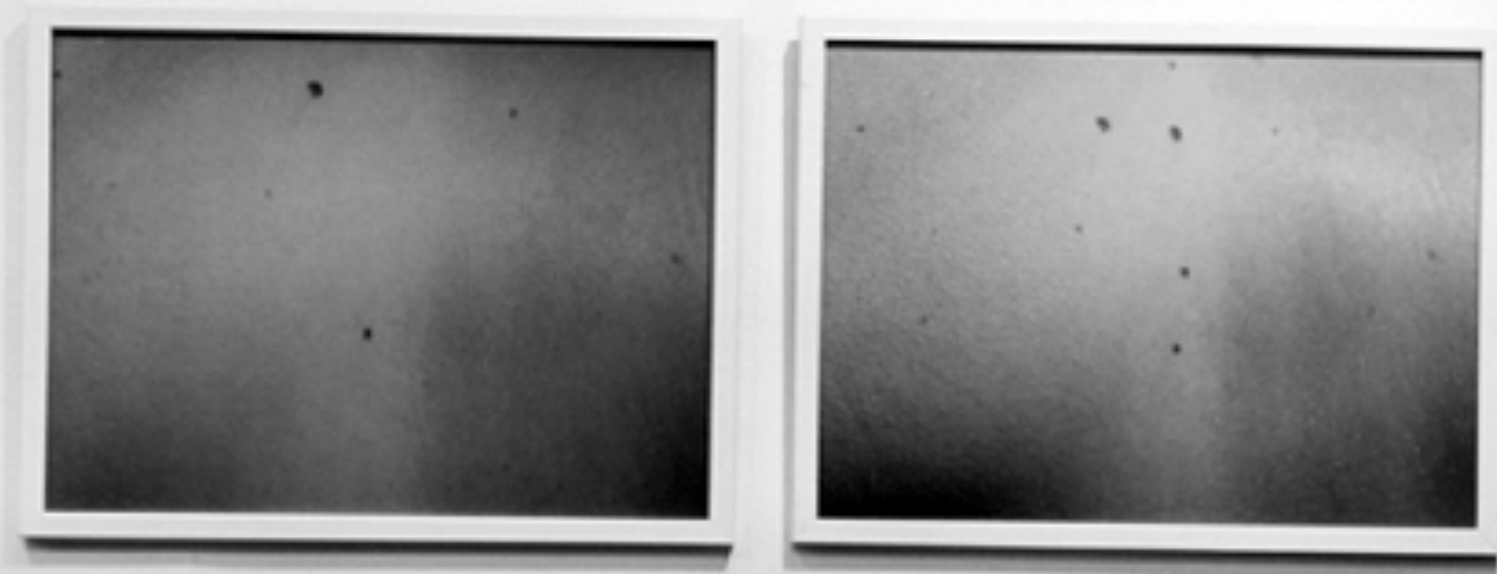
A participação no Concurso de Artes Plásticas do Goethe-Institut aconteceu no mesmo período de outra mostra em que participei na extinta Galeria Obra Aberta. Esses dois processos paralelos marcaram um momento de maturação de escolhas e deram início à pesquisa que desenvolvi durante o mestrado.

As obras apresentadas na Galeria do Goethe-Institut uniram duas séries: Reflexos, que tinha como base registros de reflexos entre obras em diferentes espaços expositivos, e Possibilidades, que se valia de reproduções de obras de outros artistas em catálogos ou livros, registradas a partir de um determinado ponto de vista. Uma iniciada em Hamburgo, Alemanha, durante um período de quatro anos de intensivo contato com museus; outra integralmente desenvolvida em Porto Alegre, logo após o retorno e durante um período de muitas leituras.

Entre essas duas séries, estava 3x1 (reprodução), que reproduz as salas da Galerie der Gegenwart, setor de arte contemporânea da Hamburger Kunsthalle, por onde passaram as obras do artista norte-americano Mike Kelley – em três salas distintas no período de um ano (entre 1999 e 2000). Acabei acidentalmente construindo um diário visual sobre essas mudanças e reordenações de obras em espaços similares, mas de tamanhos distintos. Quando me dei conta do que tinha em mãos, busquei classificar as imagens cronologicamente, como documento, mesmo que subjetivo, emoldurando as imagens de forma semelhante à apresentação original de uma das obras de Kelley presentes originalmente na galeria.

Esse conjunto de imagens funciona para mim como ativador de memória desse contato próximo com o espaço expositivo fotografado e, em função de os registros serem apresentados como reprodução deles mesmos, também como elo, como uma espécie de ponte entre “lá e cá”, entre os registros presenciais de Reflexos e as reproduções reinterpretadas de Possibilidades. Entre um período de vistas e outro de reflexão acerca do visto.

MARIANA SILVA DA SILVA

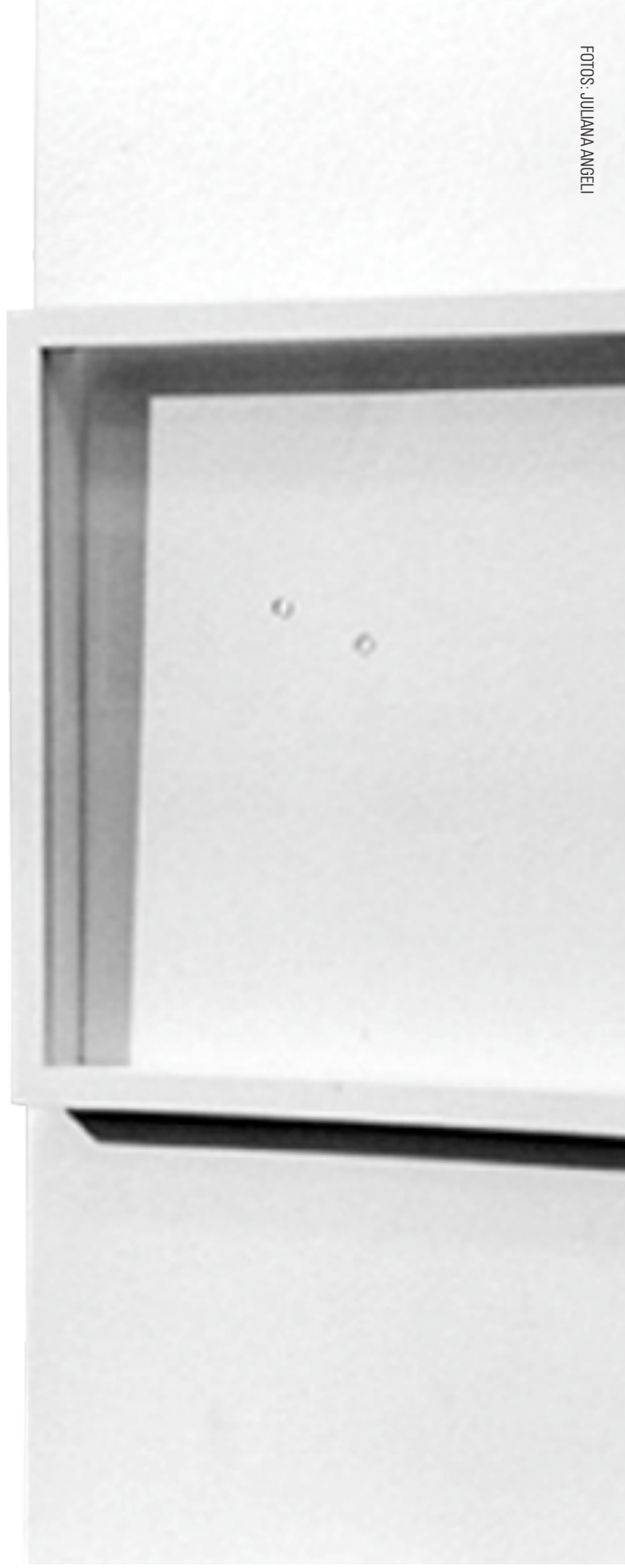


A exposição realizada no Instituto Goethe, Pontos de Contato, foi minha primeira mostra individual, sendo, assim, como uma diplomação em que uma trajetória parece ser iniciada. O interessante é que muitas experiências foram inauguradas naquele momento, desde a seleção do projeto, passando pela montagem e pelos impasses gerados pelo espaço. Pela primeira vez, senti mais de perto um público, os diálogos e as críticas. Toda vez que se realiza a apresentação de um novo trabalho, sente-se alguma ansiedade. E, daquela exposição, o que ainda permanece são os sentimentos amplificados de dúvida e inquietação, de possibilidades.

PONTOS DE CONTATO

“ Toda vez que se realiza a apresentação de um novo trabalho, sente-se alguma ansiedade. E, daquela exposição, o que ainda permanece são os sentimentos amplificados de dúvida e inquietação, de possibilidades. ”

“ Jedesmal, wenn eine neue Arbeit präsentiert wird, verspürt man eine gewisse Anspannung, und von dieser spezifischen Ausstellung bleiben die verstärkten Gefühle des Zweifels und der Unruhe bestehen, sowie die Möglichkeiten. ”





MARIANA SILVA DA SILVA

Porto Alegre/RS, 1978.

É bacharel em Artes Plásticas, 2000, e mestre em Artes Visuais, 2005, Instituto de Artes da UFRGS, Porto Alegre. É professora na Universidade de Caxias de Sul. Participou de diversas exposições individuais e coletivas. Realizou as exposições individuais Pontos de Contato, Instituto Goethe de Porto Alegre, 2001, Litoral, Museu Victor Meirelles, Florianópolis, SC, 2004. Entre as coletivas: Entre dois pontos, Feevale, Novo Hamburgo, 2003, 8 èmes Rencontres internationales Paris/Berlin, Grande Halle de la Villette, Paris, França, 2004, 9º Salão Nacional Victor Meirelles, MASC, Florianópolis, 2006, Pequena distância, Galeria Mari'Stella Tristão, Palácio das Artes, Belo Horizonte, 2006, Fiat Mostra Brasil, Galeria Bienal de São Paulo, 2006, Pequena Distância, Espaço Piloto UNB, Brasília, 2008. Em 2008, foi contemplada com a bolsa residência de artista UNESCO e The Irish Museum of Modern Art, IMMA, Dublin, Irlanda.

www.marianasilvadasilva.blogspot.com
mariponto@hotmail.com



rvconceicao@gmail.com

ROMMULO VIEIRA CONCEIÇÃO

Salvador/BA, 1968.

Exposições Individuais

1998 - GAPS - Delicate Eating Gallery (Austrália)

1999 - Saturno ou a emasculação do pai - Galeria do UEC (Salvador/BA)

2000 - A materialização da impossibilidade - Casa de Cultura Mário Quintana (Porto Alegre/RS)

2001 - Uma barraca de camping... - Galeria do GOETHE INSTITUT (Porto Alegre/RS)

2003 - Número 5 - Torreão - Torreão (Porto Alegre/RS)

2007 - Do plano ao espaço... mas que espaço? - Pinacoteca Barão de Santo Ângelo (Porto Alegre/RS)

2007 - Do plano ao espaço... mas que espaço? - Centro Cultural de São Paulo (São Paulo/SP)

2008 - Banheiro - Cozinha - Serviço - Galeria da FUNARTE (Rio de Janeiro/RJ)

2009 - Carefully through - Proartibus Art-residence Gallery (Ekenäs/Tammisaari - Finland)

Exposições Coletivas

2001 - Número 2 - Casa (Porto Alegre/RS)

2002 - Número 4 - Barra 1 (Porto Alegre/RS)

2006 - Rumos - Itaú Cultural 2005/2006 (Brasil)

2006 - Salão Nacional de Artes de Goiás (Goiânia/GO)

2008 - "Looks Conceptual" - ou como confundi um Carl André com Uma pilha de tijolos, Galeria Vermelho (São Paulo/SP)

2008 - Yo no entendi muy bien, que dices? (Ostendes, Argentina)

2009 - Pessoal - Dibujos romances - Zavaleta-LAB Gallery (Buenos Aires - Argentine)

2009 - Pequenos formatos - Atelier Subterrânea (Porto Alegre/RS)

2009 - Linhas das bordas periféricas de contorno - Galeria da ESPM (Porto Alegre/RS)

ROMMULO VIEIRA CONCEIÇÃO

A concepção de espaço físico depende de premissas e consensos desenvolvidos em função dos hábitos e dos campos de conhecimentos dos indivíduos de uma sociedade que partilham um mesmo acervo de informações. São esses hábitos e esses campos que fazem com que o conceito de espaço se defina. Entretanto, a percepção/experiência de espaço por esses mesmos indivíduos dialoga de forma muito abstrata e rarefeita com o conceito de espaço. É exatamente essa brecha entre conceito e percepção/experiência de espaço o assunto que me interessa investigar de modo a criar a minha própria poética visual. O Instituto Goethe, através do concurso para ocupação da sua galeria, permitiu-me a possibilidade de explorar essa brecha ainda no começo das minhas pesquisas sobre esse assunto. Sem aquela experiência, o meu trabalho não teria evoluído para o que ele é hoje: muito mais maduro, mas ainda com tantas perguntas a fazer e a responder...



“ É exatamente essa brecha entre conceito e percepção/experiência de espaço o assunto que me interessa investigar de modo a criar a minha própria poética visual. ”

UMA BARRACA DE CAMPING...



“Genau diese Lücke zwischen Vorstellung und Wahrnehmung des Raumes ist die Substanz, die ich erforschen möchte, die mir erlaubt, meine eigene visuelle Poetik hervorzubringen.”



ZÉLIA DOS SANTOS

Zen - papel carbono colado s/ lona - 93 x 196 cm - 1999 - Goethe

Participar do Segundo Concurso de Artes Plásticas do Goethe-Institut de Porto Alegre foi muito importante para mim. Foi a primeira exposição individual que realizei. A seleção foi como um prêmio merecido pelo empenho e pela dedicação que depositei no meu trabalho.

Pintar era um ato reflexivo em um processo individual. Nesse contexto, recebia orientação do professor Jailton Moreira, por quem tenho enorme admiração e respeito pelo muito que me ensinou. Com a exposição, tive a oportunidade de mostrar parte dessa trajetória.

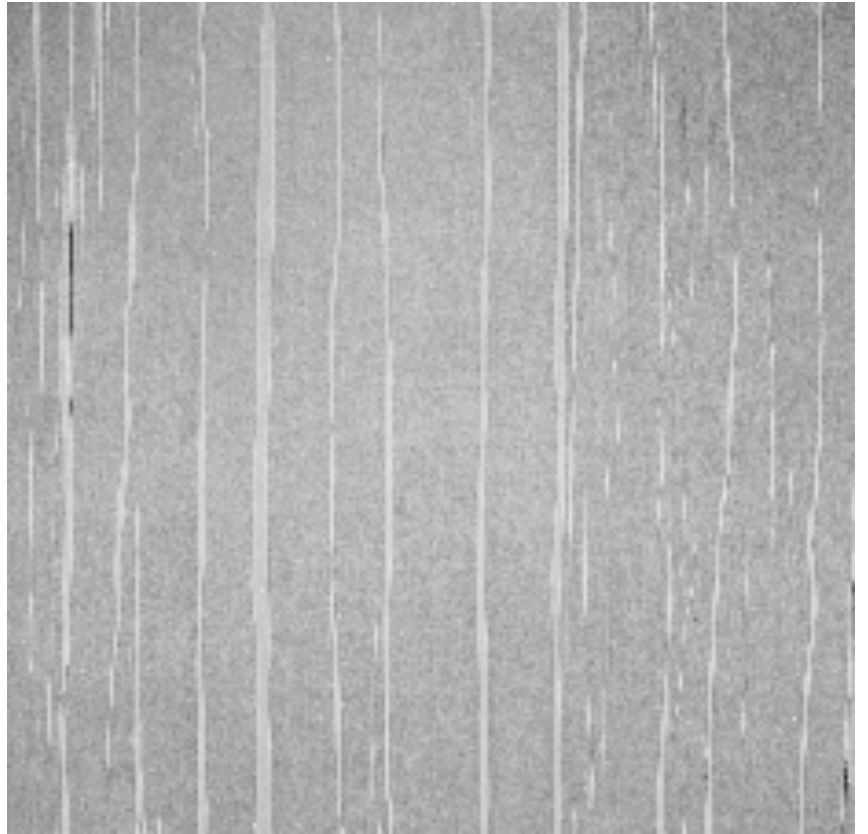
Essa etapa de formação e de saber experimental foi uma busca, mas também um desafio. Como tantas outras, essa vivência apontou-me novas percepções sobre minhas capacidades e meus potenciais.

A sala de exposições do Goethe-Institut era o lugar ideal para a mostra. Com suas paredes amplas, propicia ao espectador a possibilidade de deslocar-se. Na época, eu trabalhava com grandes formatos e, assim, o espaço precisava disponibilizar ao observador condições de introspecção, movimentação e angulação.

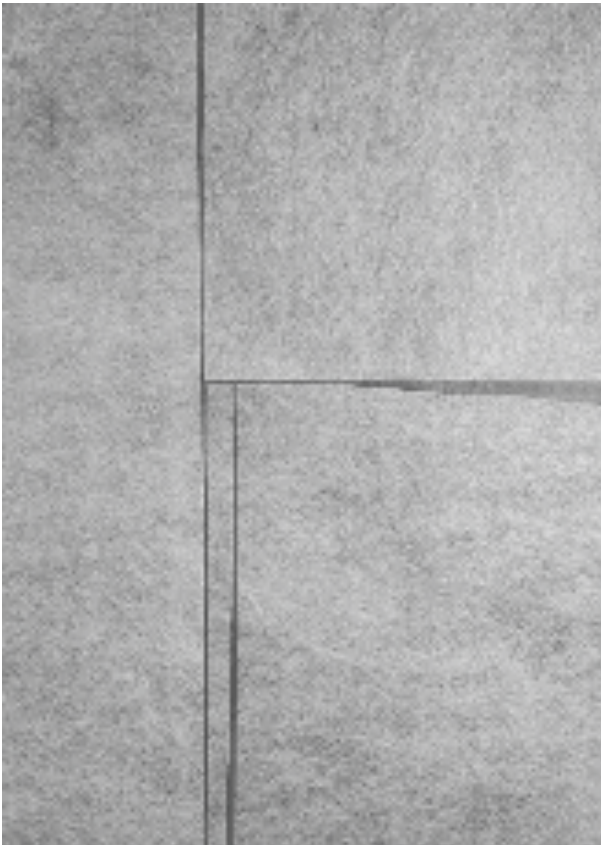
PINTURAS

s/ título - acrílico s/ tela e col. Algodão - 180 x 180cm - 1999 - Goethe

“Essa etapa de formação e de saber experimental foi uma busca, mas também um desafio. Como tantas outras, essa vivência apontou-me novas percepções sobre minhas capacidades e meus potenciais.”



s/ título - fibra aplicada s/ acrílico e lona
198 x 148 cm - 1999 - Goethe



“Diese Etappe der Bildung und des experimentellen Wissens war eine Suche, aber auch eine Herausforderung. Wie so viele andere verlieh mir dieses Erlebnis eine neue Wahrnehmung meiner Kapazitäten und meines Potenzials.”



ZÉLIA DOS SANTOS

Graduada em Artes Plásticas pela Universidade de Passo Fundo e pós-graduada em Artes Plásticas: Suportes Científicos e Práxis pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Sua formação inclui cursos com artistas como Hudnilson Jr., Carlos Alberto Fajardo, Katie Van Scherpenberg, entre outros. Frequentou, ainda, o Ateliê Livre de Porto Alegre. Entre 1997 e 2000, teve orientação em pintura com Jailton Moreira no Espaço de Arte Torreão, Porto Alegre/RS.

Desde os anos 1990, participa de exposições coletivas no Brasil e no exterior. A partir de 1991, administra a Krapok Escola de Arte (www.krapok.com.br), onde atua como orientadora e coordenadora de uma equipe de professores.

Em 1999, foi selecionada na 2ª etapa do Programa Rumos Visuais do Itaú Cultural. Banco de dados Itaú Cultural (www.itaucultural.org.br).

Em 2001, foi selecionada no 2º Concurso de Artes Plásticas do Goethe Institut, em Porto Alegre, onde realizou a exposição individual Pinturas.

Em 2002, foi selecionada no III Salão de Arte Cidade de Porto Alegre.

No período de 2001 a 2007, participou de várias exposições coletivas, como a Bienal B: www.bienalb.org e, em 2009, realizou a exposição individual Sonatas Visuais no Espaço Cultural do TRT-RS.

2002

2002

III EDIÇÃO

Artistas

MARINA CAMARGO

PATRÍCIA FRANCISCO

ROSA MARÍA BLANCA

Comissão Julgadora

AXEL LIEBER

KARIN LAMBRECHT

MARIA HELENA BERNARDES

MÔNICA ZIELINSKY



MARINA CAMARGO

Maceió/AL, 1980.

Vive e trabalha em Porto Alegre, onde estudou Artes Plásticas (UFRGS).

É pós-graduada em Cultura Visual pela Universidade de Barcelona (Espanha) e mestre em Artes Visuais (UFRGS).

Principais exposições individuais:

2009 Mundos Paralelos - Galeria Bolsa de Arte, Porto Alegre | 2008 Biblioteca - Centro Cultural São Paulo/SP; Espaçamento - MAC - Curitiba; Palavra Perdida - Galeria Virgílio, São Paulo | 2006 Mundo - Instituto Cultural Brasil Espanha, Porto Alegre | 2002 ou o Gráfico das Letras - Instituto Goethe, Porto Alegre.

Principais exposições coletivas:

2009 Projetáveis (web) - 7ª Bienal do Mercosul - Porto Alegre | 2008 15º Salão da Bahia - MAM - Salvador; File (Media Art) - SESI - São Paulo | 2006 Atos Visuais - FUNARTE - Brasília | 2005 Usos Rituals - Mès Enllà Del Lengatge - Centre Civic Can Felipa - Barcelona (ES).

www.marinacamargo.com



Imagem-título da exposição

MARINA CAMARGO

O desenho sempre esteve presente em minha formação. Se comecei pintando, logo as linhas e referências mais gráficas do que pictóricas começaram a tomar conta das pinturas. Embora nunca tenha sido uma preocupação encontrar nomes para o que fazia e faço em arte, pouco a pouco encontrei uma identificação com noções que me aproximavam do desenho.

Independentemente das definições sobre arte ou desenho (ou tentativas de defini-los), acabei encontrando em minha vida cotidiana elementos que traziam uma forte referência gráfica. As letras das páginas dos livros, das placas, dos luminosos nas ruas. Mapas de países, cidades, revistas com mapas cavernas e náuticos. Manuais de instruções diversos, de montagem de móveis ou de usos de objetos. Letras de borracha, de metal, adesivas.

E houve uma situação marcante: na apresentação de uma pesquisa na faculdade, ainda utilizando lâminas de retroprojeto, as letras da transparência começaram a escorregar, a descolar da lâmina para projeção. Se foi uma situação desconcertante naquele momento, foi também (e especialmente) marcante para o meu pensamento artístico. As letras ali misturadas, soltas do papel, letras da espessura de uma impressão a laser, escorregando e grudando em minhas mãos.

Afinal, quando é que esquecemos que escrever é também desenhar? Se as letras não estão encadeadas formando um texto legível, são como desenhos.

Essa natureza gráfica das letras foi a questão central dos trabalhos apresentados na exposição ou o Gráfico das Letras. Nessa exposição, reuni pela primeira vez em uma mostra individual trabalhos que vinha desenvolvendo naquele período. Foi uma exposição importante, porque ali pude visualizar juntos projetos e trabalhos que condensavam questões relevantes em minhas pesquisas - questões que, alguns anos depois, ainda são estimulantes e inquietantes para mim. Como um ponto de partida, como as letras caindo de uma folha impressa.

Matisse disse certa vez que nós não somos o artista que gostaríamos de ser, mas somos o artista que somos, o que podemos ser.

Acredito que a primeira exposição individual traz para o artista uma dimensão do que a sua própria arte pode vir a ser (mesmo que isso só seja percebido tempos depois).

OU O GRÁFICO DAS LETRAS

“ O desenho está presente em meu trabalho como formador de um pensamento artístico, uma espécie de modus operandi que estrutura – ou desestrutura – a concepção ou a construção da obra. Não necessariamente os trabalhos são ou parecem ser desenho, mas, em sua origem, no momento anterior ao próprio trabalho, guardam esse registro de uma estreita relação entre pensamento e desenho.”



FOTOS: MARINA CAMARGO

"Alfabetos" | Impressão sobre papel vegetal | 320x380cm | 2002

“ In meiner Arbeit ruft das Zeichnen einen künstlerischen Gedankenprozess hervor, eine Art modus operandi, der den Entwurf oder den Aufbau des Werkes strukturiert – oder destrukturiert. Die Arbeiten sind oder wirken vielleicht nicht gezeichnet, aber in ihrem Ursprung, dem Moment, der der eigentlichen Arbeit vorangeht, bleibt die enge Beziehung zwischen Gedanke und Zeichnung erhalten.”



"Letras em Perspectiva"
Letras Set colocadas na parede
30x25cm
2002

PATRÍCIA FRANCISCO

Cine Goethe é a apropriação do espaço da galeria para a realização de uma sala de espera e a apropriação do auditório da mesma instituição para a projeção de um filme.

O filme consiste na montagem de trechos escolhidos de quatro filmes: Amarcord, de Federico Fellini, Um Instante de Inocência, de Mohsen Makhmalbaf, Limite, de Mário Peixoto, e Stalker, de Andrei Tarkóvski. A narrativa se detém sobre o espaço, ou seja, a paisagem desses filmes, nos remetendo a um grande fluxo de imagens.

Na sala de espera, foram apresentadas 260 imagens, entre fotografias e slides de diversos tipos de filme B. Os slides foram projetados nas paredes laterais da galeria alternadamente e as fotografias ficaram na parede central.

“ O significado do projeto Cine Goethe em minha trajetória vai desde a maneira como eu articulei diversos temas em meu trabalho até a especificação de cada linguagem usada, como a fotografia, os slides, o vídeo, os filmes apropriados, o cartaz, articulando formas de pensar o cinema, tanto em seus espaços já instituídos quanto em suas imagens. ”

O projeto abarcava uma sala de espera e uma sala de cinema. Na sala de espera, diversas imagens em cartaz, fotografia e slides projetados desenhavam uma espera singular até a chegada da hora do filme. Ocupando também o auditório do Instituto Goethe, nas sessões das 17 horas, nos deparávamos com um cinema de montagem, no qual foram escolhidos e reunidos diversas cenas de filmes já conhecidos. Apesar de reunir, aparentemente, diversos temas, é um trabalho de montagem, ou um trabalho de montador e diretor, no qual eu me encaminhei naturalmente no decorrer desses anos.

“ Die Bedeutung, die das Projekt Cine Goethe für meinen Werdegang hat, geht von der Art, wie ich diverse Themen meiner Arbeit dargestellt habe bis hin zur Wahl jeder von mir verwendeten künstlerischen Ausdrucksweise, seien es die Photographien, das Video, die Dias, die passenden Filme, und das Plakat, die zusammen neue Formen Kino zu „erdenken“ zum Ausdruck bringen, sowohl was seine bereits etablierten Formen, als auch seinen bildlichen Ausdruck betrifft. ”





PATRÍCIA FRANCISCO

Natural de Porto Alegre, vive e trabalha em São Paulo. É diretora, montadora e artista plástica. Mestre em Artes pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) com a dissertação *Um outro cinema-cinema documentário e memória*. Seus projetos utilizam repertórios colhidos em suas experiências como uma artista plástica que expandiu seu campo de ação em direção ao cinema, atuando aí como pesquisadora e realizadora de filmes. Em sua produção artística, trabalha com instalações e outras formas de linguagem. Seu trabalho transita naturalmente em um campo muito aberto da produção contemporânea.



ROSA MARÍA BLANCA

Exposição no Primer Salón de la Fotografía, Guadalajara, México, 1995; na 7ª Biennale des Arts Plastiques a L'Universite, 1999, Paris, France; Vídeo-Desenho, Pinacoteca Feevale, Novo Hamburgo, Brasil, 2006 e 2007; Primeiro Prêmio Mostra de Fotografia, no Fazendo Gênero 8, Florianópolis, Brasil, 2008; Arte Homoerótica, ENUDS, Belo Horizonte, Brasil, 2009. Leciona História de Arte, Estética e Antropologia da Arte, Feevale, Novo Hamburgo, Brasil. Atualmente, realiza o Doutorado no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas/UFSC, Brasil, nos Estudos de Gênero.

ROSA MARÍA BLANCA

O Auto-Retrato, 2002, realizado para o III Concurso de Artes Plásticas, exposto na Galeria de Arte do Instituto Goethe, é o meu primeiro trabalho artístico que discute a transformação das subjetividades.

No Brasil, a arte contemporânea é praticamente homogeneizada e institucionalizada. Como estrangeira, acredito que o mais importante de ter exposto na Galeria do Goethe é o fato de ter sido selecionada por um grupo de artistas como Karin Lambrecht, Maria Helena Bernardes e Axel Lieber, e uma curadora como Mônica Zielinsky. Isso me deu autonomia e independência, pois não me vi na necessidade de me incorporar à linguagem do momento. A partir de então, continuo construindo o meu próprio pensamento, experimentando sem nenhum compromisso, a não ser o de um contínuo questionamento sobre a nossa existência. Isso foi muito significativo para mim. A relacionalidade que se estabelece entre o espaço cultural Goethe, o júri de seleção e as/os artistas cria um campo de contingência.

A nossa época, às vezes, parece pouco favorável para a arte. Agora, fazendo um doutorado, me encontro pesquisando até as últimas consequências aquilo que já vinha discutindo no Goethe: a constituição das subjetividades, o caráter imagético do inconsciente, as práticas discursivas que operam infamemente a favor de uma única identidade. Interessa-me precisamente resgatar aquelas linguagens silenciadas, aquelas imagens queers, aquelas visualidades que se constroem deslegitimadas, falando foucaultianamente.

Não vejo por que deva ser igual a todas/os as/os artistas. Ter os mesmos hábitos, fazer as mesmas coisas. Seguir o mesmo protocolo. Trabalho, mas principalmente penso. Desde o Goethe, a minha proposta vem instigando, através de imagens, a pensar. Esse é outro aspecto que aprendi na exposição, quando fiz o Auto-Retrato, que o fato de pensar é mais importante, porque vem a ser a configuração de um outro espaço, um oásis, como diria Hanna Arendt, também de resistência.

Dados da Obra

As imagens são detalhes da foto-instalação.

O retrato solicitado pela Comissão Organizadora para o catálogo comemorativo é uma realização em coautoria, de Fernanda Menezes Blanca e Rosa María Blanca.

Explicação técnica do Auto-Retrato, 2002. Trata-se de uma única fotografia que se desdobra no seu próprio campo de ação em diversas tomadas. A montagem do dispositivo se realiza sobre uma tira preta, lembrando a fita e o timing cinematográficos. Quando atravesso o espaço artístico, atravesso meu próprio espaço subjetivo, dado pelas coordenadas físicas e mentais do meu inconsciente fotográfico.

AUTO-RETRATO

“ Mich interessiert spezifisch, jene unterdrückten Sprachen wieder zu entdecken, jene Bilder, die „queer“ sind, jene Visualisierungen, die sich auf illegitime Weise konstruieren...”



“ Interessante precisamente resgatar aquelas linguagens silenciadas, aquelas imagens queers, aquelas visualidades que se constroem deslegitimadas...”

3

2003

0

0

2

IV EDIÇÃO

Artistas

ANA FLÁVIA BALDISSEROTTO

LAURA CATTANI E MUNIR KLAMT

LUCAS LEVITAN

MÔNICA HOFF

Comissão Julgadora

FRANCISCO KLINGER CARVALHO

KARIN LAMBRECHT

PAULO GOMES

REINHARD SAUER



ANA FLÁVIA BALDISSEROTTO

Caxias do Sul/RS, 1972.

Artista formada em Artes Plásticas pelo Instituto de Artes da UFRGS (1995) e mestre em História, Teoria e Crítica de Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS (1999). Atualmente, coordena grupos de orientação à prática artística na Arena - Associação de Arte e Cultura - e é instrutora de Artes Plásticas do Ateliê Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, onde coordena, desde 2001, grupos de trabalho em formato de laboratório de criação. Tem desenvolvido suas atividades de artista e professora desde meados dos anos 1990 em Porto Alegre. Ao longo de sua trajetória, a pesquisa sobre as múltiplas dimensões do ato criativo tem se consolidado como foco de interesse, em um trabalho comprometido com a entrega aos encontros, aos vazios e às relações.

doisinfinitos@gmail.com

ANA FLÁVIA BALDISSEROTO

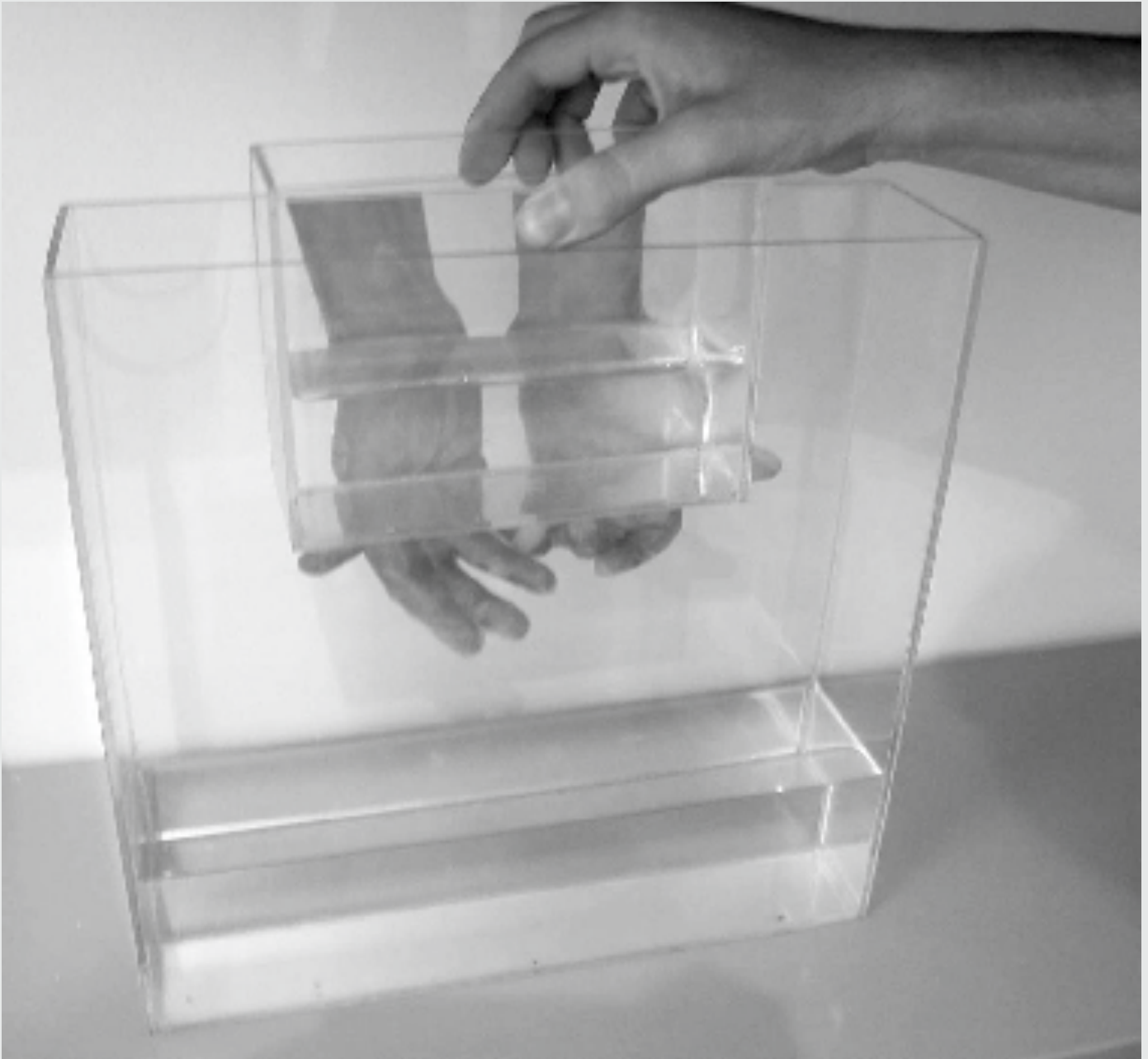
A experiência proporcionada pela minha participação no Concurso de Artes Plásticas do Instituto Goethe marcou minha trajetória de maneira transformadora.

Por um lado, foi a primeira situação em que exercitei pensar a ocupação de um espaço expositivo em relação íntima com as especificidades do mesmo. Na dimensão de meu repertório de egressa do Instituto de Artes, este foi um trabalho no qual pude fazer convergir e amadurecer uma pesquisa com elementos e dimensões da experiência com os quais não havia ainda trabalhado publicamente e que eram, de certa forma, novos para mim: o vidro, a água, o corpo, a imagem fotográfica, a repetição e a arquitetura. O perfil sério e aberto aos processos experimentais do concurso foi essencial para que esse movimento pudesse se realizar em sua plenitude. A instalação resultante dos vários meses de conversa entre meus arquivos pessoais de trabalho e o espaço que ocuparia com a exposição teve como âncora a presença da biblioteca no andar superior à galeria do térreo.

A biblioteca me capturou desde o início e funcionou, ao mesmo tempo, como um ativador do espaço e um catalisador de sentidos para imagens, objetos e formas de armazenamento de restos experimentais com os quais vinha me debatendo naquela época. Essa presença foi tão potente que, ao longo dos três anos subsequentes ao concurso do Goethe, fui me aproximando cada vez mais do universo das bibliotecas. Foi um tempo de pesquisa sobre a história da linguagem, da escrita, dos livros e dos sistemas de classificação do conhecimento. Ao mesmo tempo em que estudava, eu me interrogava sobre meus limites como artista, sobre os limites da arte, suas fronteiras e imensos vazios, enquanto ia me deixando ficar horas e horas, semanalmente, sentada dentro de bibliotecas sem fazer nada de objetivo, sem ler uma só palavra.

Desse movimento surgiu o trabalho com os Objetos Não-Classificados. Trata-se de um esforço em colaboração com bibliotecários para catalogar e colocar à disposição do usuário de bibliotecas objetos produzidos especialmente para esse fim. O catálogo de objetos não-classificados encontra-se permanentemente aberto a novas inclusões e encontra-se disponível para consulta no site: www.arena.org.br/inventario/index.html

“ Este trabalho é testemunho da herança forte que marca minha experiência no projeto do Instituto Goethe como um ponto de alargamento de sentidos: um lugar de encontro com novas potências para o que hoje posso conceber como prática artística.”



Estantes Inferiores | 12 estantes de aço, 75 caixas de vidro, impressões em adesivo vinílico, água

“ Diese Arbeit ist Zeugnis des wichtigen Erbes, das meine Erfahrung mit dem Projekt des Goethe-Instituts als einen Erweiterungspunkt von Gefühlen kennzeichnet: Ein Ort der Begegnung mit neuen Potenzialen, die ich so heute als künstlerische Praxis begreifen kann. ”



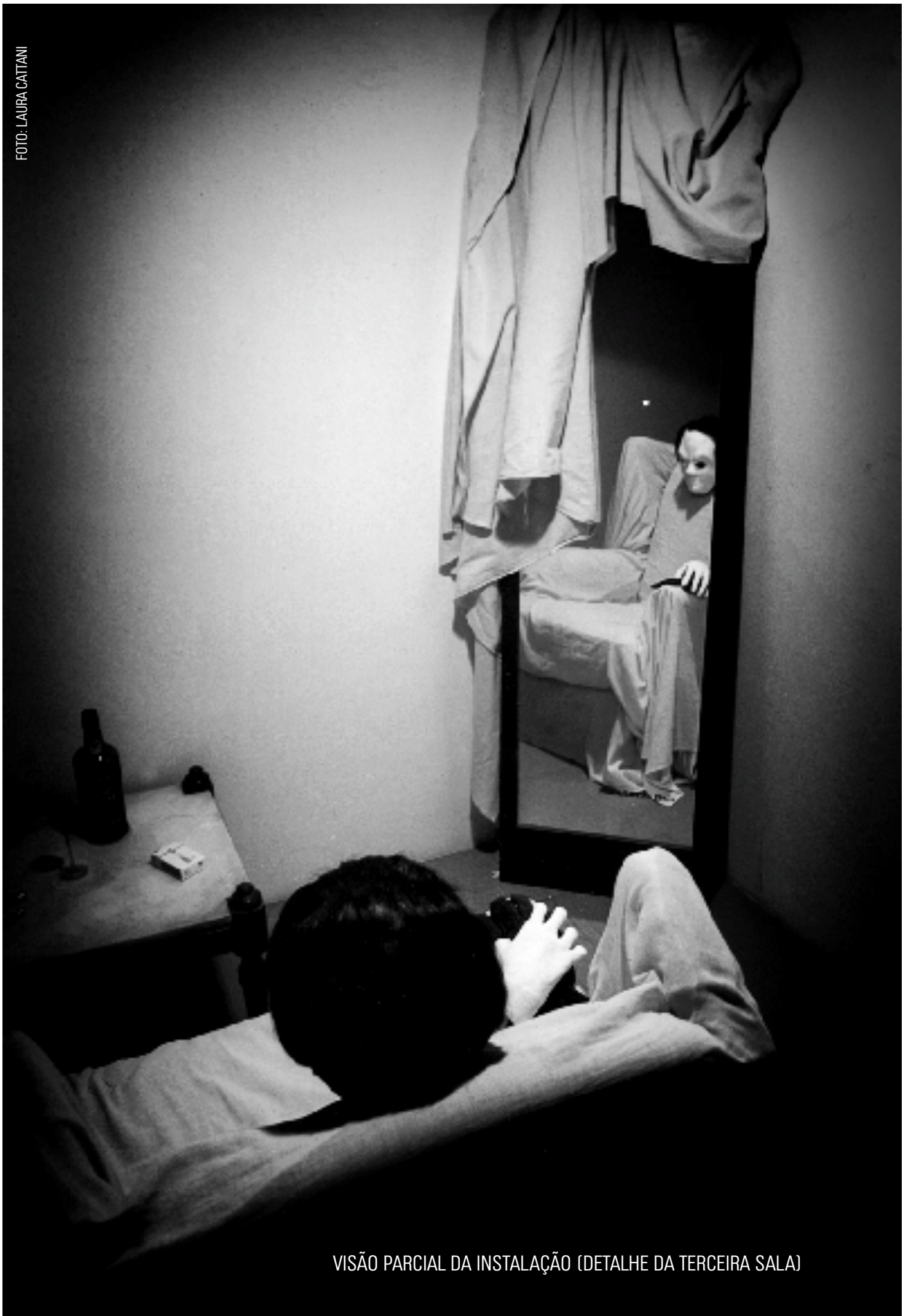


LAURA CATTANI E MUNIR KLAMT

Laura Cattani e Munir Klamt compõem o grupo Ío que, desde a sua criação, tem se destacado por propostas artísticas inovadoras, tendo realizado instalações, performances multimídia, música e obras em vídeo, criando um universo que funde o real e o ficcional, com características oníricas e mitológicas. Os artistas, com formação em diversas áreas, têm desenvolvido uma obra multifacetada mas coesa, que vem sendo reconhecida ao longo dos anos – tendo em seu currículo, além da seleção no Concurso de Artes Plásticas do Goethe-Institut, quatro projetos selecionados pelo Fumproarte, Menção Honrosa por três obras de videoarte no VII Salão de Arte Contemporânea de Sobral e, mais recentemente, o Prêmio Açorianos de Destaque em Mídias Tecnológicas.

grupo-io.blogspot.com
www.grupo-io.com
www.myspace.com/iogroup

“ O Diabo está nu atrás da porta foi uma obra fundamental na trajetória do grupo Ío, formado pelos artistas Laura Cattani e Munir Klamt, por instaurar parte do universo poético a partir do qual são criadas suas obras e um conjunto de procedimentos artísticos recorrentes na produção subsequente. ”



VISÃO PARCIAL DA INSTALAÇÃO (DETALHE DA TERCEIRA SALA)

LAURA CATTANI E MUNIR KLAMT

O Diabo está nu atrás da porta foi uma obra fundamental na trajetória do grupo Ío, formado pelos artistas Laura Cattani e Munir Klamt, por instaurar parte do universo poético a partir do qual são criadas suas obras e um conjunto de procedimentos artísticos recorrentes na produção subsequente.

Dentre eles, podemos destacar o uso de ready-mades naturais: objetos ou processos orgânicos que, apropriados, assumem um status limítrofe entre ciência e mito. Essa instalação foi erigida a partir de uma porta de madeira encontrada acidentalmente, na qual a ação de cupins moldou a forma de um diabo (visível quando uma luz era acionada pela presença do espectador). Outro elemento fundamental na construção poética do Ío é o acaso: nessa obra, isso é evidenciado pela improbabilidade estatística da ação dos cupins gerar uma forma reconhecível, bem como as referências iconográficas que essa casualidade potencializa. O Fausto de Goethe era a mais evidente, porém desdobrou-se em diversas leituras possíveis.

Os desdobramentos narrativos, a criação de uma cosmogamia própria, são outros elementos que se fizeram presentes a partir dessa obra e que se tornaram recorrentes ao longo da trajetória do grupo. A utilização de um conjunto de metanarrativas que se bifurcam em variações constantes da obra, no material gráfico e em trabalhos posteriores do Ío, evidencia um procedimento de mise en abîme, de narrativas, mitologias, imagens e linguagens convergentes. O próprio material gráfico da exposição continha texto de um crítico fictício que realizava um questionamento sobre a autoria, no qual os próprios artistas tornavam-se personagens.

Outro elemento fundamental no processo criativo do grupo é a construção de instalações híbridas, que dialogam com o contexto e o espaço em que estão inseridas, resignificando-os. Nesta exposição, foi construída uma parede falsa, alterando a percepção do espaço e instigando o espectador a desvelar os elementos ocultos, numa situação em que o fantástico irrompe no banal e em que esse espectador assume o papel de um personagem, um voyeur em relação à obra, um agente acionador de dispositivos que alteram a própria forma da instalação, que é uma entidade dinâmica.

Assim, é instaurado um universo alternativo que se transforma ciclicamente no que Ío classifica, de forma irônica, como Barroco Onírico Conceitual.

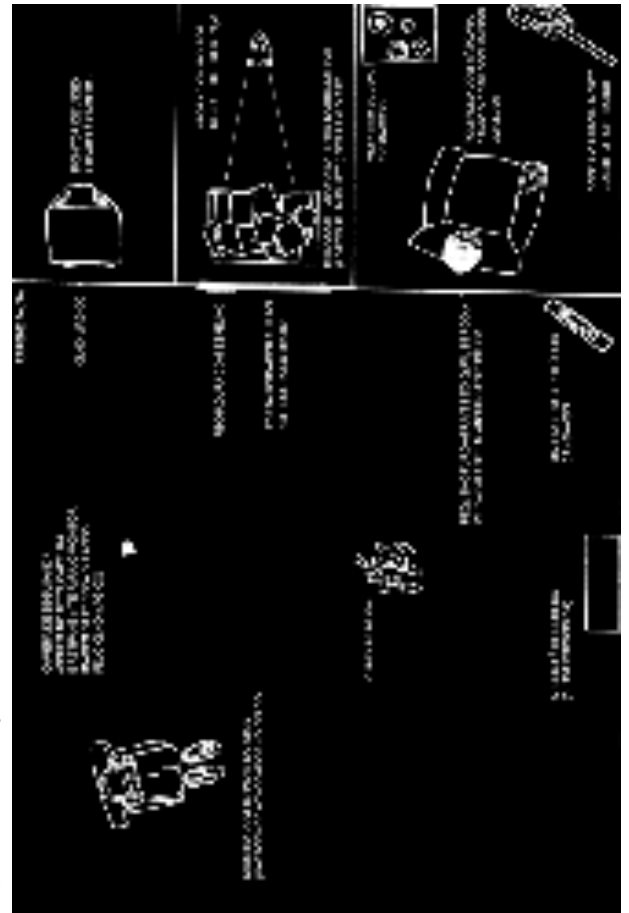
O DIABO ESTÁ NU ATRÁS DA PORTA



VISÃO GERAL DA INSTALAÇÃO

“Der Teufel ist nackt hinter der Tür war ein grundlegendes Werk in der Entwicklung der Gruppe Ío, bestehend aus den Künstlern Laura Cattani und Munir Klamt, da es einen Teil des dichterischen Universums, aus dem deren Werke kreiert werden, und die Gesamtheit der künstlerischen Abläufe, auf die die nachfolgenden Produktionen zurückgreifen, einführt.”

ESQUEMA DA INSTALAÇÃO - DESENHO: LAURA CATTANI



LUCAS LEVITAN

“...escrever sobre o escrever é o futuro do escrever...”

Haroldo de Campos

A galeria está aparentemente vazia. Três focos de luzes enfatizam o branco da parede, criando uma sutil hierarquia dentro do vazio. Temos a tendência a nos distanciar desses focos da mesma maneira que nos afastamos de uma pintura. Ao encontrarmos a justa distância, ouvimos um som sobre nossa cabeça. São três descrições de pinturas imaginárias. As narrações nos convidam a projetar as imagens cuidadosamente relatadas sobre a parede. A difícil concentração, as traições da memória e a defasagem entre linguagens tornam a tarefa frustrante.

Reescrevo. Descrever o descrever é o futuro do descrever. Descrevo:

“ As três pinturas de Lucas Levitan não só parodiam a própria pintura, mas também colocam-se em um espaço ambíguo onde humor, crítica e ironia perpassam uma reflexão sobre o objeto artístico e sua inserção no sistema da arte. ”

“Como também não se perceber preso no jogo artista ao escrever o texto sobre esta exposição? O que está sendo exposto não é mais o objeto, e sim toda a rede de relações na qual ele se constitui e se afirma, especialmente o espaço expositivo e o discurso. A mediação acaba por substituir a obra, oferecendo-nos como consolo e destino a consciência do desvelamento e, a partir disso, a possibilidade de um mergulho lúdico da proposição. Entre o silêncio da parede branca e o colorido oralizado num mantra monocórdio, Lucas reconecta as palavras imaginação e imagem.”

[Texto de Jailton Moreira, agosto de 2003, extraído do convite da exposição]

“ Die drei Malereien von Lucas Levitan parodieren nicht nur die eigene Malerei, sondern befinden sich in einem ambivalenten Raum, in dem sich Humor, Kritik und Ironie durch die Gedanken über das künstlerische Objekt, und seine Aufnahme in das Kunstsystem, ziehen. ”



"Tela de juta de trama grossa, tamanho de 80 por 60 centímetros. Moldura de mogno sem entalhe. O quadro é denso e escuro; a base é pintada com uma composição de Gris de Payne e Sombra Queimada. Essas cores formam tênues desenhos geométricos feitos com Terra Siena Natural e um tom mais escuro de Verde Vessie. A geometria dos desenhos funde os objetos, formando uma massa indeterminada; as formas são constituídas por linhas grossas e pinceladas firmes de Preto de Marte e inteiramente preenchidas com tons de Azul da Prússia, Sépia e Amarelo Ocre. Formam-se desenhos luminosos se comparados à densidade escura do fundo. Destacam-se claramente essas formas que surgem aos poucos na base inferior esquerda do quadro e seguem ao canto superior direito com maior presença de detalhes. São planos com muitas arestas agudas. As formas são agressivas. O emaranhado é vigoroso e muitos possuem uma mistura de tons Amarelo Ocre e Sépia. Quatro cubos desdobrados destacam-se no canto superior direito. São pintados em Verde Esmeralda numa mistura de Preto e Marron Van Dick. Os desenhos dos objetos centrais da uma leitura diagonal ascendente do quadro. O canto superior esquerdo não possui desenhos em destaque, parecendo, à primeira vista, vazio. No canto inferior direito, em contrapartida, vê-se com ênfase um círculo em Amarelo Ocre com misturas de preto e cinza. As formas geométricas centrais são constituídas de múltiplas facetas distorcidas e sobrepostas. Pinceladas finas de Verde Vessie e Sépia em movimentos circulares sobrepõem-se à pintura abaixo..."



LUCAS LEVITAN

Artista plástico e designer. Formado com distinção no mestrado de Design Gráfico pela University of the Arts London/GB. Frequentou o espaço de arte Torreão de 1999 a 2005.

Tem trabalho selecionado pelo Rumos Artes Visuais/Itaú Cultural, Goethe-Institut, Panorama do MAM/SP e Torreão. Participa da exposição Tropicália em parceria com o artista Jailton Moreira com o trabalho exposto na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina. Em Londres, onde reside e trabalha desde 2005, realiza mostras na Light Contemporary Gallery e The Picture Room Gallery. Mantém sua produção artística e seu interesse por arte conceitual, instalação e videoarte.

www.levitan.com.br



MÔNICA HOFF

Pós-graduanda em Economia da Cultura (PPGE/UFRGS), especialista em Pedagogia da Arte (PPGEDU/UFRGS) e bacharel em Artes Plásticas (IA/UFRGS). Profissionalmente, atua nas áreas de arte e educação. Desde 2006, é responsável pela coordenação geral do Projeto Pedagógico da Fundação Bienal do Mercosul. Há um ano, realiza o projeto Caminhadas compartilhadas, uma coleção de percursos construída a partir de propostas de passeios que as pessoas lhe dão.

do fazer diário

2003 foi um ano singular. Na minha formação, representou o fechamento de um ciclo, vivido ao longo de cinco anos no Bacharelado em Artes Plásticas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e o início de outro, o da escolha de ser artista e transitar nesse terreno esquizo de liberdade e regras postas que é o campo das artes.

O projeto que apresentei no Goethe-Institut Porto Alegre no fim daquele ano trazia consigo um pouco desses dois ciclos. Estufa nº 2 foi acionado por uma primeira estufa, apresentada em maio de 2003 como projeto de conclusão de curso, que tinha como questões centrais o tempo, a autonomia e o paradoxo vida e morte. Tratava-se da criação de um ambiente natural em um espaço institucional. Tratava-se de um embate das noções de natureza e cultura. Tratava-se, sobretudo, de subverter a regra dentro dela mesma.

Passados seis anos, eu não saberia dizer da importância desse momento para a minha trajetória artística, sobretudo porque o meu caminho foi sendo traçado de maneira irregular, estabelecendo-se no cruzamento da arte com outras áreas e não especificamente no fazer artístico. No entanto, posso contar com boa memória que, naquele momento, a apresentação pública do projeto foi de uma importância sem par para a minha vida e para o meu fazer mais amplo.

Estufa nº 2 representou naquele novembro um “romper a casca”, não só na minha incipiente produção como artista, mas principalmente no meu fazer diário, alterando processos, posturas e metodologias cotidianas.

“Uma exposição não é feita só de obra, espaço, público e iluminação. Numa exposição, a gente se expõe sobretudo. Deitada a semente, a casca se rompe e o broto nasce. Não tem como voltar atrás.”



Estufa nº 2
Dimensões variáveis
Material: madeira, tecido,
água, sementes de painço,
luz e tempo
2003

“ Eine Ausstellung besteht nicht nur aus Kunstwerk, Raum, Publikum und Beleuchtung. In einer Ausstellung gibt man vor allem sich selbst zu erkennen. Man legt den Samen, die Schale bricht und der Spross wird geboren. Es gibt kein Zurück. ”

2004

2002

V EDIÇÃO

Artistas

BRUNO NOVELLI E EMERSON PINGARILHO

CRISTINA RIBAS

RENÉ RUDUIT

Comissão Julgadora

EVA MARIA WILDE

FRANCISCO KLINGER CARVALHO

KARIN LAMBRECHT

REINHARD SAUER

BRUNO NOVELLI E EMERSON PINGARILHO

O projeto Desconstruindo Gigantes, realizado no Instituto Goethe de Porto Alegre em 2004, juntamente com Emerson Pingarilho, foi muito importante no início da minha carreira como artista plástico, assim como para o coletivo Upgrade do Macaco. O importante, nessa ocasião, foi a liberdade de explorar e cruzar diversos recursos de imagem (pintura no formato de work in progress aliada a recursos de vídeo) de uma forma experimental e dinâmica.

Emerson Pingarilho



Possibilitou uma maneira interessante de mostrar o desenho em outros contextos de galeria. Foi um projeto que ampliou a forma de expressão que vinha sendo desenvolvida pelo Upgrade do Macaco.

Bruno 9Li

DESCONSTRUINDO GIGANTES

“ O importante, nessa ocasião, foi a liberdade de explorar e cruzar diversos recursos de imagem...”



BRUNO NOVELLI

www.bruno9li.com

Mitológico, espiritual, panteísta: estes são os primeiros adjetivos que ilustram o mundo metafísico de Bruno 9li, um dos artistas emergentes mais interessantes no panorama brasileiro. Ao mesmo tempo, Bruno 9li (Bruno Novelli, 1980) sintetiza sua produção artística com algumas dicotomias e contradições do cenário cultural brasileiro: metropolitano, efêmero e tecnológico.

Em seus trabalhos, animais parecem remeter aos diários e bestiários das primeiras explorações europeias no "Novo Mundo", heróis épicos se impõem à atenção do espectador através de uma imersão em um mundo sobrenatural e ancestral. Um retorno às origens, uma era perdida repleta de simbologia, na qual se podem notar referências à cultura pop, comix e filmes de ficção científica.

Com um traço frenético e saturado, Bruno 9li desenha um mundo caoticamente ordenado, regado por uma alquimia misteriosa que controla, entre passado e futuro, morte e ressurreição, metamorfoses fantásticas e mudanças genéticas entre bestas, semideuses e andróides.

Ainda jovem, Bruno 9li tem sua produção reconhecida internacionalmente através de mostras na Europa, na América do Norte e na Ásia.

Lorenzo Gatti
ROJO® Creative Director Italy

“ Wichtig an dieser Gelegenheit war die Freiheit, verschiedene bildliche Möglichkeiten zu erforschen und zu kombinieren...”



DESCONSTRUINDO GIGANTES | BRUNO NOVELLI E EMERSON PINGARILHO



“ Sobre o que não se pode falar, deve-se calar. [cf. Wittgenstein, 1993a, § 7]. ”



EMERSON PINGARILHO

www.flickr.com/photos/pingarilho

O desenhista Emerson Pingarilho (1976) atualmente dedica-se às possibilidades do desenho a nanquim e seus desdobramentos nas mais diversas aplicações. Invoca, em seu trabalho gráfico, imagens vindas de uma mitologia própria, na qual seres eróticos e bestas celestiais encontram-se através de grafismos que beiram o delírio visual. Participa da Irmandade Upgrade do Macaco, cuja meta e cujo ofício se destinam à manifestação pura da dimensão impossível através da experiência além da imagem, o sentimento puro. Tendo participado de exposições na Galeria Choque Cultural (SP), no Museu de Arte Contemporânea de Porto Alegre, Instituto Goethe (POA) e Galeria Adesivo, hoje mora e trabalha em São Paulo.

“ Wovon man nicht sprechen kann, darüber muss man schweigen. [cf. Wittgenstein, 1993a, § 7]. ”



arquivodeemergencia.wordpress.com
www.abrigolaranja.blogspot.com
azulejista.wordpress.com

CRISTINA RIBAS

Artista visual e pesquisadora. Mestre em Processos Artísticos Contemporâneos, pela UERJ, 2008. Estudou artes visuais no Atelier Livre da Prefeitura 1998 e 2004 e graduou-se no Instituto de Artes da UFRGS, 2004. Selecionada e premiada nos projetos Bolsa Artist Links, British Council, São Paulo/Londres, 2009; Prêmio Interações Estéticas, Funarte/MINC, 2008; Prêmio Conexão Artes Visuais, Funarte/MINC (projeto coletivo), 2007; Prêmio Interferências Urbanas, Chave Mestra, Rio de Janeiro, 2006; Bolsa de Pesquisa do 46º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco, FUNDARPE, Recife, 2005; Bolsa Pampulha, programa de artista residência, Museu de Arte da Pampulha (MAP), Belo Horizonte, 2003. Participa de eventos de arte contemporânea desde 2002, integrando exposições individuais e coletivas.

CRISTINA [LAR] RIBAS

Fato: os painéis de um cinema desativado foram movidos de sua condição de invisibilidade urbana para a galeria do Instituto Goethe, localizado na mesma rua cerca de 500 metros adiante. Ele se chamava CORAL e funcionara ali na beira da calçada de um bairro abastado da cidade desde 1964. Ironicamente ou não, 40 anos depois, atravessando pela mais do que milésima vez aquele percurso, finalmente olhei para os painéis com o sentido documental que outros objetos recolhidos tomaram em minha produção. Se noutra situação o cinema fora mudo, como dissera Matheus, agora seria também cego.¹

O pensamento documental da fotografia, que sempre permeou meu processo de criação, contribuiu para fazer aderir aos objetos recolhidos dos “lugares assistidos” também a intenção documental, mesmo que como documentos parciais, tornando-se dispositivos de ativação de narrativas. Já recolhi tijolos, azulejos quebrados, placas, letras avulsas do letreiro do cinema e outros. Para o projeto CINEMA CORAL, os dois painéis de acrílico retirados/deslocados receberam iluminação nova e estavam suspensos a uma certa altura do chão, o que reproduzia a colocação similar àquela que ocupavam na fachada do cinema. O que diferia de seu uso normal era que, na montagem na galeria, foram colocados de maneira a “olharem-se”.

“ A experiência do CINEMA CORAL não objetivava ser apenas a reconfiguração escultórica de um elemento urbano descartado. No projeto, ação e exposição contaminaram-se. Foi necessária uma série de ações ou negociações bastante tempo antes da exposição, ativando um universo relacional: apresentar o projeto à instituição que receberia a exposição, solicitar a doação dos painéis aos proprietários do imóvel e a partir daí iniciar a negociação com seu representante, realizar todo o trabalho de produção... ”

¹Matheus Rocha Pitta escreveu um texto para a exposição em que comenta a cegueira do cinema referindo-se à ação CINEMA MUDO que realizei dois anos antes em quatro cinemas desativados em Porto Alegre.

“ Die Erfahrung des CINEMA CORAL hatte nicht nur zum Ziel, ein ausgedientes städtisches Element in eine Skulptur umzugestalten. In diesem Projekt steckten sich Aktion und Ausstellung gegenseitig an. Eine Reihe von Aktionen und Verhandlungen war schon lange vor Beginn der Ausstellung nötig, und aktivierte ein Universum von Beziehungen: Die Präsentation des Projektes bei der Institution, die die Ausstellung aufnehmen würde, der Antrag für die Schenkung der Leuchttafel an die Besitzer des Gebäudes, und von da an beginnend die Verhandlungen mit ihrem Repräsentanten, die Realisierung von Produktionsarbeit... ”



. archive-se

Na negociação para o CINEMA CORAL, no momento em que fui assinar o “termo de responsabilidade” que por fim cedia o empréstimo dos painéis e que fora criado conforme solicitação do sr. Marum [advogado dos proprietários], ele estranhamente errou o carimbo com seu nome e, logo abaixo de sua assinatura, estampou “archive-se”.

Ao final da exposição, os painéis não foram devolvidos para a fachada do cinema como havia sido combinado. Depois de algumas conversas com o sr. Marum, os painéis foram finalmente cedidos para mim, para que pudessem existir de alguma forma, como trabalho de arte.

RENÉ RUDUIT

“Gesto, matéria, acúmulos e sobreposições são as primeiras palavras que vem à minha mente quando penso nos trabalhos que foram apresentados na Galeria do Goethe Institut em 2004.”

Esses trabalhos faziam parte da pesquisa que desenvolvia em meu mestrado em Poéticas Visuais, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cujo título era “A construção do campo pictórico: acúmulos e sobreposições”. Nelas buscava trabalhar tendo como norteador a ideia de que as pinturas se construíam a partir de uma série de ações que resultariam em sobreposições e acúmulos de camadas. Dessa forma, apresentava-se para mim um campo de experimentação. Porém, sempre fui guiado pela construção de imagens, e essas pinturas partiam de referências fotográficas de árvores cindidas. Árvores feridas como um gesto na pintura que fere a superfície da tela.

De fato, as imagens de árvores serviram como uma metáfora da própria pintura no processo de construção por acúmulos e sobreposições de matéria. E assim surgiram como uma possibilidade de exploração pictórica. Suas manchas, suas texturas, seus nós e a sobreposição de suas camadas aparentes em troncos rompidos eram uma analogia à pintura e ao processo de construção por meio de acúmulos e sobreposições. Desse modo, a ideia das imagens de árvores e a exploração da pintura pareciam alinhar-se para o mesmo resultado, e o espaço da tela tornava-se o campo de ação do pintor no qual manipula e transforma a matéria empregada.

Essa exposição permitiu verificar os resultados desses trabalhos e permitiu discutí-los com um maior número de pessoas. Foi a oportunidade de apresentá-los em um momento mais maduro. Foi a oportunidade de conversar sobre essa produção. Além disso, é de extrema relevância para mim o fato de essa exposição ser a primeira de pinturas apresentadas no espaço. Agradeço por ter podido participar dessa história de 10 anos da Galeria do Goethe Institut.



“ Geste, Materie,
Konzentrierung und
Überlagerungen sind die
ersten Wörter, die mir in
den Kopf kommen, wenn
ich an die Arbeiten denke,
die 2004 in der Galerie
des Goethe-Instituts
ausgestellt wurden. ”

Especificações técnicas [para as três imagens]:
Sem título | 2003 | Óleo sobre tela | 150 x 200 cm





RENÉ RDUIT

Mestre em Poética Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2005 e bacharel em Artes Plásticas com ênfase em Pintura pela mesma instituição em 1997. É professor no Centro Universitário Feevale desde 2002 e foi professor de desenho na UFRGS entre 2000 e 2002. Realizou exposições individuais e participou de coletivas desde 1996.

LA

2005

00

00

2

VI EDIÇÃO

Artistas

DANIEL ESCOBAR

GABRIELA PICOLI E LUCIANO ZANETTE

MAGDA GEBHARDT

MANOELA PAVAN

Comissão Julgadora

BIANCA KNAAK

FRANCISCO KLINGER CARVALHO

REINHARD SAUER

STEFAN SOUS



FOTO: ADERLIZE MARTINS

DANIEL ESCOBAR

Santo Ângelo/RS, 1982.

Graduado em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 2009, realizou a individual Verdades Laterais na Rhys Mendes Gallery, em Belo Horizonte. Participou do projeto Bolsa Pampulha/Museu de Arte da Pampulha (MG) e foi indicado ao Prêmio CNI/SESI Marcantônio Vilaça para as Artes Plásticas (2008). Em 2006, foi premiado no projeto Fiat Mostra Brasil (SP) e Artista Revelação no 1º Prêmio Açorianos de Artes Plásticas (RS). Atualmente, integra a Coordenação de Arte e Educação do Instituto Inhotim. Vive e trabalha em Belo Horizonte (MG).

DANIEL ESCOBAR

Um outdoor indoor

Da parada de ônibus, avisto uma enorme tela com uma mulher sorridente. Sobre ela se apoia um homem em uma escada. E, pouco a pouco, ela vai se modificando, adquirindo novas formas – indefinidas em certos momentos – mas que lentamente vão transformando-a em maravilhosos pares de sapatos.

A descrição desse momento de espera é talvez uma das melhores formas de iniciar este texto – uma simples anotação no verso de um envelope que gerou o projeto da instalação *Perto Demais*, apresentada em 2005 no Goethe-Institut Porto Alegre. O que separa a anotação da instalação não está relacionado à fatura de um objeto e sua posterior exibição em uma sala expositiva, mas sim a uma experimentação que não seria possível sem o espaço físico e institucional de uma galeria. Em outras palavras, a realização desse projeto significou, para além da produção de uma mostra, a possibilidade de materializar uma ideia. O esquema de colagem de um outdoor, reproduzido no convite da exposição, torna implícita a relação entre galeria e espaço de trabalho que passava a ser estabelecida. As etapas de negociação com empresas que veiculam publicidade urbana, assim como a colagem dos inúmeros cartazes que foram sobrepostos durante a mostra, intensificaram um contato com os materiais e procedimentos em questão, trazendo novas referências para o meu processo criativo. Dessa forma, a grande crosta gerada sobre a superfície da parede pode também representar o conjunto de possibilidades vislumbradas no decorrer desse processo que, na sequência, desencadearam a produção de uma série de trabalhos.

“ *Perto Demais* inaugura uma relação entre arte e cidade, desdobrada a partir dos conceitos de deslocamento, escala, distâncias, camadas, acúmulos, resíduos e desejos. O outdoor indoor, ou a dinâmica da cidade deslocada para o interior do espaço expositivo, revela através de um conflito semântico a matriz conceitual do trabalho artístico que venho desenvolvendo. ”

A instalação *Perto Demais* traz para o contexto artístico o processo de colagem dos cartazes outdoor. O grande quadro, deslocado de seu espaço rotineiro e instalado em um lugar convencionalmente designado para a contemplação estética, torna-se o espaço de ação do artista, em que camadas de imagem vão sendo sobrepostas. Como os cartazes não são colados na íntegra, acontecem alguns cruzamentos aleatórios entre as imagens que se exibem. O outdoor permanece em constante transformação no decorrer da mostra, reproduzindo a permanente mutação da paisagem urbana a que estamos habituados.

PERTO DEMAIS



Perto Demais, 2005
Instalação-performance
Projeção de vídeo e colagem
de cartazes outdoor



FOTOS: JORGE BUENO

“ Perto Demais eröffnet eine Beziehung zwischen Kunst und Stadt, die sich von den Konzepten Ortsveränderung, Zwischenstopp, Entfernungen, Schichten, Ansammlungen, Abfällen und Wünschen entfaltet. Das „outdoor indoor“, oder die Dynamik der Stadt, die in das Innere des Ausstellungsraums verlagert ist, enthüllt anhand eines semantischen Konfliktes die konzeptuelle Matrix der künstlerischen Arbeit, die ich gerade entwickle. ”



FOTO: LUCIANO ZANETTE

GABRIELA PICOLI

Porto Alegre/RS, 1975.

Vive e trabalha em São Paulo. 2002, Espera, CCSF, João Pessoa. 2000, Mapas do Desejo, CMC, Porto Alegre; Vestidura, Centro de Artes Visuais Tambiá, João Pessoa. 1998, Arquivos de um Tempo, CCMQ, Porto Alegre. Coletivas: 2007, MAC Jataí, GO; Salão UNAMA, Belém; O Estado Amoroso e a Melancolia, MARP. 2006, Bienal do Recôncavo, BA. 2005, O Estado Amoroso e a Melancolia, Museu da Fotografia, Curitiba e Unijuí, Ijuí; Cineport, João Pessoa; Mapeamento Artes Visuais RS, MAC. 2002, Para Elos, Casa da Ribeira, Natal. 2000 Salão Victor Meirelles; 1999 Bienal Inter-Universitária, Paris; Contatos do Corpo, Feevale, Novo Hamburgo. 1997, Salão Jovem Artista, Porto Alegre.



LUCIANO ZANETTE

Esteio/RS, 1973.

Vive e trabalha em São Paulo. 2008, Torreão; Desenhos de Gabinetes, UnB, Brasília. 2006, Mobiliário Melancólico, MACRS. 2002, Desvãos, CCSF, João Pessoa. 2001, Habitário, Galeria Iberê Camargo; Descertezas, CCMQ. Coletivas: 2009, Rumos Visuais, Itaú Cultural. 2007, Salão Paranaense, MACPR; O Estado Amoroso e a Melancolia, MARP e Unijuí; Galeria A Gentil Carioca. 2006, Salão Victor Meirelles, MASC. 2005, O Estado Amoroso e a Melancolia, Goethe-Institut Porto Alegre e Museu da Fotografia, Curitiba. 2002, Para Elos, Casa da Ribeira, Natal. 2000, Salão Pernambucano. Prêmios: 2007, Artista Destaque e Escultura, 1º Prêmio Açorianos de Artes Plásticas.

GABRIELA PICOLI E LUCIANO ZANETTE

Do estado amoroso à melancolia e vice-versa

“O que repercute em mim é o que aprendo com meu corpo...” Roland Barthes

“Fotos. Objetos. Textos literários. Estes são os componentes eleitos por Gabriela Picoli e Luciano Zanette para a instalação O estado amoroso e a melancolia. ”

Uma instalação, entretanto, não é apenas dispor elementos em determinado espaço. Há uma ordem relacional que também a compõe: aqui é a conversa das fotos, dos objetos e dos textos entre si. A relação de cada um com seu outro e a relação de todos com o espaço.

A instalação sempre é uma ocupação que altera o seu lugar de apresentação. Há um viés experimental em sua efetivação pelo propositor e em sua percepção pelo outro. O artista realiza escolhas e rejeições definindo os lugares e as posições dos objetos, e esse circuito será experimentado pelos corpos que o percorrerão.

Gabriela Picoli, que tinha lido Fragmentos de um discurso amoroso, de Roland Barthes, e Luciano Zanette, que fizera a leitura de Sol negro, de Julia Kristeva, passaram a produzir alguns trabalhos e perceberam que havia uma possibilidade de trama entre eles. Para adensá-la ainda mais, escolheram alguns textos do escritor e fotógrafo Jerri Rossato Lima que nos são apresentados como possibilidade de escuta dupla. Polifonia para provocar polissemias.

Quanto às fotografias de Gabriela, elas têm como elemento dominante o corpo humano. Esse conjunto de imagens teve seus limites determinados por escolhas formais da artista. Elas nos lembram de como esse corpo é moldável, adaptável e sempre rico em possibilidades. Às vezes, é um corpo passivo que sofre intervenções na busca de assumir outra forma (quando mantém impressas na pele as marcas dessas interferências). Outras vezes, é ativo e acolhe objetos, desenvolve gestos e assume posições.

¹ Os textos são de Jerri Rossato Lima, que integra desde 1998 o coletivo Comfluência, junto com Luciano Zanette e Gabriela Picoli, além de Márcio Quadrado e Simone Bernardes. Esses dois últimos também são colaboradores da instalação, pois emprestam suas vozes para o áudio que podemos ouvir.

FOTO GABRIELA PICOLI



Especificações técnicas: (tipo de proposta) Trabalho em Processo (material) fotografias, objetos e áudio (texto do áudio: Jerri Rossato Lima. Vozes: Simone Bernardes e Marcio Quadrado) Dimensões variáveis

FOTO: LUCIANO ZANETTE

GABRIELA PICOLI E LUCIANO ZANETTE

Luciano Zanette realiza um jogo com as formas. O objeto maior, nascido da observação dos genuflexórios das igrejas, foi torcido, convertido e reinventado. O que temos agora é um outro objeto, mas ainda podemos reconhecer seu princípio: o estrado no qual os fiéis ajoelham-se para orar. Aqui, porém, os dois lugares estão de frente um para o outro (recordemos que, nas igrejas, ficamos lado a lado com nossos semelhantes ao dobrarmos os joelhos diante de um deus – de quem temos a imagem, mas não a natureza). Parece que o artista propõe que recriemos nossas posições ao nos curvamos em frente a um outro humano. Mais um dado: os “genuflexórios” de Luciano são separados por distância igual à de uma cama; logo, eles ocupam as posições da cabeceira e seu contrário e, entre eles, há ainda outro corpo subentendido.

É no conjunto dos objetos da instalação e em sua maneira de ocupar o espaço que o estado amoroso e a melancolia tocam-se e influenciam-se, ainda que sem se fundirem, reduzindo-se a um único terceiro estado no qual perderiam suas potências e singularidades. Aqui, elas se relacionam e são colocadas sempre em movimento num infinito comentário mútuo, tal como pode ser na vida, entre as pessoas.

O estado amoroso e a melancolia têm uma ligação profunda: um é o termo corolário do outro. A criação literária, por sua vez, tem uma inteira ligação com ambos: não há escrita que não seja amorosa; nem imaginação que não seja, aberta ou secretamente, melancólica.²

Claudia Paim
2005

“Fotos. Objekte. Literarische Texte. Das sind die von Gabriela Picoli und Luciano Zanette ausgesuchten Komponenten für ihre Installation „Der Zustand der Liebe und die Melancholie.“

² Júlia Kristeva. Sol negro. Rocco: Rio de Janeiro, 1989.



MAGDA GEBHARDT

Porto Alegre/RS, 1981.

Formada em pintura em 2005 pelo Instituto de Artes da UFRGS, onde estudou com Carlos Pasquetti, Renato Heuser, Richard John e Flávio Gonçalves.

Passou o Diplôme National d'Arts Plastiques em 2008 pela École Nationale des Beaux Arts de Lyon, França, onde atualmente faz o Master en Arts. Recebeu em 2009 a bolsa Explora-Sup da Région Rhône-Alpes, para um semestre de intercâmbio na Kunstakademie de Düsseldorf, sob orientação de Herbert Brandl.

Teve o trabalho selecionado na I edição do Concurso Novíssima Geração, do Museu do Trabalho, e VI Concurso de Artes Plásticas do Goethe Institut, ambos de Porto Alegre. Atualmente, vive e trabalha na Alemanha.

MAGDA GEBHARDT

O trabalho selecionado no VI Concurso de Artes Plásticas do Goethe Institut, Paisagens em Dípticos, foi decorrência do meu projeto de graduação, no qual desenvolvi em pintura a óleo uma série de paisagens em formato de dípticos. Foi uma série que deu início, pessoalmente, a um outro jeito de olhar e de trabalhar a pintura e que se desenvolveu até os trabalhos mais recentes.

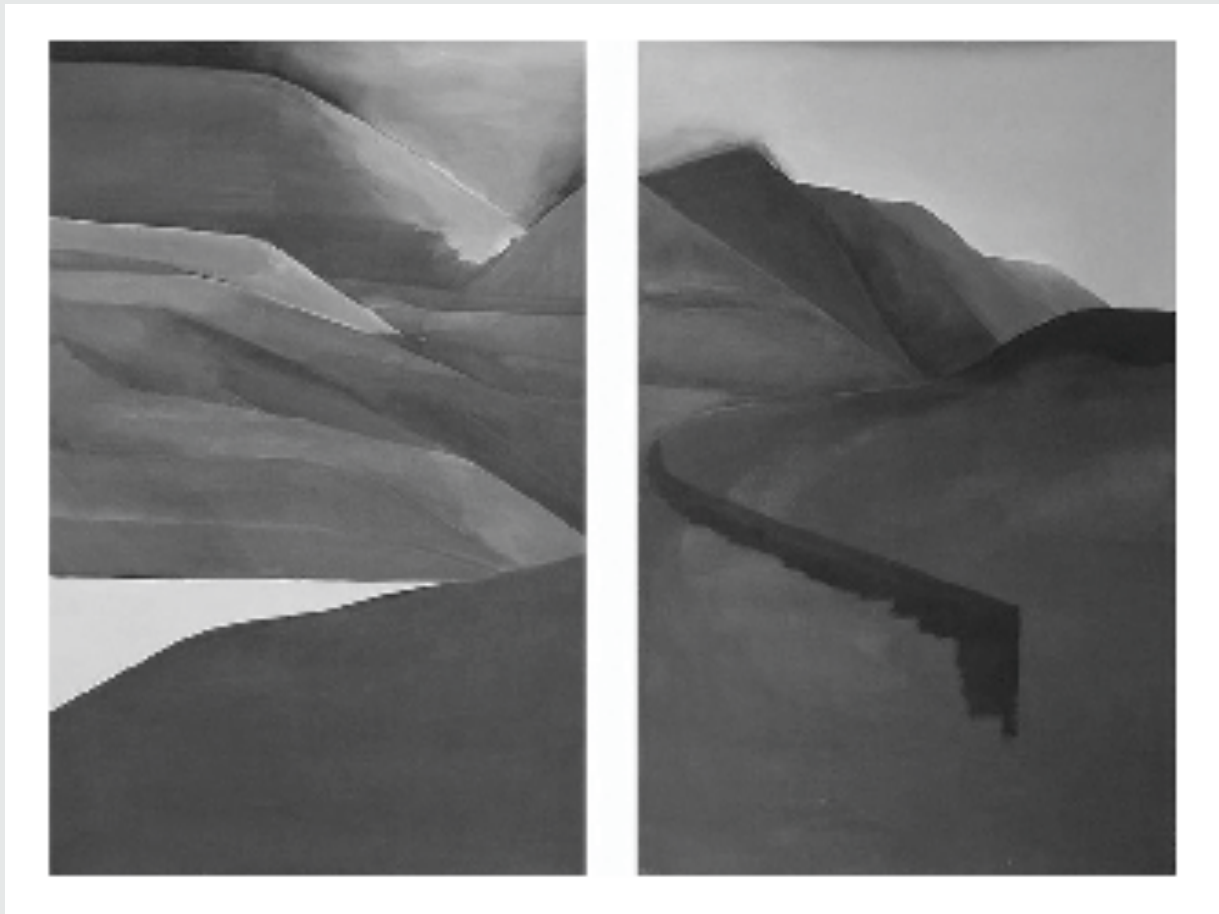
O meu interesse inicial sobre a paisagem era o que ela poderia refletir de exterior a si, sendo contexto para indicar o sentimento de um lugar e de uma época. Como um campo de reflexão que me permitiria passar pelas questões pictóricas que me interessavam e pela carga emocional que um trabalho artístico pode ter. A paisagem como sujeito e como base na construção de uma cena, e também como maneira de pensar a pintura – o espaço, a construção por camadas, as cores.

Esse trabalho foi criando com o tempo um outro caráter, dando forma à uma paisagem mais romântica e mais dramática. Uma ambiguidade que é criada, ao meu ver, no contraste entre o sujeito e na maneira como as cores e as imagens são dispostas.

O que tenho tentado, nos últimos trabalhos, é deixar que a matéria conduza a imagem, de modo que a paisagem tome uma postura de vítima em relação à pintura em si, que avança nas noções realistas do espaço. O ato de pintar e a força da matéria são o impulso que estruturam e dão sentido a essas imagens.

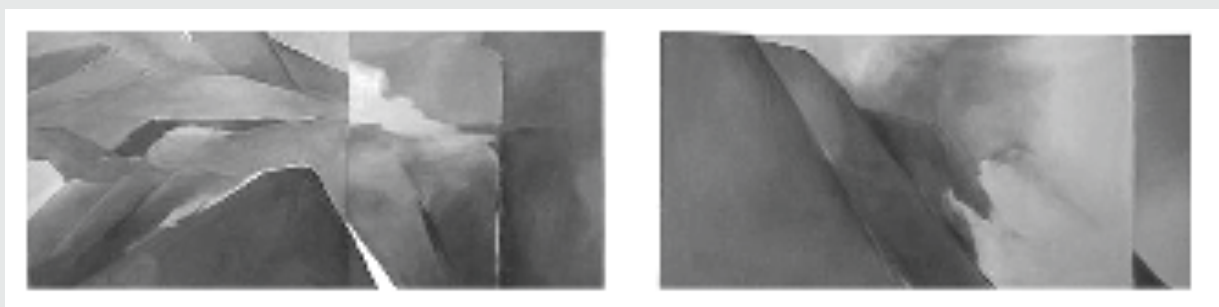
PAISAGENS EM DÍPTICOS

“O ato de pintar e a força da matéria são o impulso que estruturam e dão sentido a essas imagens.”



da série paisagens em dípticos
acrílico e óleo sobre tela
duas partes de 150 x 80 cm
2005

“Der Akt des Malens und die Kraft der Materie sind der Impuls, der diesen Bildern Struktur und Sinn verleiht.”



da série paisagens em dípticos
acrílico e óleo sobre tela
duas partes de 70 x 137 cm
2005

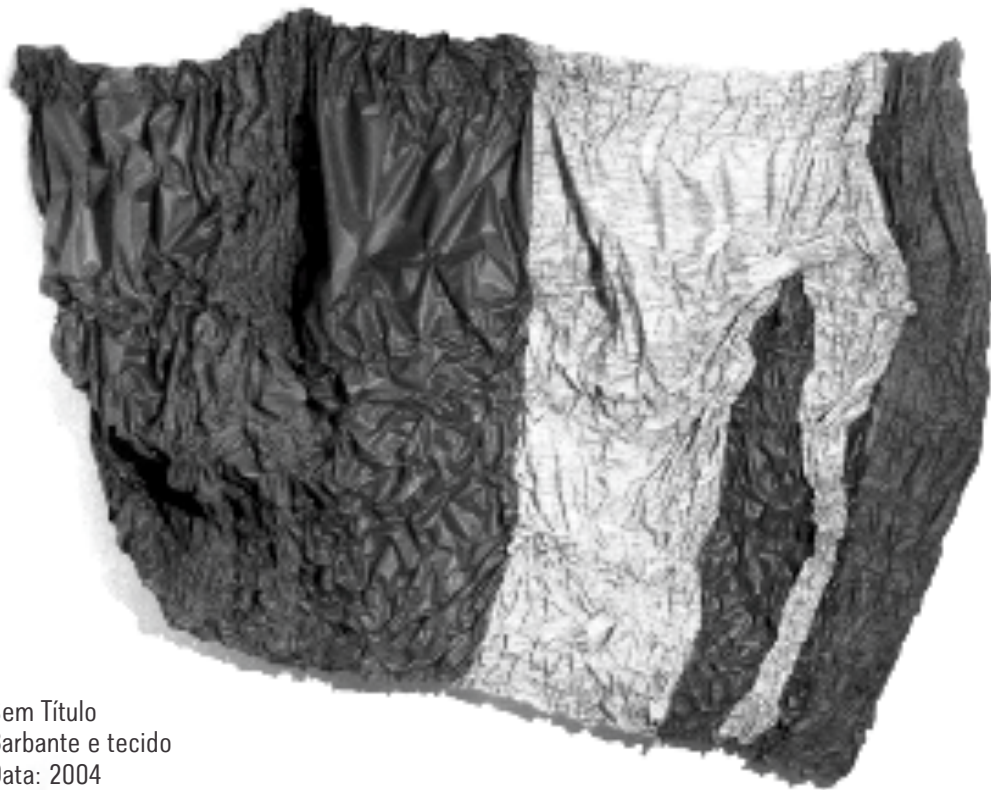
MANOELA PAVAN

Os trabalhos que integraram essa exposição surgiram a partir de uma pesquisa que se iniciou na elaboração de autorretratos e modificou-se à medida que buscava atingir uma possível generalização. As principais referências para a elaboração dos desenhos passaram a ser radiografias, desenhos retirados de livros de anatomia, entre outras imagens que revelam partes do corpo encobertas pela superfície da pele. A predominância da cor vermelha simulava a carne exposta, o fluxo natural do organismo e a corrente sanguínea.

A primeira etapa desse trabalho desenvolveu-se na velocidade do consumo dos tecidos industrializados. A escolha desses tecidos foi orientada pela cor, semelhante aos tons de carne, pela estampa que pode ser formada por linhas no mesmo sentido e pela textura que com algumas interferências pode ser associada às vísceras. Restou evidente a identificação com as rendas, os brilhos e as transparências que, apesar de conterem a carga do feminino, não personificam o sujeito. Num segundo momento, entrou a lentidão da costura manual com a junção dos fragmentos. A linha de costura estruturou os trabalhos, ao mesmo tempo em que fixou os relevos, articulando-se com as estampas e formando novos desenhos. A aparência está representada pelos tecidos industriais e o sujeito pela tentativa de trazer vestígios que simulem tecidos humanos para a superfície.

Ser contemplada pelo concurso de artes plásticas contemporâneas do Goethe Institut foi o reconhecimento de uma pesquisa importante que está propondo uma reflexão sobre questões atuais. Assim como uma ideia não existe antes de ser manifestada, a arte precisa de público para existir.

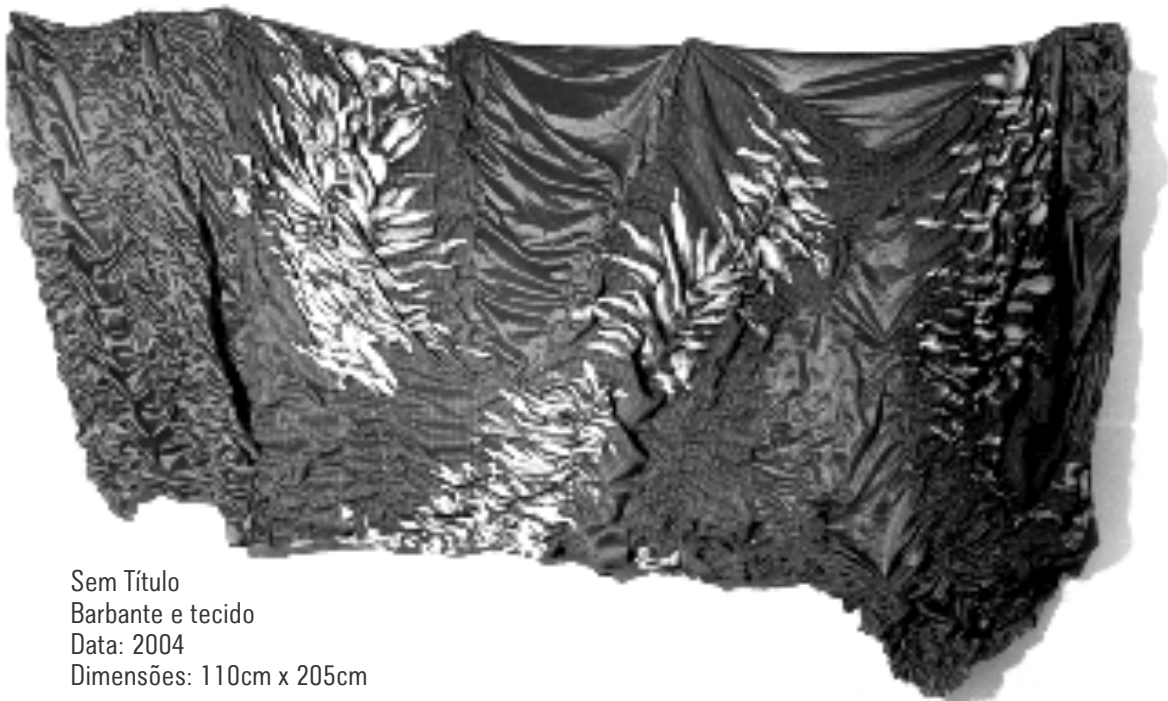
“ A aparência está representada pelos tecidos industriais e o sujeito pela tentativa de trazer vestígios que simulem tecidos humanos para a superfície. ”



FOTOS: THIAGO MARTINI

Sem Título
Barbante e tecido
Data: 2004
Dimensões: 125cm x 180cm

“ Die äußere Erscheinung ist durch die industriell gefertigten Stoffe repräsentiert, und das Subjekt durch den Versuch, Spuren zu überbringen, die menschliches Gewebe an der Oberfläche vortäuschen. ”



Sem Título
Barbante e tecido
Data: 2004
Dimensões: 110cm x 205cm



MANOELA PAVAN

2005 - Bacharel em Artes Plásticas, Habilitação: Desenho - UFRGS

2007 - Licenciatura em Educação Artística - UFRGS

Exposições Coletivas

2001 - Salão de Alunos do Atelier Livre - Centro Municipal de Cultura, Porto Alegre/RS

2003 - A Novíssima Geração de Artistas: Desenho e Pintura - Museu do Trabalho, Porto Alegre/RS

2003 - CAIXAS - Espaço Xico Stockinger, Casa de Cultura Mário Quintana, Porto Alegre/RS

2004 - Salão do Jovem Artista - Museu de Arte do Rio Grande do Sul - Ado Malagoli

2005 - Múltiparo Olhador - Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes da UFRGS

Exposições Individuais

2005 - Ponto de Equilíbrio - Instituto Goethe, Porto Alegre/RS

2006 - Corpo Feminino - T Cultural Tereza Franco Câmara Municipal de Porto Alegre/RS

2006

2006

VII EDIÇÃO

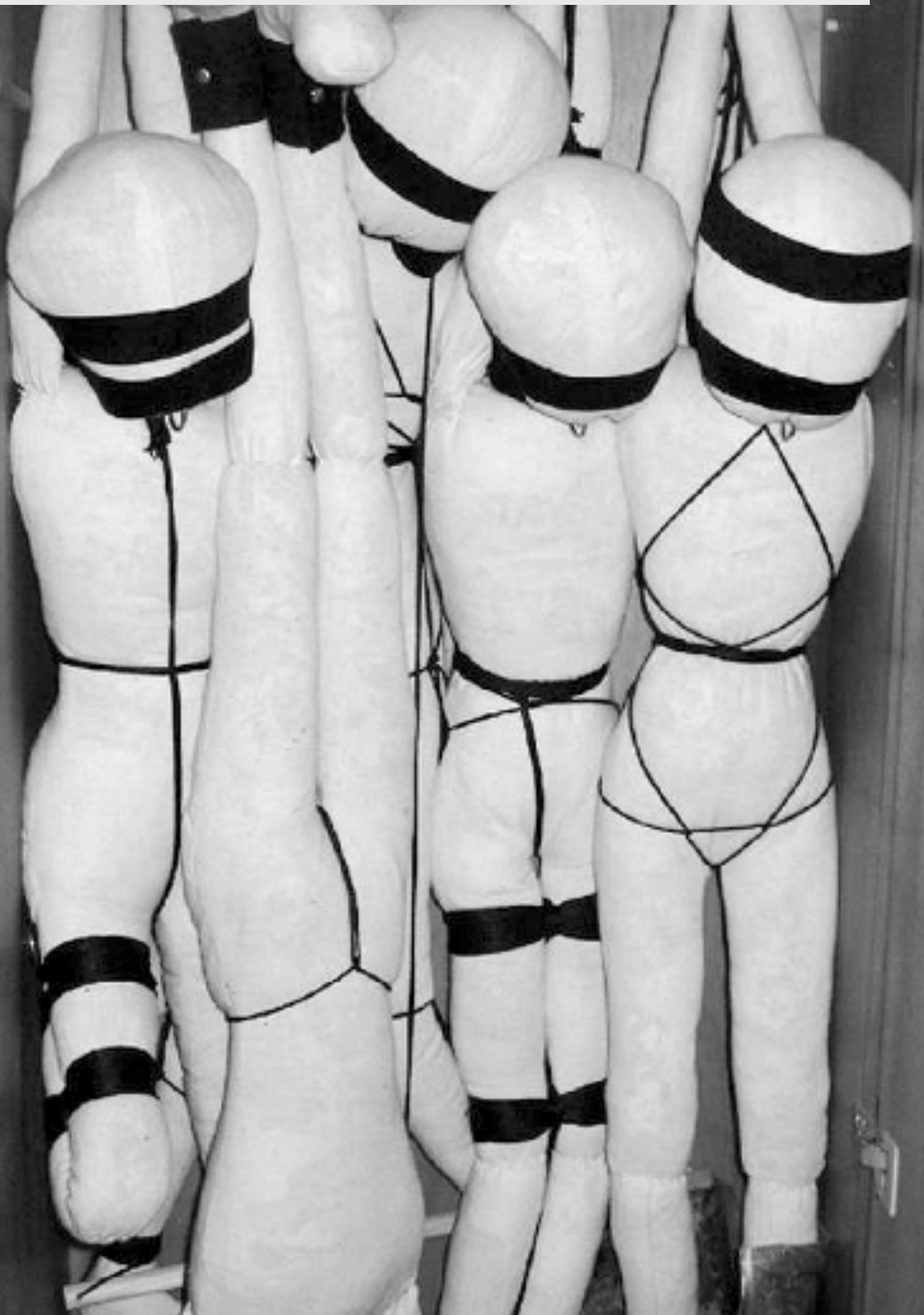
Artistas

**JOSÉ HENRIQUE SOUTO e YUKIKO NAGAMATSU
KÁTIA COSTA**

Comissão Julgadora

**AGNES MEYER-BRANDIS
FRANCISCO KLINGER CARVALHO
PAULA RAMOS
REINHARD SAUER**

JOSÉ HENRIQUE **SOUTO** e YUKIKO **NAGAMATSU**



A DAY IN MY LIFE WITH ME - CAN YOU SEE?

JOSÉ HENRIQUE SOUTO e YUKIKO NAGAMATSU

A DAY IN MY LIFE WITH ME - CAN YOU SEE? é uma instalação representativa de um universo experimental que, num processo complexo, mas realístico, inspira a aumentar seu currículo de parcerias artísticas.

A instalação abrange várias técnicas, no intuito de levar ao visitante informações sobre as possibilidades de expansão da expressão.

Fazem parte desta amostra:

Doze scrolls em impressão digital representados por fetiches.

Três pinturas em propostas diferentes, body modification, ink e anime pop art.

Três cabeças em resina em temática BDSM.

Bustos com intervenção old scholl.

Instalação de bonecos em pano, demonstrando técnicas de bondage.

Arte em livros, representando a parte interativa da exposição.

“ Em um tempo em que muitas pessoas e instituições sentem que o conhecimento moderno e as tradições antigas tendem a se contradizer, é revigorante encontrar uma proposta de divulgação artística que concilia a formação acadêmica com a expressão underground e proporciona um caminho relevante para as necessidades contemporâneas. ”

O Concurso de Artes Plásticas promovido pelo Instituto Goethe - Porto Alegre se propôs a incentivar a criação e a expressão artística independente do currículo acadêmico e abriu portas para profissionais autodidatas, os quais refletem uma parte crescente da atual cena artística mundial. Esse foi o nosso caso e o de muitos outros ganhadores do concurso, cujo incentivo nos fortaleceu para aumentar a seriedade do trabalho tanto para nós mesmos quanto para a sociedade para a qual trabalhamos.



“ In Zeiten, in denen viele Menschen und Einrichtungen den Eindruck haben, dass moderne Erkenntnisse und alte Traditionen dazu tendieren, widersprüchlich zu sein, ist es erfrischend, einen Versuch der künstlerischen Bekanntmachung anzutreffen, der akademische Ausbildung mit dem künstlerischem Ausdruck des Underground verbindet, und so einen wichtigen Weg für zeitgenössische Belange schafft.”





YUKIKO NAGAMATSU

JOSÉ HENRIQUE SOUTO e

Sobre nós

Zehas (José Henrique Souto) e Srtak (Yukiko Nagamatsu) juntaram-se com uma proposta de ideias no movimento underground, idealizando e concretizando como The Nexts em 2003 agora em evolução com novos parceiros.

Atualmente, atuam na Galeria Universo Experimental, cuja proposta continua sendo a experimentação de multimeios como comunicação artística.

www.can-you-see.com



KÁTIA COSTA

COFRE DAS IMAGENS – A PASSAGEM LADO DENTRO FORA

... o cofre, os espelhos, as gavetas, tudo coisas, que são coisas antes de possuírem algum significado ou funções. Porém, quando unidos significantes aos seus significados, passam a ter a carga do símbolo. Esses símbolos juntos contêm muitos outros significados, carregados das imagens do segredo, do secreto, do íntimo.

Abro esse espaço, deixo a passagem a ser aberta para o lado de dentro, para o lado de fora, para o dentro que é fora, para o fora que é dentro. O meu dentro, para o meu fora, que agora também será seu. O nosso, organizando-se em segredos não revelados a menos que queiramos contá-los em espaços íntimos, em algum tempo, em outro lugar, pois este, de agora, não mais será o mesmo.

Tudo está e estará acontecendo no lado dentro fora do Cofre das Imagens. A passagem sempre estará aberta, mesmo que fechada, mesmo quando as luzes se apagarem e todos forem embora. Os reflexos ali instalados continuarão viajando com a velocidade da luz, indo não se sabe para aonde, mas existindo. Talvez passem somente a viver em nossa imaginação.

Aparentemente vazio, sempre terá aumentado o seu tesouro, pois a existência que foi vivida em seu interior não desaparecerá jamais. O Cofre das Imagens parece ser uma obra em si, mas é um aparelho que induz as pessoas, os sujeitos participantes, a realizarem a verdadeira obra, a obra invisível, aquela que ficou acontecendo, lá dentro ou lá fora. Cada ser que se propuser “passar” pelo cofre estará produzindo e registrando um novo desvendar dos mistérios, dos segredos e dos tesouros. Estará celebrando um novo trabalho, a obra invisível.

Kátia Costa – 2006



2,20m altura x 1,30m de largura e 1,10m de profundidade
Madeira, pintura martelada, espelhos e iluminação
2005

COFRE DAS IMAGENS

“ Der Kunstwettbewerb des Goethe-Instituts erlaubte mir, 2006 meine erste Einzelausstellung zu verwirklichen.”

FOTOS: KÁTIA COSTA



“ O Concurso de Artes Plásticas do Goethe-Institut possibilitou a realização da minha primeira exposição individual em 2006. ”



KÁTIA COSTA

Porto Alegre/RS, 1969.

Fotógrafa profissional e artista plástica. Bacharel em Artes Visuais/UFRGS. Trabalha no Ateliê de Arte Plano B, onde desenvolve seus projetos, ministra cursos e mantém o estúdio de produção em fotografia e assessoria voltadas a artistas e outras especialidades. Realizou exposições individuais, entre elas: [MOVE_VERSÃO_2.0_PED], Gal. Lunara - Usina do Gasômetro; "Caixa de Música", Pinac. FEEVALE, Novo Hamburgo/RS. Dentre as coletivas, em 2009: "Dualidades", Porão do Paço Municipal/Porto Alegre; "Arte, Moda e Design: diálogos", Cidade das Artes, UCS/RS; "Arte+Arte, Universo para Descobrir", CCMQ - Gal. Xico Stockinger; "Quatro por Um", Espaço Cultural UNESC/SC; "POA - SP Conexão Arte", Espaço Cultural Monte Bianco/SP; "Porto Alegre é 10", Assoc. Chico Lisboa, Porto Alegre. Recebeu prêmios e foi selecionada em salões de arte e concursos fotográficos, entre eles o Prêmio Aquisição, no 18º Salão da Câmara Municipal de Porto Alegre.

katiacosta@atelierplanob.com.br
www.atelierplanob.com.br

1

2007

0

0

2

VIII EDIÇÃO

Artistas

ALI KHODR

CAMILA MELLO e MANUELA EICHNER

DANIEL MATEUS

Comissão Julgadora

ANJA SCHREY

FRANCISCO KLINGER CARVALHO

PAULA RAMOS

REINHARD SAUER



FOTO: JEREMY COUVEZ

ALI KHODR

Líbano, 1980.

Bacharel em Desenho (UFRGS). Mestrando em Performance, Poesia, Ação (Marc Block).

Integrante do coletivo Mergulho. Vive e trabalha em Strasbourg FR. Desde 2003, vem participando de exposições coletivas e individuais. 2009: Documento A Zona, Galeria Vermelho, São Paulo. Estados Temporários: A Zona, Rumos Artes Visuais, Itaú Cultural, São Paulo. Périm[être], Maison de l'Amérique Latine, Strasbourg.

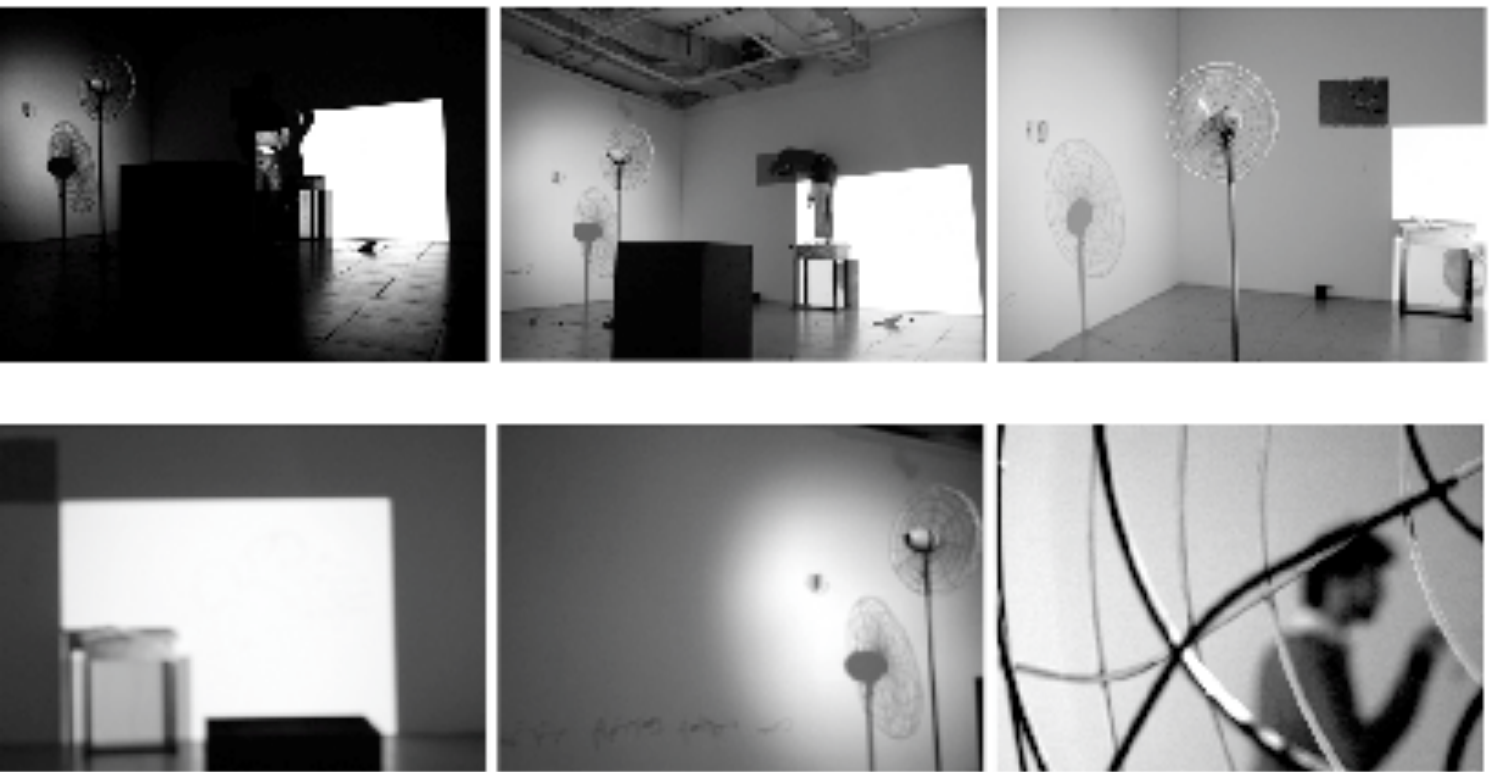
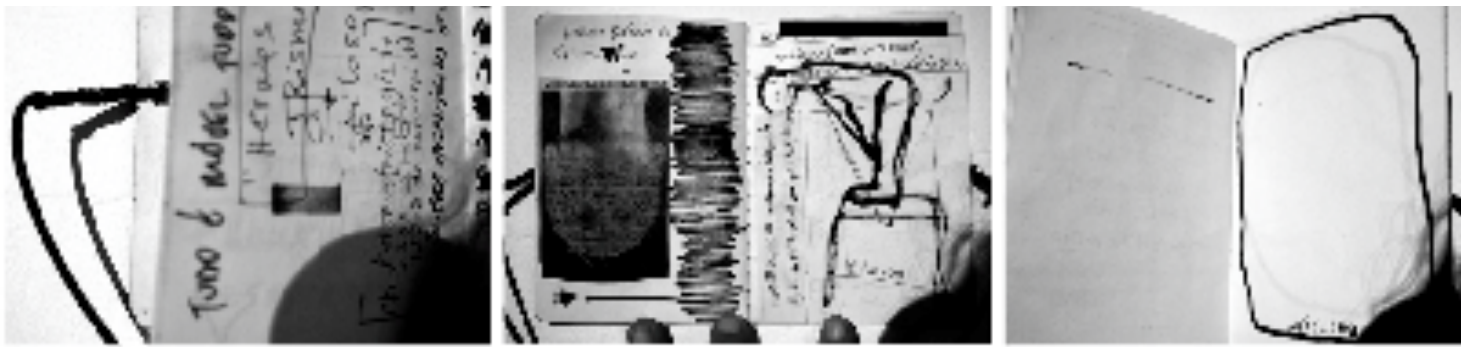
ALI KHODR

Hoje sonhei que voltei no tempo. Estava lá sobre o criado-mudo junto à parede do quarto, sentado nas duas páginas abertas de um livro* da minha infância em Berkayel. Meu corpo dormia estendido na cama ao lado. Vendo-o, localizava, na silhueta que sobresaía dos elevados da superfície branca, a transcrição do desenho como agente da memória. Frente à cristalização temporal, não me movia acorçado no alto da mesa. Era preciso durante o sonho, e ainda é, conjugar os tempos sem obedecer à lógica narrativa dos fatos, pois o originário e o projetivo coincidiam em um instante, fundindo o corpo com a sua imagem. Sem hierarquia habitando dois níveis distintos da consciência, firmavam-se minhas dúvidas. Questões que orbitavam a experiência calcada na memória, multiplicando-se à medida que o corpo e a sua imagem aproximavam-se, criando gradativamente um [espaço-entre], uma especie de zona de fusão.

Acordado agora, a tentativa de reter algo objetivamente demora... um pouco ... mais um pouco de tempo... resposta não sucedida ... falha ... pois há um tempo de outra natureza em questão. Desse cálculo, resta-me a subjetivação de imagens sobre imagens, na pura sensação da experiência múltipla em que se poderia desaparecer de si mesmo, no próprio corpo.

“ Era preciso durante o sonho, e ainda é, conjugar os tempos sem obedecer à lógica narrativa dos fatos, pois o originário e o projetivo coincidiam em um instante, fundindo o corpo com a sua imagem.”

* [Antes de Esquecer] de Aniss Freyha /::/ Qabla An Ansa



FOTOS: COLETIVO MERGULHO

“ Während des Traums war, und ist es noch immer, nötig, die Zeiten zu konjugieren ohne der erzählerischen Logik der Fakten zu gehorchen, denn das Ursprüngliche und die Projizierung trafen so zusammen, dass der Körper mit seinem Bild verschmolz. ”



CAMILA MELLO e MANUELA EICHNER

Um ato de imersão na geografia da cidade ao percorrer as ruas de Porto Alegre diariamente, explorando livremente situações e fragmentos cotidianos para criar estados temporários, acreditando na arte como atividade da experiência humana. Nessa criação, embarcamos com nossa mala de viagem, caixa transportável de ação, e como ambulantes agregamos impressões à nossa bagagem que, simultaneamente ao tempo de experiência nas ruas, foram compartilhadas na galeria do Instituto Goethe – Porto Alegre, envolvendo a utilização de meios visuais (projeção e fotografia) e sonoros, numa tentativa de ambientar a experiência sensorial da cidade. Ao final do período expositivo, realizamos um encontro para compartilhar e celebrar o retorno dessa experiência.

[setembro 2009]:

ela diz: Gosto de pensar na recuperação de imagens que nunca existiram, como um arqueólogo visual que caminha por muito tempo para chegar a um lugar em que identifica um breve e fulminante encontro entre ser e paisagem, entre corpo e imagem perdida, entre os sentimentos de insegurança, de ausência e de evocação que irrompem os recôncavos do tempo. Gosto de provocar os impulsos, os motivos, as secretas percepções que instam no homem a reflexão sobre as realidades pela ativação das camadas da memória, onde outros lugares se tornam aparentes em lugares que se quer encontrar.

À procura pelas mediações entre memória da experiência realizada em 2007 na cidade de Porto Alegre e a memória material, encontramos imagens sensoriais que continuam a se refazer na dinâmica do caminhar pelas ruas desconhecidas de uma cidade que nos afeta de modo íntimo, direto e puro, quando transitamos através de suas veias convergentes e divergentes para então nos misturar.

Naquele setembro, realizamos uma viagem na cidade que habitávamos e algo se desenhou no corpo. Desde então, adotamos a busca pelo lugar e pelo corpo no tempo da experiência de [hacer] caminhos, eixo de ações e gestos diversos que se dão conjuntamente ao adentrar no cotidiano do lugar para criar temporalidades perceptivas como corpo inventor de realidades, ativado por artifícios técnicos geradores, reprodutores e multiplicadores de imagens e sons que nos impregnam.

“ O tempo nas mãos e a improvisação em cada movimento do corpo em sincronia com o ritmo da cidade: perceber e agir, agir e perceber. ”



FOTOS: MANUELA EICHNER E CAMILA MELLO

“ Die Zeit in den Händen und die Improvisation in jeder Bewegung des Körpers synchron mit dem Rhythmus der Stadt: wahrnehmen und handeln, handeln und wahrnehmen. ”

Este corpo, que se dispõe a abstrair do lugar uma transformação pelo ritmo do movimento, gerador de qualidades na paisagem "urbana", é acolhido pelo desejo de unidade, sempre assumindo o caráter transitório do processo da arte e do pensamento coletivo. Nesta exploração, incorporamos a ideia de duração, percepção e atenção à vida no papel do cotidiano, como artistas construtores de imaginários simultâneos ao acontecer da ação corporal. Tornando material o tempo exato da experiência para trabalhá-lo paralelamente às formas espaciais e sociais que surgem da paisagem, buscamos a noção do precário e a fragilidade de todas as construções sociais e mentais, da errância, da viagem, na qual o trabalho se apresente como percurso, tessitura de espaços e temporalidades, e não como superfície ou volume.

Revirando nossa memória virtual lá do antes, quando tudo era escuridão de um começo, encontramos elementos para reentrarmos no espaço da mala. Agora, estar aqui, revendo a experiência e, a partir daí, estar-lá-de-novo, naquela descoberta, através da sensação de não-ter-hora para nos perceber tranquilamente no trabalho de criação e absorver as sensações intrínsecas do mundo, conectadas à natureza e ao movimento das coisas, é o que nos impulsiona a aprofundar a relação quando fazemos arte sem paredes, pelas ruas de uma cidade. Pura força do empírico na vida, do respeito ao acaso e da escuta das pulsões que nos atravessam. O tempo nas mãos e a improvisação em cada movimento do corpo em sincronia com o ritmo da cidade. Existe uma conexão às pessoas de uma cidade que é rara e espontânea. Simplesmente acontece.

Desde 2005, participamos de encontros de arte independente que tem como foco o trabalho de intervenção urbana ou a arte como experimentação. Lembramos dos retornos a Porto Alegre como algo extremamente conflitante. Não tínhamos certezas quanto ao vivido, nem quanto ao que realizamos como trabalho. Onde estava o trabalho? A cidade que nos esperava, estava no mesmo lugar com a arte bem comportada e megacareta dos filhos de Sorbonne. Contagiadas pelas descobertas do Brasil, aterrissávamos com a sensação de que arte se faz no gerúndio, aceitando a necessidade de testar arte com mais esponaneidade. Assim surgiram as táticas de incorporar a paisagem na cidade que habitávamos e, desde então, outras propostas INCORPORA dessas experiências-gêneses, energia a que sempre nos remetemos. O tempo dos estados temporários em Porto Alegre está impregando no nosso corpo como impulso ao movimento inquieto que nos desafia a testar as possibilidades de fazer arte no cotidiano. Foi nesse atemporal da experiência que começamos a apostar no nosso sonho coletivo do mergulho, de realizar o processo criativo de maneira aberta e colaborativa, com vigor e desejo relacional, para descobrir e desvendar nossa percepção como ser observador e ativador de mundos. Perceber e agir. Agir e perceber.



CAMILA MELLO e MANUELA EICHNER

CAMILA MELLO [Porto Alegre/RS, 1976] vive e trabalha no Rio de Janeiro.

MANUELA EICHNER [Arroio do Tigre/RS, 1984] vive e trabalha em São Paulo.

Integrantes do coletivo Mergulho.

Em 2009: residência artística estados temporários em Porto Alegre e arredores, e, posteriormente, videoinstalação estados temporários - A ZONA, Trilhas do Desejo, em São Paulo, no Itaú Cultural, e Espaço Entre - Fluidez e Simultaneidade, em Salvador, no MAM, ambas no programa Rumos Artes Visuais. Realizaram lançamento do documento: A ZONA, publicação do coletivo mergulho, em Salvador, no MAM, em São Paulo, na Tijuana - Galeria Vermelho, SPA das Artes Recife e em Porto Alegre, na DESVENDA. Participaram das publicações Revista Tatuí, com texto A VOZ DO MERGULHO; e ReviSPA, com texto Incorpore a cidade, sobre experiência vivenciada no SPA das Artes 2006. Em 2008, integraram o projeto circuitos compartilhados, mostra e catálogo, com vídeos do coletivo mergulho: estados temporários: jks.

www.corpoliquido.nafoto.net

www.corpoliquido.wordpress.com

www.youtube.com/corpoliquido

DANIEL MATEUS

“Através da pintura, busco uma expressão autêntica que cause estranhamento com personagens e símbolos da cultura de massa, tão comum aos nossos olhos.”

As pinturas de Daniel Mateus remetem a um mundo fantástico. Ele representa seus personagens, animais, homens e objetos com expressões humanas como os dos cartoons na TV e das histórias em quadrinhos. De fato, ele iniciou sua trajetória nas artes fazendo HQS no ano de 2000.

Através de diversas fontes de inspiração oriundas da cultura pop, suas representações figurativas combinam cenários em uma narrativa que faz menção à ironia e ao absurdo.

As suas pinturas, com uma atmosfera característica das fábulas, evocam a questão do senso de moral e de justiça utilizado pelos homens para manifestar as suas condições de interesses.

Por aí deslançam as impressões do pintor Mateus: esbanjando vivacidade por meio de cores vibrantes, ele semeia a inspiração e o desfrutar do natural. Causa sensação feérica com suas tonalidades bem definidas, de linhas inconstantes e com toque de presença e agressividade.

Luiz Mello Goulart

“Durch die Malerei suche ich einen authentischen Ausdruck, der eine Entfremdung mit Figuren und Symbolen der Massenkultur verursacht, an die unsere Augen so gewöhnt sind.”

Rebelde Halloween | Pintura acrílica | 100 x 80cm | 2006



Ian e seus gansos amarelos | Pintura acrílica | 100 x 80cm | 2006



Sara Pó | Pintura acrílica | 100 x 80cm | 2006





DANIEL MATEUS

Principais Exposições:

Individuais:

2007 - ARTE EM ZÔO - Espaço Cultural do TRT/RS, Porto Alegre;

2006 - ZOOMORFOS - Inauguração do Espaço Cultural Chico Lisboa, Porto Alegre;

2006 - ANIMÁLIA - Espaço Vasco Prado, Casa de Cultura Mário Quintana, Porto Alegre.

Coletivas:

2007 - 4º International Miniart Exchange - Waterfront Hall, Belfast.

2006 - 17º Salão de Artes Plásticas - Câmara Municipal de Porto Alegre.

2006 - MAC NO A6 CONSOLIDAÇÃO - Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, Porto Alegre;

2003 - 1º International Miniart Exchange - Galeria Iberê Camargo da Usina do Gasômetro - Chico Lisboa, Porto Alegre

mateuspopeye@yahoo.com.br

88

2008

00

00

2

IX EDIÇÃO

Artistas

**RICARDO MELLO
JÉSSICA BECKER**

Comissão Julgadora

**GAUDÊNCIO FIDELIS
KARIN LAMBRECHT
MÔNICA ZIELINSKY
REINHARD SAUER**



FOTO: RICARDO MELLO

RICARDO MELLO

Santiago/RS, 1980.

Concluiu em 2003 o curso de Artes Visuais na UFPEL e, em 2008, o mestrado em Artes Visuais pela UFRGS. Atualmente, cursa doutorado pela mesma instituição.

Ingressou em janeiro de 2009 no Instituto de Artes e Design da UFPel como professor concursado. Em 2002, participou do 59º Salão Paranaense, onde obteve menção especial. Em 2006, apresentou uma individual na Galeria de Arte do DMAE em Porto Alegre. Em 2008, também na capital gaúcha, realizou as exposições Apropriações Contemporâneas, na Galeria da Fundação Ecarta, e a individual Pinturas no Instituto Goethe. Em março de 2009, expôs no programa Rumos Artes Visuais do Itaú

RICARDO MELLO

A seleção para expor na Galeria do Instituto Goethe foi-me comunicada no início de 2008. Aquele era um período bastante significativo para o desenvolvimento do meu trabalho. Ou, melhor dizendo, para trazer à tona algo que eu havia começado a desenvolver há mais de cinco anos.

As pinturas que tive a oportunidade de apresentar na galeria eram o produto completo de minha pesquisa recém-concluída de mestrado. Mas eram também fruto de um árduo trabalho que fora “incubado” desde o final do ano de 2004 e que, naquele momento, vinham de fato ao encontro de um público externo, por assim dizer [uma vez que as pinturas já tinham sido apreciadas, mas apenas por um público restrito aos meios acadêmicos].

Poucos dias após a abertura da exposição, recebi a notícia de que havia sido selecionado com aquele conjunto de pinturas que se encontravam na Galeria do Goethe para o Programa Rumos Artes Visuais do Instituto Itaú Cultural de São Paulo e que seria um dos 45 expositores escolhidos entre 1.613 inscritos.

“ O Instituto Goethe apostou na qualidade desse trabalho que, poucos meses depois, seria exposto em São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro. Foi uma feliz parceria que oportunizou trazer a público esse trabalho construído com esmero ao longo de tanto tempo e expô-lo pela primeira vez justamente em Porto Alegre. ”



“ Das Goethe-Institut setzte auf die Qualität dieser Arbeit, die wenige Monate später in São Paulo, Brasília und Rio de Janeiro ausgestellt werden würde. Es war eine glückliche Partnerschaft, die es ermöglichte, dem Publikum diese über lange Zeit sorgfältig konstruierte Arbeit nahe zu bringen, und die gerade zum ersten Mal in Porto Alegre auszustellen. ”



Três pinturas de mesma série, originadas de minha pesquisa de mestrado.
Todas foram elaboradas com acrílico sobre chapa de metal galvanizado, com tamanho de 194 x 94 cm.

JÉSSICA BECKER

O Goethe-Institut, na cidade de Porto Alegre, e para o campo das artes visuais, consiste em um importante centro expositivo, o qual, ao longo dos anos, tem-se consolidado como passagem obrigatória dos artistas emergentes locais.

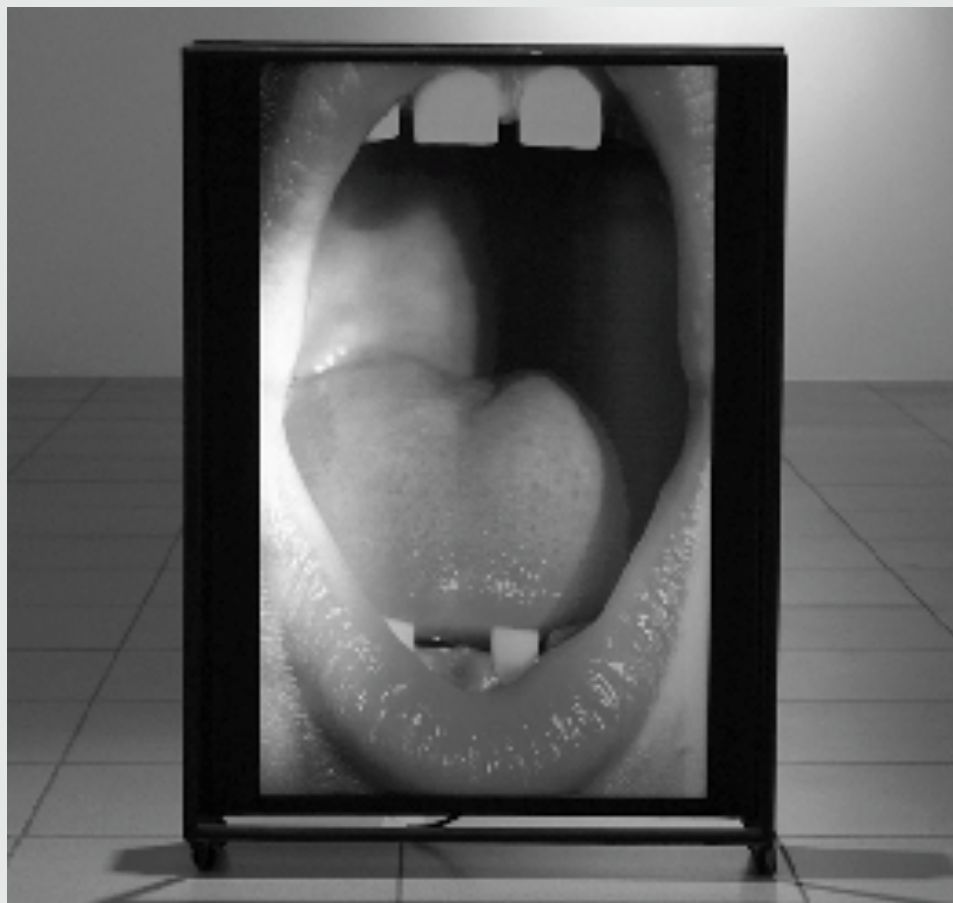
Dando abertura a esses novos produtores da área através de seu Concurso de Arte Contemporânea anual, diferencia-se de outros concursos por proporcionar ao artista uma análise apurada, segura e consistente de seu trabalho realizada por meio de importantes agentes do campo das artes, sejam estes críticos, artistas renomados, curadores e professores de nível superior.

Fornecendo todo tipo de apoio necessário à produção e ao desenvolvimento das mostras, o artista que no espaço expõe sente-se acolhido nessa grande família Goethe-Institut, sendo-lhe oferecidas condições mais do que propícias para que se preocupe apenas em desenvolver tranquilamente seu trabalho.

“ Em minha trajetória artística, o Goethe-Institut surge como ponto de partida da cidade de Porto Alegre para o mundo, do nível de bacharelado à pós-graduação acadêmica. ”

Com toda a certeza, a experiência que obtive expondo em seu espaço de mostras, através de tão renomado concurso, e a possibilidade de divulgar minha produção em uma instituição de renome internacional, contribuiu amplamente nas avaliações de seleção para a pós-graduação que realizo, atualmente, em Poéticas Visuais no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do IA-UFRGS, bem como na seleção para o curso de Máster em Producción Artística que realizo na Universidad Politécnica de Valencia, na Espanha.

Hoje, após um ano da realização da mostra que realizei no Goethe-Institut Porto Alegre, acredito ter sido este um momento crucial na produção recente que desenvolvo como artista e na caminhada que tenho traçado e que ainda está por vir, agradecendo e parabenizando, por isso, todo o apoio e carinho que recebi e recebo dessa instituição “peça-chave” para o campo artístico de nossa cidade.



“Für meinen künstlerischen Werdegang stellt das Goethe-Institut einen Ausgangspunkt dar, der mich von Porto Alegre aus in die Welt führt, vom Hochschul- zum Post-Graduiertenstudium.”



ATA-ME | Instalação | Charque, fita de seda e almofada de veludo | 2008



JÉSSICA BECKER

Mestranda de Poéticas Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais IA/UFRGS e também do Máster en Producción Artística da Universidad Politécnica de Valencia (especialidade Arte e Tecnologia, bolsa Fundação Carolina), Espanha. Bacharel em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, ênfase escultura, no ano de 2006 e História, Teoria e Crítica em 2008. Interessando-se pela Arte Contextual e Estética Relacional, desenvolve pesquisa poética e teórica voltada ao Estranhamento na Arte Contemporânea, atuando através de distintos meios artísticos, como arte pública, escultura, fotografia, vídeo arte e instalações. Viveu e estudou na Argentina em 2006, na Universidad Nacional de Córdoba, através de bolsa Escala-AUGM.

OS

2009

OS

OS

S

X EDIÇÃO

Artistas

**ANDRÉ FAVILLA
ELTON MAGANELLI
LISA MANGUSSI
LEONARDO FANZELAU
TÚLIO PINTO**

Comissão Julgadora

**EDUARDO VERAS
KARIN LAMBRECHT
MÔNICA ZIELINSKY
REINHARD SAUER**



ANDRÉ FAVILLA

São Paulo, 1971.

Artista visual, ensaísta e tradutor, com PhD em Mídia e Comunicação pelo Goldsmiths College, Universidade de Londres. Nas artes visuais, opera na fronteira entre a fotografia e o desenho assistido por computador. É autor de diversos ensaios sobre fotografia, arte e tecnologia, publicados no Brasil e no exterior. Com Laymert Garcia dos Santos, organizou o livro *Controles e descontroles: ensaios em conhecimento, tecnologia e mercado* (em produção, Azougue Editorial), e com Pedro Peixoto Ferreira traduziu para o português o livro *How Like a Leaf*, de Donna Haraway. Vive e trabalha em São Paulo.

www.andrefavilla.com

ANDRÉ FAVILLA

Em meados dos anos 1960, por meio da atuação de artistas como Frieder Nake e Herbert Franke, a Alemanha ocupou um lugar de destaque, junto com os Estados Unidos, no surgimento das primeiras experiências de utilização do computador para a produção no campo da arte. No Brasil, coube a Waldemar Cordeiro a realização das mais conhecidas e bem-sucedidas experiências inaugurais.

A apropriação do computador pelo campo da arte é evidentemente legítima, mas, no caso do Brasil, parece ter havido uma perigosa institucionalização dessa prática, em particular a partir dos anos 1990. Há financiamento oriundo de gigantes da telecomunicação, mostras competitivas com critérios estreitos, espaços exclusivos de exposição, grupos acadêmicos de pesquisa, produção e crítica de “arte tecnológica” – enfim, todo um arcabouço institucional que atua na direção de um retorno anacrônico ao formalismo, em que o problema da arte parece se resumir à mera questão do suporte.

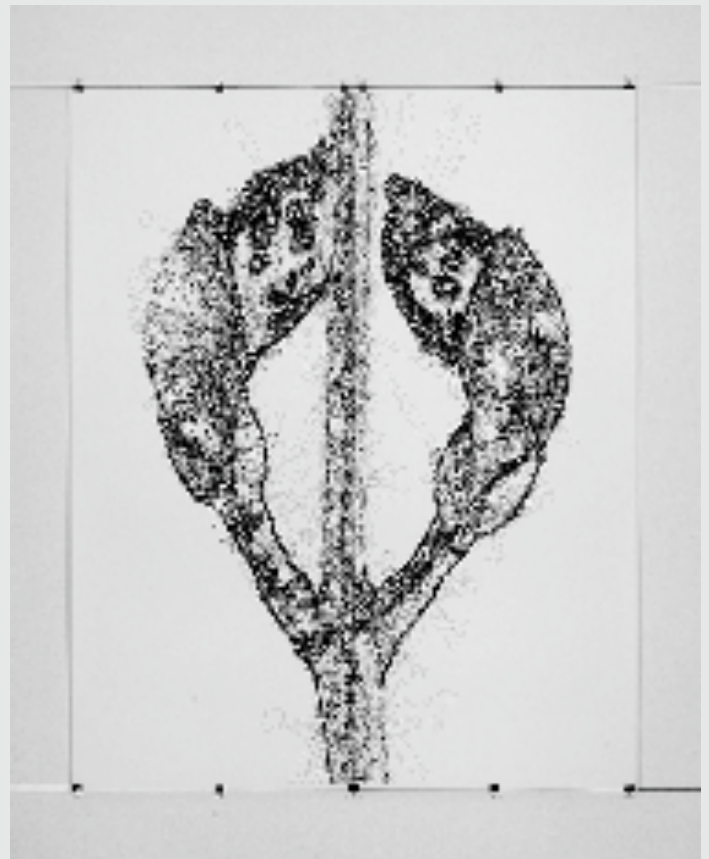
O projeto *Individuação*, apresentado no X Concurso de Artes Plásticas Contemporâneas do Goethe-Institut Porto Alegre, é, pelo menos em parte, uma reação à institucionalização estreita da prática e do debate sobre arte e tecnologia no Brasil. A tecnologia empregada é digital, mas não é “de ponta” (os desenhos são feitos com aplicativos comerciais de design gráfico). Os desenhos possuem uma escala que demanda a presença física (e não remota ou virtual) do observador no espaço de exposição; porém, aqui não há nada “interativo”. O suporte final de apresentação dos desenhos é o papel (sujeito às contingências de uma delicada constituição física), exposto sem proteção com o auxílio de cabo de aço, esticadores e presilhas.

“O acolhimento do projeto *Individuação* pelo Goethe-Institut é significativo, pois sinaliza um comprometimento da instituição com a experiência e os experimentos da arte contemporânea, deslocando as falsas premissas que estão em moda e o deslumbramento que ainda persiste, quando se fala em arte e tecnologia, como se a arte nunca tivesse sido “tecnológica” antes do computador.”

SENECIO CINNERARIA - PRIMEIRA GERAÇÃO - 122cm x 150cm



ACER RUFINERVE - PRIMEIRA GERAÇÃO - 122cm x 150cm



DIPSACUS LACINIATUS - PRIMEIRA GERAÇÃO - 122cm x 150cm



“ Die Aufnahme des Projektes „Individuação“ (Vereinzelung) durch das Goethe-Institut ist bedeutend, da sie die Verantwortung der Einrichtung gegenüber den Erfahrungen und Experimenten zeitgenössischer Kunst verdeutlicht. Sie rückt die falschen, in Mode gekommenen Prämissen so wie die weiterhin bestehende Blendung zurecht, von Kunst und Technologie zu sprechen als ob die Kunst vor dem Zeitalter des Computers nie „technologisch“ war. ”

ELTON MAGANELLI

As imagens das palavras, as palavras das imagens.

“ O vaso, onde ele está? Na palavra que o designa, na forma que o contém? Na superfície que ele ocupa, na linha de seu contorno ou nas flores que ele porta? ”

Qual a relação que estabelece um conceito que uma palavra comporta? O que faz este objeto ser o que ele é, sua matéria física, objetiva ou o que ele quer comunicar, sua matéria subjetiva? Um vaso transparente possui carga mais erótica que um feito de porcelana?

Este cotidiano das linguagens verbais e não verbais é essencial no percurso humano, na medida em que alimenta os seres simbólicos que somos.

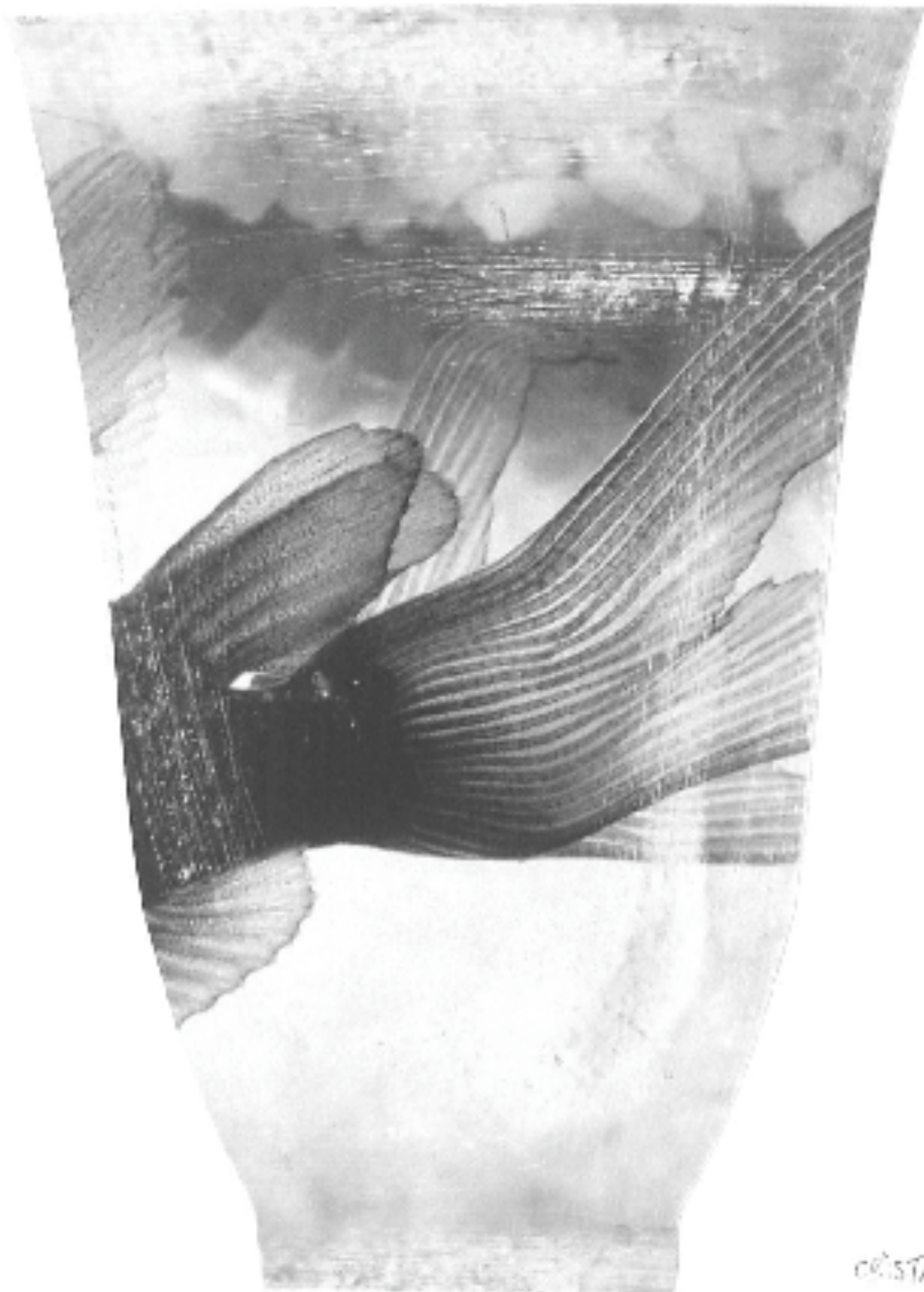
Afinal, o que queremos informar e comunicar?

VASOS COMUNICANTES.

VASOS COMUNICANTES

1/14 25 02 09.

“ Die Vase, wo ist sie? Im Wort, das für sie steht, in der Form, die sie enthält? In der Oberfläche, die sie einnimmt, in der Linie ihrer Kontur oder in den Blumen, die sie in sich trägt? ”



eHoy 26 JAN 09.

CRISTAL



eltonmanga@yahoo.com.br

ELTON MAGANELLI

Porto Alegre/RS, 1948.

Formação: Bacharel em Desenho - UFRGS 1980.

Mostras individuais:

O guardador de olhar, gal Arte&Fato, 1990. P. Alegre/RS

Ludus Primus, Sala Iberê Camargo, Usina do Gasômetro, 1996. P. Alegre/RS

Coração de Cetim, Estúdio Clio, outubro 2006. P. Alegre/RS

Por um fio - mostra de bonecos, novembro - Serrano Centro de Convenções, Gramado/RS

Coisas fáceis - fotos e desenhos, espaço Calhandra Porto Alegre.

Jogos formais - Galeria Iberê Camargo, abril 2009

Vasos comunicantes - Galeria Goethe Institut, agosto 2009

Mostras coletivas:

Relinguagem II. P. Alegre / RS

Máscaras não máscaras, Vídeo sobre esculturas de Miriam Obino. Rio de Janeiro/RJ

Atelier livre da Prefeitura, Porto Alegre, 61-91. MRGS. P. Alegre/RS

O corpo e a obra, MAC no Edel Trade Center. P. Alegre/RS

Uma visão Plástica, Reitoria UFRGS. P. Alegre/RS

Figura em questão. MAC, CCMQ, 1992. P. Alegre/RS

CD - art.brs vol. I Artes visuais no Rio Grande do Sul, 2000. P. Alegre/RS

Qui soc, auto-retratos, Espanha e P. Alegre. 2001. Desenho, Museu do trabalho, itinerante, 2002.



LISA MANGUSSI

Formação Acadêmica

Educação Artística com habilitação plena em Artes Plásticas

FAINC - Santo André - SP

Pós-Graduação em História e Teorias da Arte Moderna e Pós-Moderna

Universidade Estadual de Londrina - Londrina - PR

Exposição Individual:

2009 - Goethe-Institut, Porto Alegre - RS.

2004 - Sangue e Poesia, Espaço Cultural FAINC, Santo André - SP.

Salões:

2008 - Arteingenua - Brescia - Itália.

2007 - 39º Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba - SP.

2006 e 2007 - Arte Pará.

2003 - 1º Salão de Artes de Itapeçerica da Serra - SP.

Premiações:

2007 - Arte Pará - Menção Honrosa.

2003 - 1º Salão de Artes de Itapeçerica da Serra - SP. Menção Especial.

www.flickr.com/photos/lisamangussi

lisamangussi@yahoo.com.br

LISA MANGUSSI

Um registro íntimo da busca pela felicidade, dos dramas e das angústias. Tem a linha como fio condutor e o universo feminino como tema. A delicadeza dos pequenos formatos trabalhados com costuras, sangue e fios de cabelo, contrapõe sentimento de dor, solidão, abandono e morte.

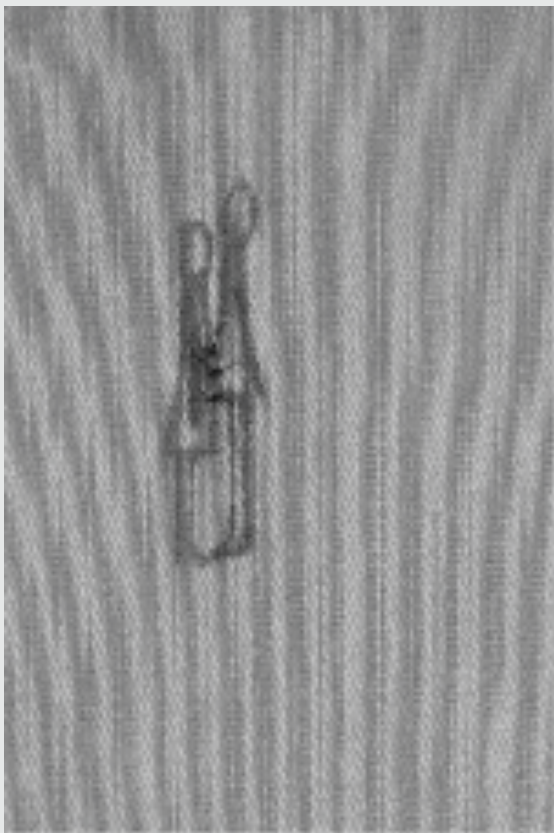
A utilização do bordado - com linhas, fitas ou fios de cabelo - remete à feminilidade e aos ensinamentos que passam de mãe para filha, a confecção paciente das delicadas peças de enxoval. A escolha do tecido branco como suporte se deu pela delicadeza e, principalmente, pela neutralidade e simplicidade. Essa busca pela sutileza também é responsável pelos pequenos formatos. O fio de sutura também é utilizado e, no início do processo de criação, tais "pontos" serviam para suturar as chagas de Cristo. Agora, a sutura fecha a própria ferida, uma maneira de não sentir dor, de fazer não doer.

Essa produção pode ser comparada ao mito de Penélope, esposa de Ulisses, que espera sua volta da guerra de Troia e é orientada pelo pai a escolher outro pretendente assim que terminar de tecer uma mortalha, na esperança de ter Ulisses de volta e, com isso, adiar seu segundo casamento. Ela tece durante o dia e à noite desmancha para começar a tecer novamente no dia seguinte.

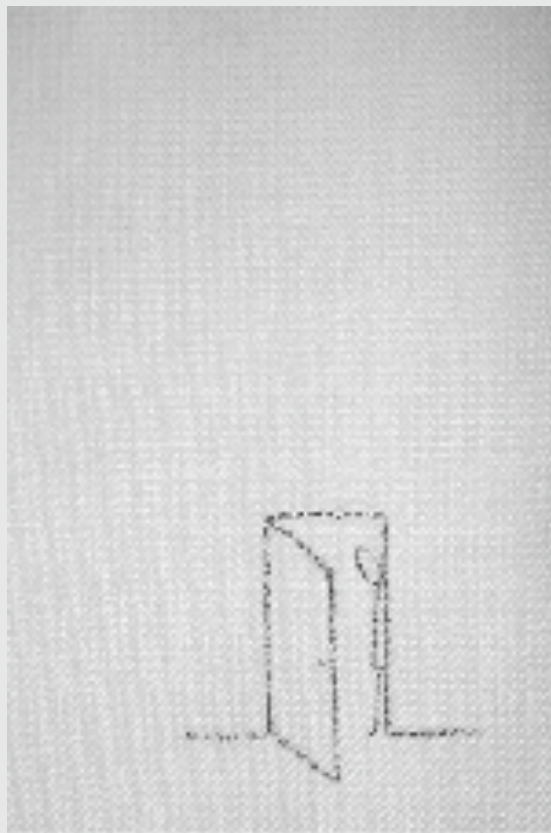
“ A delicadeza dos pequenos formatos trabalhados com costuras, sangue e fios de cabelo, contrapõe sentimento de dor, solidão, abandono e morte.”

“ Die Zartheit der kleinen Formate, die mit Nähten, Blut und Haarsträhnen bearbeitet sind, stellen die Gefühle von Schmerz, Einsamkeit, Verlassenheit und Tod gegenüber.”

Por Toda Eternidade...
Sangue e Fio de Sutura sobre Tecido
20 x 8 cm
2006



Sem Título
Sangue sobre Tecido
12 x 12 cm
2008



Desenho na Parede da Cabeceira 4
Fotografia
13 x 18 cm
2006

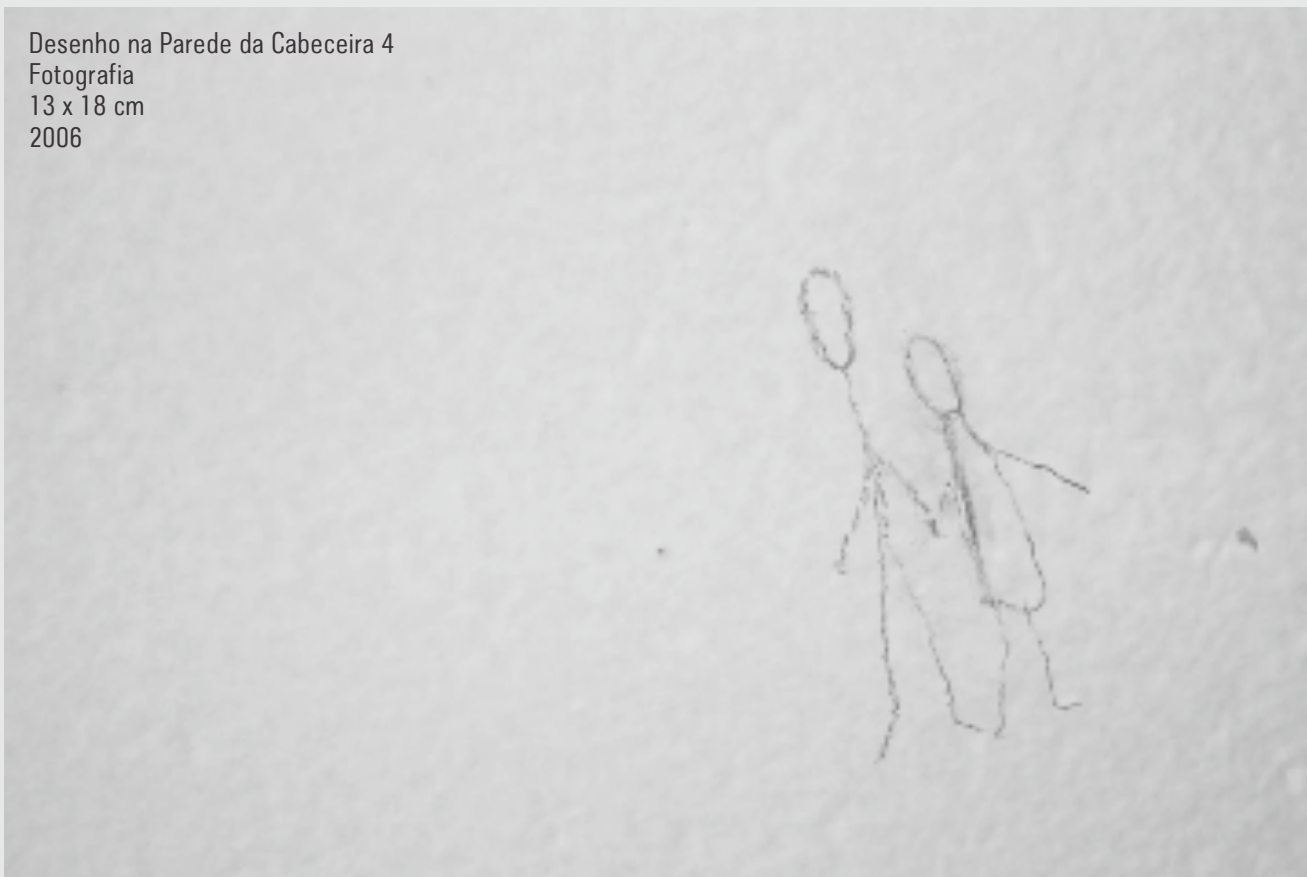




FOTO: TAIDJE GUT

LEONARDO FANZELAU

Porto Alegre/RS, 1983.

Formado em Artes Visuais pela UFRGS em 2008, ano em que realizou a exposição individual Playground (Galeria Iberê Camargo - Gasômetro, Porto Alegre), pela qual foi indicado ao III Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, Destaque em Escultura. Já participou de salões em Atibaia/SP, Belém/PA, Blumenau/SC, Jataí/GO, Joinville/SC, Montenegro/RS, Piracicaba/SP e Porto Alegre/RS. Possui obras em coleção particular do Rio de Janeiro/RJ e no acervo do Museu de Arte Contemporânea de Jataí.

www.leonardofanzelau.blogspot.com

“ Die Gelegenheit schafft das Vergnügen. ”

“ A ocasião faz a diversão. ”

LEONARDO FANZELAU

DIVERSÃO SEM FIM
escultura - ferro, tinta epóxi
204 x 51 x 340 cm
2009

FOTO: LEONARDO FANZELAU

Diversão Sem Fim é quase um brinquedo de playground, salvo a diferença de ter agregado, em sua estrutura, um elemento proveniente de universo incongruente com o da diversão - são espécies de algemas que prenderiam o usuário ao trecho diversivo do objeto, obrigando-o a encarar indefinidamente uma situação de prazer. Esta obra é contígua ao projeto Passatempos Ocasionais, realizado como conclusão do curso de Artes Visuais da UFRGS. Ela pode ser considerada o quarto passatempo ocasional por também apresentar dois juízos - tortura e diversão - circunstanciados pelo uso potencial a eles atribuído, em que a ocasião faz a diversão. A diferença reside no procedimento de construção. Enquanto nos três primeiros passatempos a junção se dava através da reestruturação de ambos os tipos de objetos, em Diversão Sem Fim eles permanecem praticamente iguais, um adicionado ao outro.

DIVERSÃO SEM FIM

Matéria do mundo – matéria no mundo

“Penso que a significação da obra reside no esforço para realizá-la, e não nas intenções que se tem. Esse esforço é um estado de espírito, uma atividade, uma interação com o mundo”.

Richard Serra, 1973

Como que projetada do âmago da terra para suas superfícies, a obra de Túlio Pinto invade o espaço com matéria, espaço ora de exposição, ora da própria natureza. Subverte a compreensão tradicional de objeto escultórico, dos seus materiais e da física e traz com isso vestígios indeléveis da história da arte. Impossível ignorar as remissões de seu trabalho às obras de Carl Andre e às dos minimalistas ao refutar o esculpido e optar por cubos superpostos de madeira, cimento ou reluzentes placas de metal. Concede aos materiais o lugar da matéria da sua arte. Através deles, transtorna a lógica modelada da escultura, nega o traço autográfico e traz esses materiais à experiência direta, em seu estado bruto, sem dissimulações. Essa matéria é a substância essencial desses trabalhos, através da qual Túlio transtorna a gravidade, testa a potência de sua resistência, discute o equilíbrio e seu latente estado de suspensão e distensão.

É obra em que a tensão é uma constante e faz extravasar o trabalho para muito além dos próprios materiais dispostos no espaço. Faz pulsar essa matéria no mundo, pois sugere transcender todas as fronteiras de sua delimitação nos lugares onde as obras se expandem. Força os limites das paredes até os tetos, através de barras de madeira construídas por blocos que se estendem pelos cantos da sala, como se fosse possível perfurar coberturas; invade essas paredes pela ilusão de espelhos que fazem desdobrar essas barras para além dos limiares do espaço ao gerar sua continuidade impossível. Mas esse estado de latência, como se sempre faltasse algo, leva o trabalho de Túlio para além do esperado. Sua obra cria ambientes inusitados, ao projetar-se na natureza através do estiramento de tecidos negros que levitam acima do solo, repuxados até seus limites, como sugados pelas forças invisíveis que se alastram em sua obra e discutem a matéria no mundo. A informação sensorial esbarra diante desses trabalhos, em uma situação de constante estranhamento; vê-se ela interrogada pelo abalo das certezas do conhecimento viciado; é incitada, ao contrário, a abrir-se às novas possibilidades da experimentação e à audácia de outras vias perceptivas que Túlio incita e deixa entrever em sua arte.

Esta obra move-se em direção à matéria no mundo, um estado de espírito, como diria Serra. Refuta o afastamento do senso de lugar e recupera-o, rejeita a substituição dos espaços físicos onde se situam nossos corpos e resgata-os através de sua sabedoria artística. Estes trabalhos clamam, enquanto matéria no mundo, a repropor a matéria do mundo. Nos lugares onde estas obras se tramam, o mundo é matéria - a que com intensa potência poética reconstrói um a um destes amortecidos espaços do mundo em direção à sua libertação.

Mônica Zielinsky, outubro de 2009.

“ É obra em que a tensão é uma constante e faz extravasar o trabalho para muito além dos próprios materiais dispostos no espaço. ”

“ Es ist ein Werk, in dem die Spannung eine Konstante ist, die die Arbeit weit über ihre eigenen im Raum anwesenden Materialien hinausgehen lässt. ”

FOTO: TÚLIO PINTO

Trajetórias Ortogonais,
2009, escultura

Trinta cubos de madeira (pinus
autoclavado - reflorestamento -
14x14x14 cm cada)

Três blocos de concreto
(120x14x20 cm cada)



FOTO: ANDERSON ASTOR

TÚLIO PINTO

Brasília/DF, 1974.

Reside e trabalha em Porto Alegre, onde conclui o curso de Artes Visuais da UFRGS, com ênfase em escultura, no segundo semestre de 2009. É também cofundador e integrante do Ateliê Subterrânea. Realizou e participou de exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior com destaque para Trajetórias Ortogonais (Instituto Goethe - Porto Alegre - 2009), Nihil Obstat (Oi Expressões Porto Alegre - 2009 - curadoria Marcello Dantas), Duas Grandezas (Galeria Iberê Camargo - Usina do Gasômetro - Porto Alegre - 2009) e Do Acúmulo à Saturação (Galeria Por Amor à Arte - Porto | Portugal - 2005).

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

2009

comissão julgadora

AGNALDO FARIAS

AGNES MEYER-BRANDIS

AXEL LIEBER

BIANCA KNAAK

EDUARDO VERAS

ELIDA TESSLER

FRANCISCO KLINGER CARVALHO

GAUDÊNCIO FIDELIS

ICLÉIA CATTANI

JAILTON MOREIRA

KARIN LAMBRECHT

MARIA HELENA BERNARDES

MÔNICA ZIELINSKY

PAULA RAMOS

PAULO GOMES

STEFAN SOUS

VERA CHAVES BARCELLOS

AGNALDO FARIAS

Orgulho-me de haver participado da 1ª Edição do Concurso de Artes Plásticas, promovido pelo Goethe-Institut de Porto Alegre em 2000.

“Basta passar em revista as premiações ocorridas nesses 10 anos de existência do prêmio para que se tenha uma medida da sua relevância, do impulso decisivo que ele significou para a carreira de alguns dos nossos artistas mais fecundos e que hoje são respeitados no cenário artístico nacional como autores de obras marcantes.”

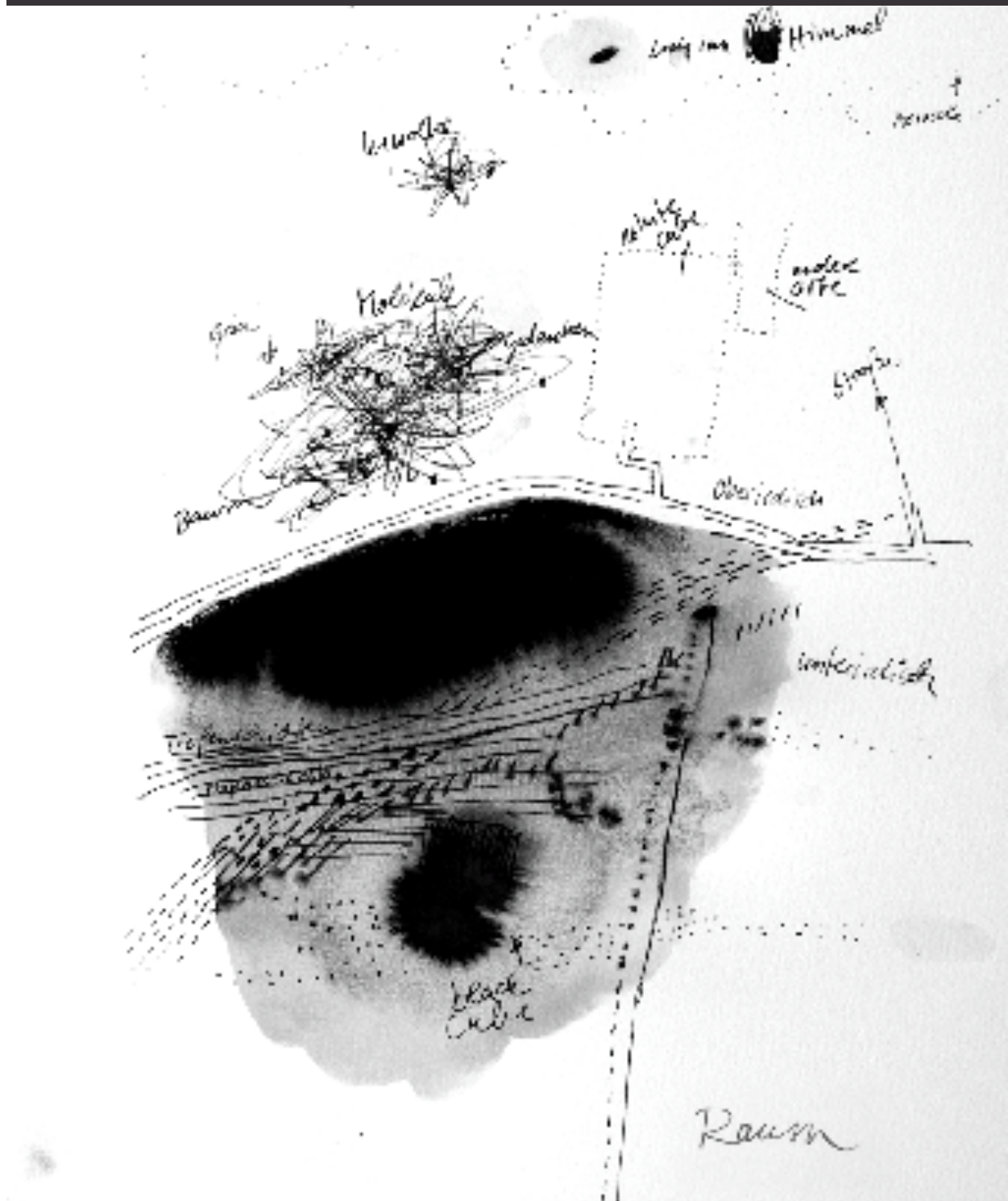
O Concurso de Artes Plásticas do Goethe-Institut de Porto Alegre consagra o apoio que essa instituição sempre deu ao desenvolvimento de nossas artes, um papel pioneiro que hoje vem sendo mais e mais seguido por outras instituições em projetos semelhantes. Sabedor do peso jogado pela cultura no processo de construção de um país, o Goethe-Institut de Porto Alegre, ao passo em que difunde a magnífica cultura alemã, fonte inexaurível de inspiração para os nossos jovens artistas e intelectuais, contribui para a emancipação da nossa própria cultura. Uma postura institucional que nos ensina tanto pela grandeza de sua missão quanto pela generosidade com que ela é implementada.

“Es reicht aus, in Gedanken die Auszeichnungen der zehn Jahre der Existenz des Preises durchzuspielen, um sich des Ausmaßes seiner Relevanz bewusst zu werden, über den entscheidenden Impuls, den er für die Karriere einiger unserer aktivsten Künstler hat, die heute in der nationalen Kunstszene als Autoren markanter Kunstwerke respektiert werden.”

Prof. Dr. Agnaldo Farias

Professor de História da Arte da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Ex-Curador Geral do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Curador consultor do Instituto Tomie Ohtake de São Paulo. Curador da 29ª Bienal Internacional de São Paulo (2010).

AGNES MEYER-BRANDIS



Agnes Meyer-Brandis

Vive e trabalha em Colônia, na Alemanha. Seu trabalho descreve o ponto em que se encontram a arte e a ciência. Realiza uma pesquisa dos limites entre fato e ficção. Ocupa-se com espaços públicos e imaginários.

Lebt und arbeitet in Köln. Ihre Arbeit beschreibt eine Wanderung an der Schnittstelle von Kunst und Wissenschaft, und erforscht die Grenzen zwischen Fakt und Fiktion. Sie beschäftigt sich mit Orten des Öffentlichen und des Imaginären.

Espaço para a arte

Arte pode ser produzida em qualquer lugar. No ateliê ou na mesa da cozinha, no ônibus ou na oficina, na cabeça ou no bolso da calça. Há artistas que trabalham sem ateliê, pela cidade, em viagem, em casa. Ainda assim, a maioria dos artistas precisa de um espaço concreto, como plataforma para apresentar, expor e comunicar seu trabalho. Muitos desses espaços são ditos comerciais ou institucionais, como galerias e museus. Um espaço no qual se podem realizar projetos e que, além disso, está ancorado na cena artística local é uma exceção mais que bem-vinda.

O Goethe-Institut Porto Alegre oferece a artistas da região a possibilidade de se candidatarem à execução de um projeto e exposição em sua galeria, sendo estes a cada ano escolhidos por uma comissão julgadora diferente. Desse modo, assegura-se que não sejam percorridos caminhos conhecidos, mas que sejam escolhidos sempre novos e promissores projetos. Com a inclusão do Artist in Residence alemão do ano nos trabalhos do júri, consegue-se também que um novo olhar seja lançado sobre a cena artística local.

Como Artist in Residence em Porto Alegre, tive o privilégio de conhecer muitos artistas locais e seus respectivos trabalhos. Não apenas através da rede de contatos de meus amigos artistas Elida Tessler e Jailton Moreira, mas também através do trabalho no júri do Concurso do Instituto Goethe. Assim, essa galeria não se resume a uma possibilidade para artistas locais apresentarem seu trabalho a um público interessado, mas constitui um ponto de contato com os artistas presentes na casa.

Axel Lieber

Nascido em 1960, vive e trabalha em Malmö, na Suécia, e Berlim, na Alemanha, como escultor e membro da *inges idee* (arte no espaço público). Formado na Academia de Artes de Düsseldorf, tem participado de inúmeras exposições internacionais desde 1985.

www.ingesidee.de

Raum für Kunst

Kunst kann überall entstehen. Im Atelier oder am Küchentisch, im Bus oder der Werkstatt, im Kopf oder in der Hosentasche. Es gibt Künstler die ohne Atelier arbeiten, in der Stadt, auf Reisen, zuhause. Dennoch benötigen die Mehrzahl der Künstler trotz allem einen festen Raum, und zwar als Plattform um ihre Arbeiten vorzustellen, auszustellen, zu kommunizieren. Viele dieser Räume sind kommerziell oder institutionell codiert, so etwa Galerien oder Museen. Ein Raum, bei dem Projekte zur Realisierung eingereicht werden können, und der darüber hinaus in der lokalen Kunstszene verankert ist, ist deshalb eine mehr als wohltuende Ausnahme.

Das GI POA bietet Künstlern der Region die Möglichkeit, sich mit einem Projekt für eine Ausstellung und Realisierung in den Räumen ihrer Galerie zu bewerben, die jedes Mal durch eine neue Jury ausgewählt werden. Somit wird sichergestellt, dass keine eingefahrenen Wege beschritten werden, sondern jedes Mal aufs Neue die vielversprechendsten Projekte ausgewählt werden. Durch die Einbeziehung des jeweiligen Artist in Residence in die Juryarbeit wird darüber hinaus ein frischer Blick auf die einheimische Szene gewährleistet.

Als damaliger Artist in Residence in Porto Alegre habe ich das Privileg genossen, viele Künstler der Region und deren Arbeiten kennengelernt zu haben. Nicht nur durch das Kontaktnetz meiner Künstlerfreunde Elida Tessler und Jailton Moreira, sondern unter anderem auch durch die Jury Arbeit für die Galerie des GI. Die Galerie ist somit nicht nur eine Möglichkeit für lokale Künstler ihre Arbeiten einer interessierten Öffentlichkeit vorzustellen, sondern bildet auch eine Schnittstelle mit den im Hause anwesenden Künstlern.

Axel Lieber, geb 1960, lebt und arbeitet in Malmö/Schweden und Berlin als freier Bildhauer und Mitglied von inges idee (Kunst im öffentlichen Raum).

Studium an der Kunstakademie Düsseldorf, zahlreiche internationale Ausstellungen seit 1985.

www.ingesidee.de

Mundo e lugar – espaço para a arte contemporânea

Segundo o geógrafo brasileiro Milton Santos¹, seria próprio do mundo produzir normas e ordens; ao lugar, felizmente, caberia a função de deformá-las, reinterpretá-las. Das contradições entre mundo e lugar, surgiria a história. História da arte inclusive.

“Desde as investidas na arte e vida cotidiana das vanguardas históricas à estética relacional dos artistas semionautas, muitas discussões visam compreender (ou seria legitimar?) a produção artística emergente.”

“Seit dem Überfall der historischen Avantgarde auf die Kunst und das Alltagsleben bis zur Beziehungs-Ästhetik (estética relacional) der Künstler der Gegenwart, versuchen viele Diskussionen das aufkommende künstlerische Schaffen zu verstehen (oder vielleicht zu legitimieren?).”

Da representação do espaço renascentista, pictoricamente virtualizado pela perspectiva geométrica, até a ativação do espaço pela presença de obras num campo ampliado, a arte se pulverizou em meios, modos e atitudes. E, sem parar, segue desdobrando suas proposições e enriquecendo suas práticas em interface com diferentes áreas do conhecimento.

Nesses diálogos transnacionais, mundo afora, concepções de identidade, território, regionalismo, centro e periferia foram igualmente ampliadas, desconstruídas e até rechaçadas. No amálgama desses embates, em

¹ Em entrevista ao jornal O Globo, Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1994.

BIANCA KNAAK

instituições e institucionalização dos meios promotores/produtores de arte e cultura (onde, obviamente, não se excluem as disputas por poder e hegemonia), localizamos uma alternativa integrada e saudável, um espaço vivo, ativo e solidário para a experimentação artística. Um lugar de atuação no campo da arte. Neste, além dos aspectos criativos e produtivos, tais como a engenharia de inserção de artistas num espaço de visibilidade nacional e internacional, destaca-se o trabalho sério e continuado do Concurso de Artes Plásticas do Goethe-Institut.

Ao longo de 10 anos, “o Goethe”, com muito rigor e sensibilidade, vem abrindo suas portas para a experiência estética compartilhada, num esforço político, administrativo e interpretativo das condições atuais de produção artística local. O legado dessa trajetória repercute tanto na movimentação cultural da cidade quanto na constância de sua programação e na projeção dos artistas que seguem ocupando esse tão prestigiado espaço – mundo e lugar – para a arte contemporânea.

Bianca Knaak

Doutora em História. Professora Adjunta do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS. Entre 1999 e 2002, dirigiu o Instituto Estadual de Artes Visuais e o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul.

Arte e espaço

I

Cildo Meireles pede a seu interlocutor que feche os olhos e mantenha os ouvidos atentos, que procure perceber os sons mais próximos e os mais distantes.

É essa percepção – auditiva, concentrada – que define o espaço: até onde a audição alcança.

A finitude (ou a infinitude) do espaço depende do volume dos sons que se produzem no entorno do sujeito e da atenção que ele se dispõe a oferecer a eles.

II

Maria Helena Bernardes, em caminhadas pelas ruas de Porto Alegre, mantém a atenção voltada para refugos arquitetônicos, aqueles vazios da configuração urbana que, no contínuo desenho e redesenho da cidade, acabam sem dono e sem função. Um dia, ela está absorta, admirando um desses vãos, quando alguém lhe pergunta: “O que a senhora está olhando?”

Maria Helena: “Essa vaga”.

O entrevistador: “Mas aí não tem nada!”.

E, no entanto, ela estava certa de que olhava para algo.

Havia um espaço.

III

No cinema, um ao lado do outro, os dois meninos estão preocupados em dividir o braço comum das suas poltronas:

“Até aqui é meu. Dali em diante é teu”.

Concordam com a existência de uma linha imaginária, uma linha que divide longitudinalmente a porção de braço de poltrona que cabe a cada um. Ocorre que a linha – a linha mesma – ocupa um lugar no espaço. Esse lugar pertence a quem? Aos dois meninos? Nesse caso, seria preciso dividir a própria linha divisória?

“Schhh! O filme já vai começar!”

“ E, no entanto, ela estava certa de que olhava para algo. ”

“ Und dennoch war sie überzeugt, dass sie etwas betrachtete. ”

Eduardo Veras

Jornalista, doutorando em Artes Visuais pela UFRGS, professor na Unisinos.

ELIDA TESSLER

SIM

e sim eu disse sim eu quero Sim
James Joyce - Ulisses

SIM, participar de um momento inaugural é um privilégio.

“ SIM, estar presente onde algo novo se instaura reafirma o valor de uma aposta na invenção. ”

“ JA, dort anwesend zu sein, wo etwas Neues entwickelt wird, bestätigt von Neuem den Wert, auf Erfindung zu setzen. ”

SIM, no momento em que o Goethe Institut de Porto Alegre lança o CONCURSO DE ARTES PLÁSTICAS, abrem-se novas possibilidades para um outro tipo de espaço para a arte contemporânea. Ciente de sua posição essencial no que concerne ao intercâmbio cultural na cidade e de suas potencialidades articuladoras entre pensadores, filósofos, artistas, professores e alunos de diversas áreas, o Goethe Institut aponta o fluxo, o curso, o movimento visível de uma ideia.

SIM, integrar o júri da segunda edição do concurso também inaugura em mim essa mesma potência afirmativa da nova situação proposta. Junto com Jailton Moreira, eu tinha a experiência do Torreão como pensamento em torno das relações entre arte contemporânea e lugar específico de apresentação. Como professora do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS, acompanhava a formação de artistas em seus processos de criação. Rolf Wickert, artista residente do projeto conjunto entre o Goethe Institut e o Torreão, também esteve presente, dando início a uma sistemática de participação anual de um artista alemão na comissão de seleção a cada ano. Participaram ainda dessa edição Leonor Amarante, crítica de arte e uma das curadoras da III Bienal do Mercosul, e Karin Lambrecht, artista próxima a todas atividades do Goethe.

ELIDA TESSLER

“SIM, artistas respondem com projetos em múltiplas linguagens ao novo espaço para a arte contemporânea em Porto Alegre. A proposta do concurso encontra ressonâncias e cria expectativas produtivas.”

“JA, in zahlreichen Sprachen reagieren Künstler mit Projekten auf den neuen Raum für zeitgenössische Kunst in Porto Alegre. Die Idee des Wettbewerbs findet Widerhall und erzeugt produktive Aussichten.”

SIM, as edições do concurso assumem uma periodicidade e criam as suas sistemáticas de avaliação seletiva, levando em consideração a qualidade dos trabalhos inscritos, a trajetória dos artistas proponentes e a viabilidade de realização dos projetos a partir das condições físicas do local.

SIM, o Goethe Institut investe em seus espaços e modifica pouco a pouco a sala de exposições, sempre permeável aos outros lugares do instituto, como a recepção, a biblioteca, o auditório, o bar, os elevadores que conduzem às salas de aula. A arte exposta é também espaço de transposição.

SIM, encontros e discussões com o artista no local da exposição também fazem deste espaço uma espécie de olho d'água de onde nasce o rio, de onde se forma o fluxo, de onde é possível ousar um desvio.

SIM, dez anos se passaram a partir do lançamento do primeiro Concurso de Artes Plásticas, que agora já se encontra com suas bases conceituais próprias, critérios de seleção lapidados e intercâmbios institucionais estabelecidos.

SIM, dez vezes sim, sendo que cada afirmação move-se como onda em um mar de possibilidades, quando o horizonte é justamente aquele que delinea espaços de diferentes correntes, direções e fluxos.

Elida Tessler

Artista e professora do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em História da Arte pela Université Paris (Panthéon-Sorbonne).

O espaço para as artes contemporâneas

Para escrever sobre um tema tão complexo, necessitaria de um tempo longo para pesquisar, analisar e concluir, tomando como base leituras científicas. O que escreverei não é fruto de aprofundamento e pesquisa teórica, e sim uma reflexão pessoal do que ocorre no entorno do sistema das artes atuais.

Nesse ambiente, falar sobre o espaço para as artes contemporâneas presidirá a divagação dialógica, o que me vem, sobretudo, dos fenômenos culturais, sociais e políticos que permitiram as rápidas mudanças no cenário mundial das artes, desde o término do modernismo. Ao me referir assim, aponto para o espaço das artes nas políticas culturais dos países; o espaço das artes nas sociedades globalizadas; o espaço das artes contemporâneas nos cenários de um planeta que exige novas e urgentes espacialidades demográficas; o espaço das artes do aqui e agora na realidade das sociedades virtuais.

A arte contemporânea está repleta das mais variadas linguagens. A meios convencionais, como pintura, escultura, desenho e gravura, são acrescentadas outras linguagens, como cinema, vídeo, corpo, fotografia, iluminação, laser, arquitetura, sons, design, palavras, política, física... Todos esses componentes reconceituam-se a cada fração de tempo e provocam mutações nos espaços de recepção tangíveis ou intangíveis. Pluralismo é a palavra de ordem para descrever toda a massa de estilos e linguagens que se colocam à disposição de um artista: não lhe interessa mais somente fazer uso de uma linguagem, ser dono de um estilo, de uma técnica; ele lança mão de tudo o que é preciso para executar sua obra. Com a bênção de Duchamp, Beuys e Paul Thek, a arte aproxima-se da vida, perde sua aura, sacraliza-se, converte-se em produto e desmaterializa-se...

A produção contemporânea passa a se apropriar de tudo o quanto se possa imaginar em disponibilidade no cotidiano, na realidade próxima do artista. Assim, intervindo em espaços urbanos, naturais, no corpo, nos territórios, na esfera política, nos sítios, na interatividade, na presença, na ausência, saindo do

FRANCISCO KLINGER CARVALHO

contexto meramente contemplativo ou nele permanecendo, como produto da vida e da cultura, a arte contemporânea é fruto e consequência da sociedade globalizada.

Do ponto de vista físico, os museus e outros espaços de salvaguarda são construídos para se adequar às necessidades da arte contemporânea. Exposições como Documenta e Bienais pipocam por todos os cantos do mundo, mas vão banalizando-se; Skulptur Projekte Münster são espelhos para o pensamento do espaço na arte contemporânea. Sob a ótica mercadológica, destacam-se as feiras que, muitas vezes, institucionalizam-se.

Porém, não vou me aprisionar em nenhuma digressão objetiva, pois, sendo artista e mantendo minha fidelidade ao começo, para mim, o lugar da arte contemporânea talvez seja mesmo um não lugar, um espaço construído com estrutura inabalável no imaginário de homens e mulheres, educados desde a infância para decodificar os conteúdos cognitivos, evocativos e simbólicos, que fazem de qualquer expressão cultural um valor para além do seu tempo.

“ ...o lugar da arte contemporânea talvez seja mesmo um não lugar... ”

“ ...Vielleicht ist der Ort der zeitgenössischen Kunst in Wirklichkeit ein „Nicht-Ort“... ”

Francisco Klinger Carvalho

Óbidos (PA), 1966.

Pós-graduado pela Academia de Arte de Düsseldorf na Alemanha. Desde 1986, participa de exposições individuais e coletivas no Brasil, na Europa e na América. Vive e trabalha em Bogotá, na Colômbia.

GAUDÊNCIO FIDELIS

Uma ausência visível no ambiente artístico brasileiro

É senso comum que não nos faltam espaços para a produção contemporânea e que nunca antes tivemos tantos espaços e oportunidades para exibí-la. Mas é possível dizer do mesmo modo que há também uma dificuldade em gerenciá-los adequadamente, com criatividade, excelência e rigor técnico. Há exceções, é claro, mas a maioria delas vem de lugares que representam vias alternativas que introduzem programas para a arte contemporânea. Raramente da administração pública ou mesmo privada, ou seja, da institucionalidade.

O Brasil vem, ao longo das três últimas décadas, lutando com uma dificuldade que parece persistir no cerne do universo cultural brasileiro: aquela da formação de paradigmas de longo prazo para a veiculação sistemática e criteriosa de sua produção em nossas instituições. Na área de arte contemporânea, uma breve retrospectiva nos faz lembrar alguns exemplos de sucesso (que não exclui outros evidentemente). Entre eles, podemos citar o projeto ABC - Arte Brasileira Contemporânea (1980-83) e o ciclo Perspectivas Recentes da Escultura Contemporânea Brasileira (1987-88), ambos da FUNARTE, o Ciclo de Instalações do Centro Cultural São Paulo (1991-92) e o CABC-Ciclo Arte Brasileira Contemporânea do Instituto Estadual de Artes Visuais do RS (1991-93). Infelizmente, como modelos, eles não encontraram continuidade em um universo de competência técnica de administração em arte, principalmente nas nossas instituições.

No outro lado dessa equação, encontra-se uma produção artística extraordinária, situada entre as melhores do mundo, e nossos artistas têm inclusive conseguido estabelecer uma verdadeira carreira internacional em reconhecimento ao seu trabalho. Até

GAUDÊNCIO FIDELIS

mesmo o mercado editorial na área expandiu-se significativamente nesta última década. Qual seria, então, a causa de nossa persistente dificuldade na formação de quadros na área administrativa? De nossa congênita falta de memória, já que é ela que torna possível a consolidação de paradigmas administrativos através de um processo acumulativo de aprendizado? A resposta a tais questões não é simples. Mas essa ausência contínua, com certeza, encontrará algum alívio nas vias alternativas que muitas vezes nos salvam do terreno árido do espaço da institucionalidade fraca que persiste no ambiente artístico brasileiro.

“ ... nossa produção artística é extraordinária, uma das melhores do mundo, e nossos artistas têm inclusive conseguido estabelecer uma verdadeira carreira internacional em reconhecimento ao seu trabalho. ”

“ ... Unsere künstlerische Produktion ist ausgezeichnet, eine der Besten der Welt, und dazu hinzukommend haben unsere Künstler es geschafft, eine wirkliche internationale Karriere in Anerkennung ihrer Arbeit zu begründen. ”

Gaudêncio Fidelis

É Curador independente. Mestre em arte pela New York University (NYU) e doutor em História da Arte pela State University of New York (SUNY). Foi curador-adjunto da 5ª Bienal do Mercosul em 2005.

A arte contemporânea e seus lugares de reflexão

Ao pensarmos sobre a arte contemporânea e seus lugares de reflexão, torna-se necessário destacar suas possibilidades de exposição qualitativa, fruto de uma seleção ponderada por especialistas na área.

“A confrontação com obras instigantes, que tragam elementos desafiadores e que demonstrem um grau indispensável de amadurecimento, é imprescindível. São elas que assinalam, em seus elementos constitutivos próprios, problemáticas, conceitos, teorias que complexificam e enriquecem sua compreensão.”

O espaço de exposição igualmente se qualifica com a presença de tais obras. Assim, uma mostra pode realmente contribuir para o avanço do conhecimento e da compreensão sobre a arte e seus desafios.

Porto Alegre, em épocas passadas, dispunha de muito poucos locais a proporcionar esse encontro qualitativo com as obras, especialmente em suas manifestações atuais. O Goethe Institut desempenhou nesse sentido um papel muito importante no cenário artístico da cidade ao criar, há 10 anos, o Concurso de Artes Plásticas. Com este, abriu uma nova etapa em seu trabalho histórico pela promoção das manifestações artísticas, propiciando a presença constante do melhor da arte realizada no Estado. O concurso prioriza o trabalho de artistas que estão iniciando sua carreira, mas permanece aberto àqueles já consagrados que tragam novas propostas. Desse modo, favorece o diálogo entre as obras de diferentes gerações, dinamizando o campo e tornando-se ainda mais um lugar de reflexão, que contribui para a produção de conhecimento sobre a produção artística contemporânea.

“Die Konfrontation mit treibenden Werken, die herausfordernde Elemente mit sich führen und einen unerlässlichen Reifegrad besitzen, ist unabdingbar. Sie sind es, die durch ihre eigenen konstitutiven Elemente Problematiken, Konzepte und Theorien signalisieren, welche unser Verständnis komplexer Formen und bereichern.”

Icléia Borsa Cattani

Pesquisadora e crítica de arte. Professora de História da Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

JAILTON MOREIRA

“ Um espaço de exibição de arte contemporânea não significa apenas a identificação de seus dados métricos para apontar a sua capacidade cúbica. ”

“ ...Ein Ausstellungsraum zeitgenössischer Kunst stellt nicht nur die Identifizierung seiner metrischen Gegebenheiten dar, um auf sein kubisches Leistungsvermögen hinzuweisen... ”

Era a noite de abertura da exposição de Lucas Levitan, denominada Três Pinturas, um dos artistas selecionados na IV edição do Concurso de Artes Plásticas do Goethe-Institut. Fui convidado para escrever o texto do convite. Segue um fragmento:

A galeria está aparentemente vazia. Três focos de luzes enfatizam o branco da parede, criando uma sutil hierarquia dentro do vazio. Temos a tendência a nos distanciar desses focos da mesma maneira que nos afastamos de uma pintura. Ao encontrarmos a justa distância, ouvimos um som sobre nossa cabeça. São três descrições de pinturas imaginárias. As narrações nos convidam a projetar as imagens cuidadosamente relatadas sobre a parede. A difícil concentração, as traições da memória e a defasagem entre as linguagens tornam a tarefa frustrante.

Inesperadamente, o novo diretor do Goethe, Reinhard Sauer, que acabava de chegar na cidade, começa a improvisar um discurso, prática nada habitual na abertura de exposições de jovens artistas. Lembro que, constrangido, temi pelo pior. Porém, logo o tom informal e confessional da fala desfez qualquer ideia pré-concebida.

JAILTON MOREIRA

Ele falou que, vendo sozinho a exposição, lembrou da primeira vez que a sua mãe o levou ao cinema. Devia ter uns cinco anos e estava sentado no colo dela mirando a grande tela em branco. Ela contou que dentro de instantes iriam aparecer ali as imagens mais fantásticas do mundo. Tudo o que ele poderia imaginar estaria ali, na sua frente, dentro de poucos minutos. Reinhard Sauer disse que, durante esse tempo de espera e expectativa, passou na sua imaginação o filme mais bonito de toda a sua vida.

Relembro essa história para mostrar um pouco do que aprendi nesse espaço nesses 10 anos. Primeiro, que o texto que se mostra distante e analítico pode não ser a melhor forma de nos aproximamos de uma obra. Segundo, que um espaço de exibição de arte contemporânea não significa apenas a identificação de seus dados métricos para apontar a sua capacidade cúbica. É, acima de tudo, um local de compreensão e de cumplicidade com o artista. É a aposta inequívoca na produção jovem, voltada para características mais experimentais. É a continuidade sistemática dessa aposta na qual os processos de organização, seleção e exibição escutam diferentes vozes.

Se sou indiscreto em revelar esse episódio, é somente porque aprendi a lição.

Jailton Moreira
Setembro/2009

Jailton Moreira

Artista plástico, professor e curador. Como artista, participou de exposições como a III e V Bienal do Mercosul, o Panorama da Arte Brasileira de 2001, 2003 e 2005 no MAM, SP. Criador do Torreão (1993), juntamente com Elida Tessler. Curador do Rumos Visuais do Itaú Cultural (1999/2003).

KARIN LAMBRECHT

O espaço para a arte contemporânea num contexto específico: Goethe-Institut Porto Alegre.

Arte contemporânea simplesmente é arte da atualidade? A resposta é uma grande e complicada questão que não cabe aqui nestas poucas linhas... E não sei onde caberia, exatamente. Pouco cabe em um nome ou em um conceito verdadeiramente; até o nome da cidade Porto Alegre sabemos, nós que vivemos aqui, que não significa em sua natureza urbana simplesmente uma cidade alegre!

“ Em contrapartida a afeições ou dilemas culturais, naturais e artificiais, entre outros fatos vivos e atuais, em Porto Alegre fundou-se num ambiente institucional alemão, Goethe-Institut desta cidade, um singelo e crítico espaço aberto para exposições individuais. ”

“ Im Gegenzug zu natürlichen oder künstlichen kulturellen Zuneigungen oder Dilemmata, zwischen anderen lebendigen und aktuellen Fakten, wurde in Porto Alegre in einem deutschen institutionellen Ambiente, dem Goethe-Institut, ein schlichter und kritischer Raum für Einzelausstellungen gegründet. ”

Karin Lambrecht

1975 a 1979 - Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

1980 a 1983 - Estudou Pintura com Raimund Girke, Universität der Künste Berlin (H.D.K. - Berlin).

MARIA HELENA BERNARDES

Ao lado de outra colega artista, fui convidada pela direção do Instituto Goethe, em 1998, para contribuir na formulação do regulamento do futuro Concurso de Artes Plásticas.

Juntas, examinamos editais de eventos de perfil similar, em funcionamento em outros estados, buscando condições que assegurassem a qualidade que o Instituto Goethe reivindicava para o novo projeto.

“Antes de tudo, planejava-se um evento que contemplasse a novíssima produção local e que desse visibilidade a propostas não de todo acabadas, mas com o sabor da experimentação e busca incerta que trazem um frescor característico à produção do jovem artista.”

“Zunächst plante das Institut eine Veranstaltung, die die neueste lokale Produktion betrachten würde. Sie sollte den Ideen Sichtbarkeit verleihen, die noch nicht ganz vollendet sind, aber einen Geschmack von Experimentellem und ungewisser Suche und so eine charakteristische Frische des jungen künstlerischen Schaffens mit sich bringen.”

Naturalmente, o regulamento foi aprimorado e o perfil do concurso foi se conformando ao longo de suas edições. Desde o início, porém, a iniciativa de ouvir membros da comunidade artística, antes de propor verticalmente um evento pré-formatado, já sinalizava que o projeto cresceria em uma troca saudável com essa mesma comunidade, que o alimenta e é anualmente alimentada por ele.

O concurso foi proposto em um momento de desânimo em relação às salas públicas da capital. As Galerias Xico Stockinger, o MAC, o antigo Projeto João Fahrion e a Galeria Iberê Camargo, instituições de referência na década anterior, já haviam mergulhado – ou estavam em vias de fazê-lo – no esquecimento administrativo do qual não voltaram a emergir. De outro lado, nesse intervalo, novas instituições abriram suas portas na capital.

As edições da Bienal do Mercosul sucederam-se, alcançando projeção internacional; a Fundação Iberê Camargo ganhou sua notável sede e novos centros culturais plantaram-se no centro da cidade. Ainda assim, o abrigo ou o portal de acolhimento ao jovem artista, a instituição que o toma pela mão para apresentá-lo à comunidade, de forma respeitosa e profissional, essa ainda tem como endereço a Galeria do Goethe, como a chamamos carinhosamente na cidade.

Cumpridos esses 10 anos, só nos cabe dar os parabéns calorosos à equipe que o mantém com tanta dedicação e seriedade, desejando longa vida ao concurso!

Maria Helena Bernardes

Bacharel em artes plásticas pela UFRGS e professora de História e Teoria da Arte na Arena, associação sediada em Porto Alegre, dedicada a projetos de artistas, além de formação teórica na área de artes. É autora do livro *Vaga em Campo de Rejeito*, publicado por Areal. Atualmente, desenvolve os trabalhos artísticos *A estrada que não sabe de nada*, em parceria com Ana Flávia Baldisserotto, e *Histórias de Península e Praia Grande*, ao lado de André Severo, no projeto Areal.

Arte contemporânea: caminhos para se perceber o mundo

“ A arte do nosso tempo traz consigo reflexões significativas para se pensar o mundo. Ela leva em consideração, em sua constituição, as velozes transformações da história presente e devolve a este mundo uma visão crítica da sua experiência de percebê-lo.”

“ Die Kunst unserer Zeit bringt bedeutende Perspektiven, die Welt zu sehen, mit sich. In ihrer Gestaltung berücksichtigt sie die raschen Veränderungen unserer Gegenwart und bringt dieser Welt, durch ihre Erfahrung, eine kritische Vision sie wahrzunehmen entgegen.”

Os artistas optam, em suas práticas, por caminhos altamente experimentais e testam todas as possibilidades materiais, de lugar, de tempo, de gêneros artísticos, da interatividade, da ficção e da matéria através de produções muito plurais. Essas obras tramam-se na diversidade de culturas, mesclam-se à ciência e à tecnologia, apoiam-se em alguns princípios das ciências humanas e também naquilo que a própria natureza oferece. Expandem-se para além de quaisquer limites disciplinares, põem à prova a sua condição institucional e a sua circulação pública.

A arte contemporânea é um veículo da tomada de consciência dessas interrogações. Ela se reconfigura continuamente a partir desses novos desafios que o conhecimento e a experiência trazem à consciência humana. Nesse sentido, é uma arte que traz ao espectador uma riqueza heterogênea de leituras do homem, da vida, do mundo e dessas relações recíprocas.

Contudo, para o adensamento dessas leituras, não é possível omitir referências a algumas valiosas remissões históricas. Desde a década de 1960, a arte vem sendo marcada por um processo contínuo de ampliação de suas fronteiras ao questionar fundamentalmente o artístico. Arte do corpo, arte pobre, land art, arte conceitual, arte pop e happenings, entre outros, debatiam os conceitos de obra e muito mais – as convenções que alicerçaram durante séculos as tradições da prática e do entendimento da arte. As pesquisas sobre a fotografia e seu emprego como arte nos anos 1970, o vídeo mais tarde, as instalações nos anos 1980, as intervenções da escultura e da pintura em seus campos ampliados nos anos 1980 e 1990 exacerbam essas contestações.

MÔNICA ZIELINSKY

Em nosso tempo, esses conhecimentos são essenciais para se perceber a raiz de muitas das possibilidades que a arte contemporânea traz à luz; porém, pode-se pensar ainda que ela estende para muito além esses mesmos pontos nevrálgicos que a arte precedente apontava ao fazer irradiar hoje uma prática que dilacera o artístico e confunde seus limites com a vida e o cotidiano, com o não autoral e o informe.

Diante desses princípios, é preciso pensar essa arte e, mais que tudo, experimentá-la no atual. É preciso reconhecer o modo como ela se refere ao mundo. Mas também se poderia perguntar aos artistas sobre o que desejam acrescentar ao mundo através dela e suas razões para isso.

Essa arte vem sendo vivamente estimulada pelo Goethe Institut de Porto Alegre, graças ao programa das exposições para jovens artistas durante os últimos 10 anos, sempre coroado de fascinantes e polêmicos resultados. Eles vieram marcados por essa arte referida e exposta. Não deixou, nem uma única vez, de trazer suas discussões e os aspectos antes mencionados sobre a arte contemporânea.

No entanto, cabe a nós continuarmos a refletir sobre ela e a experimentá-la intensamente, sem preconceitos, pois só assim aguçaremos nossas lúcidas e sensíveis percepções do mundo, por meio da inventividade de cada artista, de sua ótica crítica sobre os fatos e sobre a vida. E, através dela, percorreremos cada vez mais caminhos férteis e profundos de significados, os quais nos levarão a perceber, de nossa parte, também de forma mais adensada, os contornos instáveis e conturbados do nosso próprio mundo.

Mônica Zielinsky
Outubro de 2009.

Mônica Zielinsky

Doutora em Arte e Ciências da Arte na Universidade de Paris I – Panthéon – Sorbonne. Docente no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordena a catalogação da obra de Iberê Camargo na Fundação Iberê Camargo. Foi coordenadora de Formação na 4ª Bienal do Mercosul (2003) e integrou o Conselho Curador da Fundação Iberê Camargo de 2001 a 2008. Atualmente, compõe o Conselho Consultivo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

Goethe-Institut: a aposta no contemporâneo

Pelo menos desde o final da década de 1990, Porto Alegre vem experimentando mudanças significativas no que tange ao campo das artes visuais. A cidade não apenas criou e abriga uma importante bienal internacional, interessada em lançar novos olhares à arte latino-americana, como pode se orgulhar de contar com um museu no mínimo admirável, de um dos mais reverenciados arquitetos da atualidade. Além desses empreendimentos, que estão alicerçados em expressivo vulto econômico e que envolvem tanto governos quanto empresas privadas, há, no entanto, uma série de outras iniciativas, assumidas por organizações, e mesmo por grupos de amigos, que vêm transformando paulatinamente o cenário artístico no Rio Grande do Sul e, em especial, em sua capital. A efetiva e pontual abertura do Goethe-Institut às artes visuais é uma delas.

O Goethe-Institut de Porto Alegre sempre foi uma referência cultural na cidade. Basta lembrarmos de quantos músicos, artistas, escritores e intelectuais de destaque nacional e internacional passaram pelo seu auditório; ou, ainda, de quantas exposições memoráveis tiveram a sua assinatura. A histórica, invulgar e insigne atuação do instituto ganha escala ainda maior em vista da primazia da programação e dos serviços oferecidos. Assim, não surpreende que, ao promover o Concurso de Artes Plásticas, a entidade igualmente tenha se pautado pela excelência.

Tendo como foco a arte contemporânea, o concurso completa uma década marcado por várias ousadias, entre as quais: de abrir um espaço, com condições apropriadas, aos jovens artistas; de valorizar a pesquisa e o desenvolvimento de suas propostas; de priorizar trabalhos de caráter experimental, crítico e contemporâneo, mas sem abandonar o poético; de assumir uma postura cosmopolita, exibindo tanto desenho, pintura e escultura, quanto instalação, vídeo e objeto.

- “Ao incentivar e difundir essa produção, o Goethe-Institut atesta, uma vez mais, sua perseverança na cultura e na arte como manifestações transformadoras do homem.”
- “Indem es diese Produktion anspricht und verbreitet, beweist das Goethe-Institut ein weiteres Mal seinen Glauben an Kultur und Kunst als den Menschen verwandelnde Äußerungen.”

Paula Ramos

Jornalista e crítica de arte. Doutora em Artes Visuais, ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte (UFRGS, 2007). Professora junto ao UniRitter e à UFRGS, em Porto Alegre.

PAULO GOMES

Um espaço para a Arte Contemporânea

A compreensão da ideia de arte passa pela consciência de que as mostras de arte, mais do que eventos superficiais (nos quais os diversos públicos confraternizam com a ideia elevada de que estão consumindo arte) são acontecimentos fundamentais no processo de produção artística, visto que esse momento torna visível, tanto para o artista quanto para o público, o resultado de seu trabalho. Antes de seguir seu destino, seja uma galeria comercial, uma coleção ou um evento, a produção necessita desse meio de comunicação.

“As mostras de arte assinalam a força da própria arte ao promoverem a diversidade das expressões, das tendências e dos resultados, vinculando-os nas relações entre o produtor, o público e a crítica.”

“Die Kunst-Ausstellungen heben die Kraft der eigenen Kunst hervor, und fördern die Diversität der Ausdrucksweisen, der Tendenzen und der Resultate, die die Verbindungen zwischen Produzent, Publikum und Kritik festigen.”

Uma mostra também é um acontecimento de caráter dialético, na medida em que estabelece um conceito livre de arte, promovendo para o artista a necessária acessibilidade e a consequente capacidade de juízo entre ele e os diversos agentes do processo.

A arte contemporânea tem aparentemente um grande espaço de visibilidade. Digo aparentemente porque, em realidade, essa visibilidade está condicionada a critérios restritivos, principalmente para o jovem artista, tais como os interesses comerciais, econômicos e também ideológicos que regem os locais e os eventos. Assim sendo, uma instituição que se propõe aberta à jovem produção contemporânea presta um serviço inestimável, na medida em que permite tornar pública uma produção que dificilmente extrapolaria os estreitos limites dos lugares de sua visibilidade natural, tais como as salas de aulas e os escassos eventos abertos.

Muitos são os elementos notáveis nesses 10 anos do Concurso de Artes Plásticas do Goethe-Institut: a manutenção de um lugar dedicado à exibição e difusão da produção contemporânea; um lugar de inquestionável qualificação física e conceitual; um projeto especialmente direcionado ao jovem artista; um evento no qual a associação de profissionais caracteriza-se pela sua reputação e credibilidade. Para nós que atuamos dentro do limitado sistema de artes local e que sabemos das dificuldades pelas quais passa o jovem artista, um projeto institucional que comemora dez anos de funcionamento ininterrupto, desvinculado de interesses comerciais e econômicos, livre de amarras ideológicas, é um feito digno de ser destacado e comemorado.

PAULO GOMES

Artista plástico e curador independente. Doutor em Artes Visuais – Poéticas Visuais. Atua como professor na graduação em Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFSM.

STEFAN SOUS

Ou quem sabe do contrário: qual arte para espaços contemporâneos?
O que são na realidade espaços públicos?

Onde encontramos espaços modernos, urbanos? Essa pergunta me interessa, pois meus projetos têm lugar exatamente ali.

Lidamos aqui com a imparcialidade do espectador, a percepção involuntária, o cotidiano com todas as suas exigências em relação a uma escultura, instalação, interação, ação, projeção, pintura, complementação, perturbação...

Cada situação (área urbana, praça, parque, rua, prédio) traz consigo sua própria disciplina, que pode, em cada uma de suas diferentes formas, ser definida de maneira particular por artistas e também por todos os demais. Deixar a arte acontecer em espaços destinados especificamente para isso é, para mim, algo bem distante. A arte também deve poder cumprir sua função em lugares “não consagrados” ou, justamente por si mesma, consagrar esses lugares.

Stefan Sous

Estudou na Academia de Artes de Düsseldorf com o Prof. Toni Cragg e foi aluno master em 1995. Arte na construção, projetos permanentes ou temporários no espaço público, museus, parques de esculturas, coleções particulares.

STEFAN SOUS

Oder andersrum: welche Kunst für zeitgenössische Räume? Was tatsächlich zeitgenössische Räume? Wo liegen moderne, urbane Orte? Diese Frage interessiert mich, denn meine Projekte finden hauptsächlich genau dort statt.

Wir haben es hier zu tun mit der Unvoreingenommenheit der Betrachter, der unbeabsichtigten Wahrnehmung, dem Alltag mit all seinen Anforderungen an eine Skulptur, Installation, Interaktion, Aktion, Projektion, Malerei, Ergänzung, Störung...

Jede Situation (Stadtraum, Platz, Park, Straße, Gebäude) bringt ihre eigene Disziplin mit sich, die in jeder unterschiedlich Form von Künstlern und allen anderen auf eigene Weise definiert werden kann.

Ich bin eigentlich weit davon entfernt, Kunst nur in dafür gekennzeichneten Räumen geschehen zu lassen. Ihren Dienst muss sie auch an "ungeweihten" Orten tun, oder eben diese Orte durch sich selbst weihen. Oder mehr als Kunst sein!

Stefan Sous

Studium an der staatlichen Kunstakademie Düsseldorf bei Professor Tony Cragg, Meisterschüler 1995, Kunst am Bau, permanente oder temporäre Projekte im öffentlichen Raum, Museen, Skulpturenparke, Privatsammlungen.

VERA CHAVES BARCELLOS

Espaços culturais

“ Ao ser convidada pelo Instituto Goethe para escrever um texto sobre espaços culturais, optei por um depoimento sobre espaços com os quais diretamente estive envolvida ou estou ligada até o momento. ”

“ Auf die Einladung des Goethe-Instituts hin, einen Text über kulturelle Räume zu schreiben, entschied ich mich für einen Erlebnisbericht über die Räume, mit denen ich direkt zu tun hatte oder mit denen ich bis heute in Verbindung stehe. ”

O primeiro espaço cultural do qual participei foi o Espaço N.O. (1979-1982), que funcionou em uma das salas do terceiro andar da tradicional Galeria Chaves, no centro de Porto Alegre. Foi um espaço alternativo com caráter multidisciplinar, sem fins lucrativos, funcionando em sistema de cooperativa, dirigido por um grupo de artistas, mas de toda maneira um diferencial numa cidade que possuía já galerias, museu de arte atuante e alguns outros espaços expositivos em diversas entidades culturais.

Os antecedentes podem ser em parte atribuídos às atividades de mais dois anos do grupo Nervo Óptico (1976-1978), ao qual pertenci. Embora muitas pessoas confundam as duas coisas, elas foram experiências totalmente distintas. Enquanto o Nervo Óptico foi um coletivo que atuou publicando um cartazete que lhe deu o nome e se caracterizou por atuações, eventos e exposições realizadas em distintos espaços, o Espaço N.O. foi criado como um espaço específico para atividades multidisciplinares de caráter contemporâneo, com foco destacado e mais constante nas artes visuais, já que as atividades de outras áreas eram sempre realizadas simultaneamente a exposições. Eram atividades de música, dança, arte teatral, leituras dramáticas, recitais de poesia, assim como conferências sobre vários temas culturais.

Foi uma experiência intensa e enriquecedora. Dos artistas que participaram do espaço N.O., além de mim, apenas Telmo Lanes pertencera ao grupo Nervo Óptico. Os outros foram Ana Torrano, Carlos Wladimirski, Cris Vigiano, Heloísa Schneiders, Karin Lambrecht, Milton Kurtz, Mário Röhnelt, Regina Coeli, Ricardo Argemi e Rogério Nazari. Dividíamos-nos em tempo e dias diferentes para que o espaço sempre estivesse aberto em determinado horário, todas as tardes e algumas noites, quando havia algum evento especial ou inauguração de alguma exposição. As mostras incluíram destacados artistas

VERA CHAVES BARCELLOS

brasileiros, a exemplo de Hélio Oiticica, Carmela Gross e Paulo Bruscki, e estrangeiros, como Mary Dritschel, Eulália Grau e Ulisses Carrión.

A segunda experiência de espaço cultural que participei foi da Obra Aberta (1999-2002), curiosamente exatos vinte anos depois do Espaço N.O. e também em outra sala do terceiro andar da Galeria Chaves. De fato, foi uma galeria de arte que veiculou, em quase duas dezenas de exposições, a obra de artistas com linguagens contemporâneas. A Obra Aberta inaugurou com uma exposição de Carlos Pasquetti, que juntamente a mim e a Patrício Farias foi também um dos animadores do espaço no qual se alternaram mostras coletivas e individuais com linguagens distintas, como instalações, fotografia, esculturas e mesmo pintura e desenho de teor contemporâneo. Ali expuseram artistas como Mario Ramiro, Nick Rands, Maria Lucia Cattani, Lia Menna Barreto, Nazareth Pacheco e Antoni Muntadas, apenas para citar alguns.

Um ano depois do fechamento da Obra Aberta resolvi, depois de anos amadurecendo a ideia, criar uma fundação que leva o meu nome para a divulgação da arte contemporânea e também para a conservação e a divulgação de meu próprio trabalho. No mesmo espaço que fora a Obra Aberta, iniciou-se algum tempo depois uma atividade contínua de exposições que durou até fins de 2008, sempre acompanhada por eventos paralelos geralmente em parceria com outras entidades culturais de Porto Alegre. Um dos eventos mais concorridos foi a performance do artista catalão Marcel·lí Antunez, em parceria com o Instituto Goethe, realizada em agosto de 2006. A FVCB, desde o seu surgimento, vem ampliando por aquisições contínuas seu acervo de obras e dará continuidade às suas atividades expositivas e educativas brevemente em um novo espaço expositivo, criado especialmente para isso na área metropolitana de Porto Alegre.


Vera Chaves Barcellos

Viamão, 6 de outubro de 2009.

Vera Chaves Barcellos

Artista e diretora-presidente da Fundação Vera Chaves Barcellos.





Rua 24 de Outubro, 112 - 90510-000 Porto Alegre - RS
Tel: (005551) 2118.7800 - Fax: (005551)2118.7810
programm@portoalegre.goethe.org - www.goethe.de/portoalegre